



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CLÉRYSTON RAFAELL WANDERLEY DE MEDEIROS

USO DAS CULTURAS E RESSIGNIFICAÇÃO DAS “IDENTIDADES” NA REGIÃO  
DO SERIDÓ NORTE-RIO-GRANDENSE: DIMENSÕES SIMBÓLICAS, ARTES DE  
FAZER E REPRESENTAÇÕES NA FESTA DE SANT’ANA DE CAICÓ

CAMPINA GRANDE – PB

2012

CLÉRYSTON RAFAELL WANDERLEY DE MEDEIROS

USO DAS CULTURAS E RESSIGNIFICAÇÃO DAS “IDENTIDADES” NA REGIÃO  
DO SERIDÓ NORTE-RIO-GRANDENSE: DIMENSÕES SIMBÓLICAS, ARTES DE  
FAZER E REPRESENTAÇÕES NA FESTA DE SANT’ANA DE CAICÓ

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em História, Universidade Federal de Campina Grande, Programa de Pós-Graduação em História, linha de pesquisa “Cultura, Poder e Identidade”.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juciene Ricarte Apolinário.

CAMPINA GRANDE – PB

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
Universidade Federal de Campina Grande

M488u Medeiros, Cléryston Rafaell Wanderley de.

Uso das culturas e ressignificação das “identidades” na região do Seridó norte-rio-grandense: dimensões simbólicas, artes de fazer e representações na Festa de Sant’Ana de Caicó. / Cléryston Rafaell Wanderley de Medeiros. – Campina Grande [PB], 2012.

122 f.; il. col.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Juciene Ricarte Apolinário.

Dissertação (Mestrado em Historia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Referências.

1. Festa de Sant’Ana. 2. Cultura. 3. Identidade. 4. Hibridismo. I. Medeiros, Cléryston Rafaell Wanderley de. I. Título.

CDU 291.36 (813.2)

CLÉRYSTON RAFAELL WANDERLEY DE MEDEIROS

USO DAS CULTURAS E RESSIGNIFICAÇÃO DAS “IDENTIDADES” NA REGIÃO  
DO SERIDÓ NORTE-RIO-GRANDENSE: DIMENSÕES SIMBÓLICAS, ARTES DE  
FAZER E REPRESENTAÇÕES NA FESTA DE SANT’ANA DE CAICÓ

Dissertação apresentada como requisito  
para a obtenção do título de Mestre em  
História, Universidade Federal de  
Campina Grande, Programa de Pós-  
Graduação em História, linha de pesquisa  
“Cultura, Poder e Identidade”.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29/03/2012

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Juciene Ricarte Apolinário  
Universidade Federal de Campina Grande  
(Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Christina de Andrade Lima  
Universidade Federal de Campina Grande  
(Examinadora Interna)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia de Araújo Brandão Couto  
Universidade Federal Fluminense  
(Examinadora Externa)

SUPLENTES

---

Prof. Dr. Iranilson de Oliveira Buriti  
Universidade Federal de Campina Grande  
(Suplente Interno)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina Aragão  
Universidade Estadual da Paraíba  
(Suplente Externa)

A Deus  
A Família  
Aos Amigos

## AGRADECIMENTOS

Superada mais uma fase do longo caminho que é a formação acadêmica, percebemos que nada disto teria sentido, nem mesmo teria sido possível, sem a imprescindível ajuda de uma série de figuras, sejam elas pessoas ou entidades metafísicas.

Nesse sentido devo agradecer, em primeiro lugar, aquela presença forte e marcante a quem recorremos nos momentos mais difíceis de nossas vidas, com quem conversamos todas as noites na esperança de uma resposta que nunca vem de forma clara e objetiva, mas que, mesmo assim, tendemos a enxergar e acreditar por esta estranha característica humana que é a fé.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer a todas as pessoas que ajudaram, de forma direta ou indireta, conscientemente ou não, no desenvolvimento do presente trabalho. Mais diretamente a todos os meus companheiros discentes e professores do curso de pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. No corpo dos docentes, quero tecer um agradecimento especial a Juciene Ricarte Apolinário, minha paciente orientadora, sem a qual eu estaria perdido nessa empreitada que foi a escrita da dissertação. Muito mais que as características necessárias a um pesquisador, você me ensinou a ser um professor “humano”. No auge de períodos de desmotivação, você soube dar uma palavra de incentivo e conforto, palavra que eu estava realmente necessitando como nunca. Obrigado por ser este ser humano excepcional que você é, que vê seus orientandos como o que nos somos, como outros seres humanos, que são passíveis de falhas, mas que necessitam, mais do que tudo, de incentivo especial para dar continuidade ao processo de aprendizagem. E é isso que somos: aprendizes.

Agradeço a família Medeiros de Caicó, em especial aos meus pais, meus mecenas, que sempre acreditaram e investiram na minha *futura* carreira acadêmica e que nunca me permitiram desistir. Agradeço também a Luiz Medeiros e Eunice Medeiros, representantes da família na cidade de Campina Grande, por terem tão gentilmente me acolhido, como a um filho, durante o curso de mestrado. No cantinho do seu lar que me reservaram vocês me fizeram sentir em casa, podem acreditar.

Ao Comitê de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolça de demanda social, apoio financeiro sem o qual eu não teria conseguido terminar este curso, e ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,

seccional do Rio Grande do Norte (IPHAN/RN), pela imprescindível contribuição para a conclusão deste trabalho.

Por fim, agradeço a Dalva Alves da Silva Medeiros, que em todos os momentos de minha trajetória acadêmica me incentivou, não dando margem para possíveis “desistências”. Em especial na elaboração deste trabalho dissertativo, mais especificamente corrigindo meus erros ortográficos e fornecendo grande parte das fotografias utilizadas nesta pesquisa, sem as quais a mesma não teria sido possível. Agradeço por sua paciência e seu amor.

A identidade e a relação estão no cerne de todos os dispositivos espaciais estudados classicamente pela antropologia [...] a história também, pois todas as relações inscritas no espaço se inscrevem também na duração (AUGE, 2004, p. 56).



## RESUMO

Identifica os principais símbolos e signos utilizados pelo discurso turístico como (re)criadores de uma “identidade” Seridoense através de um estudo que tem como principal recorte temático a Festa de Sant’Ana de Caicó. Faz uma problematização historicamente fundamentada acerca do processo de formação dos espaços na região do Seridó norte-rio-grandense tomando como recorte espacial a cidade de Caicó, “capital” do recém criado Polo Turístico do Seridó. Utiliza os métodos “pesquisa exploratória” em fontes bibliográficas para a construção de uma discussão teórica baseada em autores da antropologia, das ciências sociais e da história cultural. Busca compreender a “lógica” espacial criada como forma de evidenciação dos lugares, dos sistemas de significação cultural e das identidades seridoenses pelo turismo regional e entender como se deu a formação discursiva e sócio cultural dos lugares e não-lugares criados pelo/para o setor de atividades em questão. Como principais conclusões, estão as ideias de que esta reorganização do espaço seridoense ocorre por série de estratégias que ressignificam a cultura local, introduzindo novas referências identitárias, desta feita moldadas por influências externas, por fluxos de pessoas em constante transito. Percebe-se que estas novas referências baseiam-se em um mercado turístico inter-regional, em estratégias de *marketing* e venda do destino, em fluxos globais de pessoas, em uma cultura global. Com a transformação das identidades e dos referenciais culturais evidenciam-se fenômenos bastante peculiares. Em primeiro lugar, a noção de espaço também se transfigura, provocando mudanças importantes nos lugares. Em segundo lugar, a própria noção de território segue o mesmo padrão. Identifica-se que atividade turística na região do Seridó, cria um movimento ambíguo e irreversível, no qual ao mesmo tempo em que se transmutam as culturas, as identidades e os lugares, se atribui, pelas pressões do turismo, uma representação imagética estanque à estas mesmas categorias, cristalizando-as. Nesse sentido, aos olhos do mundo, também ocorre uma cristalização desta dita seridoensidade, que, na verdade, estaria em constante processo de ressignificação e de transfiguração. Por fim, discuti a noção de “identidade seridoense”, mostrando como esta foi ressignificada e, de fato, se transmudou ao longo da introdução da lógica “pós-moderna” do discurso turístico, concluindo como esta mudança de identidade transforma os espaços da região, transfigurando ambos em categorias híbridas.

Palavras-chave: Festa de Sant’Ana. Cultura. Identidade. Hibridismo.

## ABSTRACT

It identifies the main symbols and signs employed by the touristic discourse as (re)makers of an "identity" assigned of the Seridó region through a study who has as main thematic focus the St. Anne's feast, in Caicó. The research makes a problematization about the historic formation process of spaces in the region of Seridó North Rio Grande using as spatial recort the Caicó city, "capital" of the recently created Touristic Pole of Seridó. Uses the method "exploratory research" in bibliographical sources for the construction of a theoretical discussion based on authors from anthropology, from the social sciences and the cultural history. Aims to understand the "logic" of the formation of spaces created as a way to highlight the places of the cultural systems of signification and the seridoenses identities by regional tourism and understand how was possible the discursive formation and socio-cultural of the places and non-places created by the activities for the sector in question. The main conclusions are the ideas that this reorganization of space Seridó occurs for a number of strategies that resignify local culture, introducing new identity references, this time molded by external influences, by flows of people in constant transit. It is noticed that these new references are based on an inter-regional touristic market, in marketing strategies and sales of the destination, in the global flows of people, in a global culture. With the transformation of identities and cultural references become evident rather peculiar phenomena. First, the notion of space is also transformed, causing important changes in some places. Secondly, the notion of territory follows the same pattern. We believe that tourism Seridó region creates an ambiguous movement and irreversible, in which, at the same time are transmuted cultures, identities and places, are attributed, by the pressures of tourism, representations of these same categories, crystallizing them. In this conception, in the eyes of the world, also happens an crystallization. But these cultures, in reality, would be in a constant process of resignification and transfiguration. Finally, we discuss the notion of "seridoense identity ", showing how it has new meaning and, indeed, is transmuted through the introduction of the logic of the "postmodern" tourism. We conclude that this change of identity transforms the spaces of the region transforming both into hybrid categories.

Key-Words: St. Anne's Feast. Culture. Identity. Hybridism.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1	– Ruínas remanescentes dos alicerces da antiga Casa-Forte do Cuó.....	44
Foto 2	– Visão panorâmica mostrando a Serra de Samanaú do local de edificação da Casa-Forte .....	44
Foto 3	– Igreja de Sant’Ana de Caicó [18--] .....	55
Foto 4	– Procissão de Sant’Ana de 1889 .....	58
Foto 5	– Encontro das Imagens de Sant’Ana .....	69
Foto 6	– Hastearmento da Bandeira de Sant’Ana .....	75
Foto 7	– Arco de Nossa Senhora de Fátima .....	78
Foto 8	– Fiéis Aglomerados no Adro da Catedral.....	82
Foto 9	– Casa de Cultura Popular (Sobrado Pe. Guerra).....	83
Foto 10	– Andores de Sant’Ana e São Joaquim (Procissão 2011).....	84
Foto 11	– Procissão de Sant’Ana do ano de 2011 .....	86
Foto 12	– Casa Seridoense. Abertura da FAMUSE .....	101
Foto 13	– Auto de Sant’Ana do ano de 2010.....	103
Foto 14	– Feirinha na Ilha de Sant’Ana .....	105
Foto 15	– Espectadores do <i>Scream For Me Caicó</i> .....	106

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização geográfica do Polo Turístico do Seridó do Rio Grande do Norte .....	22
Mapa 2 – Localização geográfica da cidade de Caicó no mapa do RN .....	23
Mapa 3 – Imagem de satélite evidenciando a posição estratégica da Casa-Forte do Cuó.....	43
Mapa 4 – Croqui representando o centro histórico da cidade de Caicó .....	43
Mapa 5 – Croqui retratando os Núcleos Rituais da Festa de Sant’Ana de Caicó ..	66
Mapa 6 – Croqui retratando o circuito da Procissão de Sant’Ana .....	85
Mapa 7 – Localização geográfica da região Seridó Potiguar .....	89
Mapa 8 – Complexo Turístico Ilha de Sant’Ana de Caicó .....	96

## PRÓLOGO: RELATOS DE UM ROTEIRO (AS “IMAGENS” DO TURISMO SERIDOENSE)<sup>1</sup>

Pela manhã, o voo *charter* lotado de turistas europeus pousou no Aeroporto Internacional Augusto Severo, na cidade de Natal, após longa jornada. Mesmo cansados, o grupo decide não adiar sua saída com destino à cidade de Currais Novos, “portal de entrada do Seridó”. Após *check-in*, em hotel “selecionado”, seguiram para o empreendimento turístico Sertão Bonito, onde foi servido um almoço farto e com comidas típicas. Durante a tarde, várias atividades foram realizadas, entre elas banho de piscina, trilha ecológica interpretativa na caatinga e passeio de charrete. Ao final da tarde, fizeram um passeio até o topo da Serra do Chapéu para assistirem ao espetáculo do pôr-do-sol. Retornaram ao hotel. Noite e jantar livres.

No segundo dia, duas atividades poderiam ser escolhidas. A primeira era uma oficina de artesanato e culinária, com acompanhamento de artesãos e artesãs da cidade, poderiam aprender a trabalhar com pedras, papéis e tecidos, exercendo as artes da pintura, do bordado e da cestaria, entre outras. Também haveria a possibilidade de aprender um pouco mais sobre a gastronomia seridoense em um minicurso de culinária. A segunda opção seria desenvolver um *Trekking* ao Cânion dos Apertados, uma caminhada de nível médio que levava a um dos locais mais bonitos do município, principalmente no período das chuvas. O cânion formado pelo Rio Acauã é o caminho das águas que abastecem o Açude Gargalheiras em Acari. A segunda atividade foi a escolhida.

---

<sup>1</sup> Este relato inicial, escrito com certo prazer saudosista, deve-se confessar, não é apenas fruto de uma imaginação fértil, ele tem dupla inspiração. De um lado, minha memória, ainda permeada com as imagens adquiridas na vivência do processo de formatação e de roteirização turística ocorrido no ano de 2005 que culminaria na implantação, pelo poder público estadual do Rio Grande do Norte, da porção espacial denominada como “Polo Turístico do Seridó”. De outro, o material de divulgação turística resultante desse processo, o “roteiro” propriamente dito. Resolvi escrever esta passagem inicial, na qual são dados elementos precedentes à trama do enredo que se desenrolará, como uma cena inicial da narrativa da presente dissertação que não caberia necessariamente na discussão principal do objeto de estudos, por não estar totalmente inserido dentro da delimitação temática proposta. Nele, interessa notar a construção discursiva, através de uma série de repertórios simbólicos encontrados em diversas fontes, da identidade que é atribuída ao povo seridoense e, em consequência disso, aos lugares habitados por este, e que é vivenciada pelos visitantes que são acompanhados por guias de turismo e agências de viagens na região.

O Almoço, mais uma vez com comida regional, foi servido na casa de Dona da Guia, uma das cozinheiras de “mão-cheia” da cidade, que lhes ofereceu a piscina de sua casa para relaxarem após o almoço. À tarde, visitaram o Parque Temático Mina Brejuí, onde conheceram o memorial em homenagem ao seu fundador, Tomás Salustino, e uma mina desativada de scheelita, mineral utilizado como matéria-prima para a fabricação do tungstênio, produto de exportação que é utilizado na indústria bélica e aeroespacial. Do Seridó para o mundo e deste para o espaço sideral. Após a visita nas entranhas da terra, realizaram uma degustação de licores e biscoitos produzidos por familiares dos mineradores que moram em uma vila nas proximidades da mina. No fim da tarde, visitaram uma loja de artesanato e, após o jantar, pernoitaram na cidade.

No terceiro dia, após o café da manhã, tomaram destino à cidade de Cerro Corá, onde conheceram as formações rochosas da comunidade de Serra Verde. As rochas de granito apresentam curiosas inscrições rupestres, legado dos antigos habitantes da região. No local, também existem tanques naturais que armazenam água e onde já foram encontrados fósseis de animais pré-históricos da chamada megafauna. Almoçaram na casa de moradores da região. Após o almoço, subiram a Serra de Sant’Ana, como um bom e rústico sertanejo seridoense, a bordo de um legítimo “pau-de-arara”. De lá, rumaram à nascente do Rio Potengi, impressionaram-se ao saber que o maior e mais importante rio do Estado nasce na região “seca” do Seridó. Após a caminhada, terminaram o dia com um maravilhoso lanche regional na Fazenda Chã da Divisão. A receptividade acolhedora, notória característica da família seridoense, fez os visitantes se sentirem em casa. Depois do lanche, seguiram para pernoite na cidade de Acari.

Em Acari, após um café da manhã bastante reforçado, seguiram para uma cavalgada na Fazenda Pendanga, uma das mais antigas propriedades da região que mantém estilo arquitetônico e mobiliário típicos. Já no Açude Gargalheiras, acompanhando os jovens guias da Colônia dos Pescadores, que os levaram para um relaxante passeio de barco pelas águas calmas do açude e chegaram inclusive a conhecer as estruturas internas da barragem, entrando em uma das principais obras de engenharia do Seridó. Ainda pela manhã, visitaram algumas oficinas de artesanato, que são abundantes na cidade, com artigos dos mais variados, de couro, cerâmica, madeira, bordados e até mesmo sucata que foram comprados quase que compulsivamente. Após o almoço e a tradicional sesta, saíram para um *city tour*

pelas ruas, casas e igrejas, culminando com o Museu do Sertanejo, onde receberam uma injeção de cultura e informações históricas relevantes sobre diversos ciclos econômicos da região. A noite, após observarem o inesquecível pôr-do-sol as margens do açude Gargalheiras, tiveram a oportunidade de presenciar o ensaio da tradicional Filarmônica de Acari.

No início do quinto dia se destinaram ao município de Carnaúba dos Dantas. Cidade conhecida mundialmente pela quantidade e qualidade de seus sítios arqueológicos com pinturas *itaquatiaras*, alguns dos quais tiveram a oportunidade de conhecer, em especial o Xique-Xique II. Retornaram a cidade e se hospedaram em casa de locais, integrantes do programa Cama, Café e Rede. Após o almoço, participaram de uma oficina de artesanato com o Mestre “Dedé Carnaúba” e o grupo Sertão Vivo de teatro de rua, representantes da riquíssima cultura seridoense. Ao fim da tarde, puderam escolher entre duas opções de pôr-do-sol, a primeira seria no Castelo Bivar, um imponente e peculiar castelo em estilo francês medieval, ao som de um saxofone. A segunda opção seria no Monte do Galo, uma referência à fé do povo seridoense.

Sexto dia, o grupo rumou para Jardim do Seridó com o objetivo de fazer um *city tour* histórico-cultural. Com surpresa perceberam a riqueza do patrimônio arquitetônico local formado por casas, igrejas e ruas em um estilo que remete a tradição colonial do povo seridoense. Almoço no restaurante do *chef* Baby Atitude, que faz uma especial “releitura”, misturando a tradicional culinária seridoense com a culinária francesa.

No sétimo dia o grupo se destina a cidade de Parelhas para visitar o sítio arqueológico Mirador, com suas pinturas rupestres, a bordo de um Jeep 4X4, fazendo ao longo do caminho uma intensa atividade de aventura *off-road*. Mesmo antes do almoço, participaram de uma oficina de artesanato em pedra-sabão, as peças produzidas pelo grupo foram levadas para casa, o que deu aos participantes a sensação de eles mesmos haverem se tornado artesãos. A tarde, o guia de turismo os levou para uma visita a comunidade quilombola Boa Vista, onde assistiram uma apresentação fora de época dos Negros do Rosário, com tambores, pífaros e espontões. Fecharam a noite em um forró pé-de-serra na Fazenda Rajada.

Na manhã seguinte, após o *check-out*, seguiu-se viagem para Caicó. Depois do almoço, visitaram a fábrica de doces e biscoitos caseiros de Dona Dalva, onde degustaram os mais variados biscoitinhos de Caicó, bem-casados, biscoitos de nata,

goiabadas, entre outros. Mais uma vez, todos saíram com sacolas recheadas. A tarde, visita ao Mosteiro das Clarissas e ao Castelo Engady, construído pelo Monsenhor Antenor Salvino com o objetivo de servir como local de descanso espiritual e de reflexão. Uma construção em estilo mouro medieval incrustada no meio do sertão seridoense. Mais tarde, deslocaram-se para o Alambique Samanaú, onde lhes foi explicado todas as etapas do processo de fabricação da Cachaça Samanaú e, pouco antes do jantar, todos degustaram uma boa cachaça.

No penúltimo dia do roteiro, logo pela manhã e antes que o escaldante sol de Caicó inviabilizasse a atividade, o grupo saiu para um *city tour* histórico-cultural no centro histórico da cidade. Um *city tour* diferenciado, realizado a pé, com guias de turismo especializados, o que fez com que o grupo se sentisse mais próximo da comunidade e da história do local. O *tour* foi finalizado na Casa de Cultura de Caicó, instalada no Sobrado do Padre Guerra, com uma oficina de pintura ministrada pelo Mestre Custódio, artista local. À tarde, direcionaram-se para o Comitê Regional das Associações e Cooperativas de Artesanato do Seridó (CRACAS), onde conheceram e adquiriram o famoso bordado de Caicó.

No décimo e último dia, fizeram um saudoso *check-out*, despediram-se do guia e do pessoal do hotel e retornaram a capital, de onde partiram, com promessas de retorno, de volta para sua fria terra natal.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>HISTÓRIA, ESPAÇOS E REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DE CAICÓ: MARCAS IDENTITÁRIAS .....</b>	<b>31</b>
2.1	TEMPOS MÍTICOS: ANTIGAS FORMAS DE SE “CONTAR” CAICÓ .....	33
2.1.1	<b>O mito do vaqueiro como representação da cultura local .....</b>	<b>34</b>
2.2	LIVRO DO NASCIMENTO DE CAICÓ: O VAQUEIRO E A SANTA .....	39
2.3	LIVRO DAS PELEJAS DIVINAS: RELAÇÕES ENTRE COLONIZADORES E INDÍGENAS NO INTERIOR DA CAPITANIA DO RIO GRANDE .....	46
2.4	LIVRO DAS RELAÇÕES ENTRE HOMENS E DIVINDADES: A FESTA DE SANT’ANA DE CAICÓ .....	49
2.4.1	<b>O culto a Sant’Ana ao longo da história .....</b>	<b>49</b>
2.4.2	<b>Revisitando o passado da festa em Caicó.....</b>	<b>53</b>
<b>3</b>	<b>VIVÊNCIAS COTIDIANAS NA ATUAL FESTA DE SANT’ANA DE CAICÓ....</b>	<b>65</b>
3.1	RITUAIS, SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÕES DA FESTA ATUAL .....	67
<b>4</b>	<b>DISCURSOS DE TRADIÇÃO, MODERNIDADE E TURISMO NO SERIDÓ E NA FESTA DE SANT’ANA DE CAICÓ .....</b>	<b>88</b>
4.1	A FESTA NO NÚCLEO RITUAL DA ILHA DE SANT’ANA: NOVAS FORMAS DE VIVER E/OU USUFRUIR DO EVENTO .....	95
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: TURISMO E PROCESSOS DE HIBRIDAÇÃO CULTURAL .....</b>	<b>110</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>117</b>
	<b>FONTES ORAIS .....</b>	<b>121</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É Festa de Sant'Ana. Uma multidão de pessoas, entre fiéis, peregrinos e curiosos, reúne-se para vislumbrar o espetáculo anual que já completa mais de duzentos e cinquenta anos de existência. Todos os presentes, que a pouco haviam passado pela profissão de fé que é a procissão, fazem o possível para se aproximar do objeto de adoração do momento, a imagem “centenária” da Senhora Sant'Ana, padroeira de Caicó, mãe do Seridó. Os de maior sorte poderiam esperar o final da missa e, quem sabe, levar consigo uma das flores que ornamentam o andor da santa. Pouco antes de “liberar” os fiéis para que estes se entreguem às práticas profanas das quais as festas da ordem não conseguem se livrar, o padre que elevava a dita festa à categoria de maior evento da região, o então Monsenhor Antenor Salvino de Araújo, aproveita o tempo que costumeiramente reservava aos “avisos”, ao final das celebrações, para reforçar um discurso que já vem desenvolvendo a algum tempo

Paróquia de Sant'Ana, Prefeitura Municipal. Em que espaço físico receberá esse povo daqui a cinco ou dez anos? No espaço de nossos corações, de nossa alma, sim. Mas também no espaço de uma rede de pousadas, rede de albergues.<sup>2</sup>

O fragmento de discurso acima não é nada desmedido, o Mons. Antenor sabia exatamente o que estava falando. Tal discurso pode ter múltiplas interpretações, pode ser entendido, por exemplo, como um alerta, uma forma de conscientização, ou mesmo uma tentativa de mudança na mentalidade do povo seridoense, por parte de um de seus líderes, no sentido de prepará-los para a revolução que estava por vir, a revolução do Turismo.

Já a algum tempo o Seridó vem passando por esse processo, um processo que Michel Foucault chamaria de formação discursiva.<sup>3</sup> E era nesse sentido que se tentava provocar uma mudança de mentalidade, porque já se sabia que o seridoense, tradicionalista como é, enfrentaria a chegada dessa revolução com uma

---

<sup>2</sup> Cf. ALVES, Maria Lúcia Bastos. Religiosidade, turismo e cultura na região do Seridó-RN. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13, 2007, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 11.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

certa relutância, pois o Turismo, enquanto atividade organizada que conhecemos na atualidade – com todo um aparato econômico-discursivo, que implica a existência de recursos, infraestrutura, etc. –, é um fenômeno que se forja na sociedade industrial. Ou seja, é uma atividade eminentemente moderna. E enquanto moderna é também uma atividade que transforma as tradições, mesmo as mais arraigadas, resignificando-as. Ocorre que não se “ressignifica” instituições tradicionais sem uma profunda mudança de mentalidade. E isso o padre Antenor sabia, haja vista o teor de seu discurso. Segundo Foucault

[Em] toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.<sup>4</sup>

No Seridó um dos principais perigos que se procurava “exorcizar” era a possível resistência do seridoense à introdução da atividade em questão. O que, de fato, se concretizou, ao menos em parte da população. Por exemplo, o turismo é uma prática que, ao mesmo tempo, consome, produz e resignifica culturas, identidades e espaços. Um desses espaços transmutados pelo/para o turismo na região é a Ilha de Sant’Ana, em Caicó, (re)criada para se tornar um dos chamados complexos turísticos da região, espaços que congregam toda uma infraestrutura turística. Ocorre que a Ilha é um lugar que já existia e ocupava um posto de destaque na memória coletiva dos caicoenses, é nas imediações desta ilha que se localiza o Poço de Sant’Ana, palco do mito criador da cidade – que discutirei mais a frente –, e é nesta ilha também que se localiza a Capelinha de São Sebastião, santo protetor contra a fome, a peste e a guerra (ambos os espaços são considerados pontos turísticos locais). Aparentemente a construção do complexo turístico foi tomada como uma afronta por parte de certa parcela da população, a ponto de se chegar a dizer que as águas do Rio Seridó iriam “levar” a ilha consigo na primeira enchente ou mesmo que a ilha iria afundar, dado, talvez, o “sacrilégio” da construção.

Percebe-se aí uma já conhecida luta entre duas categorias, o tradicionalismo, representado pela força das águas e das intempéries da natureza, às quais o

---

<sup>4</sup> FOUCAULT, 2004, p. 8-9.

sertanejo seridoense teve que se submeter ao longo dos séculos, e o moderno, representado pelo complexo turístico Ilha de Sant'Ana, obra arquitetônica, lugar turístico.

Essa resistência, creio, se baseia em mecanismos sutis que existem de formas não evidentes e subjacentes às práticas discursivas, que criam determinados “efeitos de sentido” que estão intimamente ligados a questões relativas à história e a memória local, produzindo ou ressignificando determinadas identidades. Por “efeito de sentido” entendo a funcionalidade assumida por um determinado enunciado, nem sempre condizente com a pensada pelos produtores desse enunciado, dentro de uma determinada formação discursiva para a qual ele foi produzido.<sup>5</sup>

Ao pesquisar a história da cidade de Caicó, através de relatos da memória de alguns moradores da localidade, constatei que, dentre os principais valores que compunham o conjunto de referências culturais que fazem menção as identidades locais, o sentimento de pertença à região do Seridó, na qual a cidade está inserida, e a religiosidade eram fatores recorrentes. Quer dizer, as memórias das pessoas que habitavam esta região se remetiam constantemente aos elementos constitutivos desse espaço geográfico e a essa religiosidade exacerbada. Entre estas memórias contadas, as referentes a figura de Sant'Ana, padroeira da cidade, estavam entre as mais presentes, tamanha a força desta religiosidade no panteão das referências culturais locais.

Tais valores referentes às identidades locais também foram percebidos por outros pesquisadores, a exemplo dos estudiosos que lideram o grupo de estudos do “Inventário das Referências Culturais do Seridó”, que afirmam:

A importância histórica, cultural e social atribuída à Festa de Sant'Ana corresponde à cristalização dos registros memoriais e das práticas de sociabilidade: ao revivificar os laços centrados na família cristã, os seridoenses elegem elementos representativos da ‘sua’ tradição como o artesanato de bordados, as comidas ‘típicas’ ou as melodias tocadas pelas bandas de música durante as alvoradas. Assim, a festa de Sant'Ana de Caicó se projeta como a expressão por excelência da cultura e da identidade do Seridó. De fato, a festa aparece como sendo um bom observatório da realidade social e através dela, podemos entender as mudanças sociais ocorridas recentemente com a patrimonialização da figura da santa, com a

---

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

proposta da festa representar a região, com a atuação de agentes de órgãos culturais ou de representantes políticos e a interiorização do turismo no estado.<sup>6</sup>

Apesar desse reconhecimento, é notório que um trabalho tratando da construção destes referenciais culturais se mostra urgente. Quer dizer, indo de encontro ao panorama historiográfico regional, esta pesquisa apresenta-se como um reflexo de uma preocupação relativa à escassez de trabalhos sob uma perspectiva histórica que beba na antropologia acerca da região do Seridó e, especialmente, sobre a Festa de Sant'Ana no município de Caicó, no interior do Estado potiguar. Não obstante, percebe-se que discussões histórico-antropológicas como “referenciais culturais”, “identidades”, “espaços” e “modernização” não aparecem nas narrativas das histórias oficiais e de memorialistas sobre as citadas temáticas.

Preocupa-me neste trabalho, que tem como proposta primordial discutir o “uso das culturas e resignificação das “identidades” na região do Seridó norte-riograndense: dimensões simbólicas, artes de fazer e representações na Festa de Sant'Ana de Caicó/RN”, problematizar as categorias de interpretação do “real” conhecidas como cultura e identidade procurando pensá-las levando em consideração as histórias, sensibilidades e sociabilidades resignificadas pelos homens e mulheres de Caicó nas espacialidades, simbologias, representações e teatralizações da Festa de Sant'Ana.

A concepção de cultura para a delineação deste trabalho parte da antropologia semiótica, através da noção de Clifford Geertz. Ou seja:

O conceito de cultura ao qual eu me atendo [...] denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> CAVINGNAC, Julie A.; MACEDO, MACÊDO, Muirakytan Kennedy de; BRITO, Paula Sônia de; DANTAS, Maria Isabel. O Inventário da cultura do Seridó (RN): ou como dar conta do patrimônio imaterial de uma região. In: Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.4, p. 48-84, dez. 2000 – mar. 2011. Disponível em: <[www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede](http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede)>. Acesso em: 12 dez. 2010, p. 68. [grifos nossos].

<sup>7</sup> GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 66.

Em outras palavras, creio que a totalidade composta pelos sistemas de linguagens e práticas simbólicas próprias de uma determinada comunidade em particular constituiria sua cultura, em nível local. E estas práticas simbólicas são constantemente utilizadas para construir identidades.

Ao tratar do conceito de identidade busco me aproximar das concepções discutidas por Stuart Hall<sup>8</sup>, ao afirmar que a identidade é definida historicamente, ou seja, ela não é plena, fixa, imutável e coerente, mas sim detentora de uma fluidez, passa por contínuas formações e transformações, ressignificações frente as representações que são afirmadas nos nossos sistemas culturais. Nas palavras de Hall:

A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis.<sup>9</sup>

Em uma conjuntura de escassez de discussões no círculo dos estudiosos do fenômeno, principalmente no que se refere às questões culturais e como estas podem ser influenciadas por estes processos em determinados lugares, em uma análise inicial, tal estudo se faz urgente, pois se percebe que, a cada dia, estas categorias estão cada vez mais transmutadas em decorrência de um rápido e irreversível processo de globalização. Processo este que é exponencialmente acelerado pelo cerne da atividade turística, que obriga o choque e a convivência entre culturas diferentes que, invariavelmente, acabam por se fundir, tornando-se indiferenciadas.

A partir do exposto, e do que já se apresentou acerca das discussões de cultura e identidade, me deparei com uma categoria singular para o presente trabalho, que é a ideia de “festa”. Na produção do discurso historiográfico nacional, a problemática do patrimônio imaterial e das comemorações festivas ganhou relevância na década de 90 do século XX. Este ímpeto de escritas históricas que tem como objeto as festividades encontrou combustível num panorama de

---

<sup>8</sup> HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

<sup>9</sup> HALL, 2006, p. 13.

valorização de estudos voltados, em grande medida, para chamada história cultural, em uma recepção de discussões provenientes das ciências sociais, tais como a antropologia e a sociologia, com a possibilidade de escolha de novas temáticas e objetos, que antes não pertenciam ao campo da história, e da aceitação do uso de novas fontes na produção do discurso historiográfico. Aliado a isso, a interdisciplinaridade que se manifesta com a nova possibilidade de diálogos com diversas áreas do conhecimento, notoriamente a antropologia e a sociologia, possibilitaram o surgimento de novas interpretações acerca da problemática das festas enquanto invenções atribuídas de significados e representações de culturas em recortes micro temáticos e locais.

É nesse panorama que a presente pesquisa almeja se inserir. Creio que as manifestações imateriais da cultura, notoriamente as festas, permitem visualizar como variadas formas de representações são criadas e recriadas, inventadas e reinventadas por diversos grupos para por em evidência uma identidade auto atribuída. Evoco, nesse sentido, uma visão sobre a problemática das festas essencialmente semiótica, na linha do antropólogo Clifford Geertz<sup>10</sup>, em um primeiro plano. Nesse sentido, as festas seriam acontecimentos inventados e extremamente atribuídos de significados simbólicos. Ocultam construções discursivas elaboradas por grupos diversos. Configuram-se, nesse sentido, como ambientes privilegiados, conservando práticas que permitem vislumbrar determinadas representações que visam atribuir significados ao mundo, nos espaços das vivências cotidianas.

Penso nas manifestações da cultural imaterial, como as festas, como ritos, representações que a cultura local faz de si própria, como diria Chartier.<sup>11</sup> Assim não importa se criadas por classes sociais dominantes, elites, ou por setores populares da sociedade, as festas seriam invenções, representações das identidades das comunidades. Nesse sentido o que importa é pensar o cotidiano desses eventos partindo da ideia de que o saber local atribui sentidos simbólicos, na forma discursiva. Nas palavras de Durval Muniz de Albuquerque Júnior

O que interessa são as palavras, os sentidos e a dimensão ficcional que inventaram, ao mesmo tempo, uma festa, uma tradição e uma

---

<sup>10</sup> Cf. GEERTZ, 2008.

<sup>11</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

identidade nacional e/ou étnica. A festa [...] é tomada como fabricação, como ficção, como construção no tempo e em um dado espaço, visando construir uma solidariedade comunitária, inventando tradições que visam dotar o presente de um passado, de uma temporalidade de mais longa duração, para oferecer-lhe dados sentidos e instaurar nele dadas significações.<sup>12</sup>

A noção de que a festa é uma forma de discurso que produz, distribui e faz circular uma dada apropriação de sentidos implica dizer que esta ressignifica constantemente a vida social e cultural, o que dá a estas manifestações da cultura imaterial um grande poder de ressignificar as próprias culturas que as inventaram, inventar e reinventar identidades, criar e transformar espaços e paisagens. Pensemos em revisitar o conceito de festa com vistas a renegar uma atitude de naturalização das identidades culturais. Seria mais fértil analisar o processo de invenção, por meio de uma série de expedientes, das festas como representações identitárias locais? Creio que sim.

Assim, problematizado a “festa”, busco pensar: Quais foram as principais transformações sofridas pela Festa de Sant’Ana de Caicó ao longo da primeira década do século XXI? Como este fenômeno cultural provoca contínuas ressignificações espaciais e nas territorialidades a partir das relações entre os diversos atores envolvidos na sua execução? Como esses mesmos atores, ou seja, os devotos, os peregrinos, os moradores e, também, os “foliões” da festa de Sant’Ana, inventam e representam o espaço e a cultura da nova festa, moderna, que se constitui na contemporaneidade através do chamado turismo de eventos?

Estas problematizações constituem-se como pontos de partida para as discussões que serão desenvolvidas no decorrer desta dissertação e reservo capítulos especialmente para discutir, com base na oralidade local, estas questões.

Como dito anteriormente, para restringir o objeto de estudos em um recorte espacial mais acessível, com vistas a viabilizar a discussão dos processos de ressignificação da cultura, das identidades e dos espaços no Seridó, delimito o estudo ao recorte geográfico estabelecido como centro do recém-criado *Polo Turístico do Seridó*, representado no Mapa 1, ou seja, a cidade de Caicó.

---

<sup>12</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. *Patrimônio e memória*. v. 7, n. 1, jun. 2011, p. 134-150. Disponível em: <[http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v7.n1/artigos/festasparaquetequero-v7n1.pdf](http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v7.n1/artigos/festasparaquetequero-v7n1.pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2011. p. 136-137



Mapa 1 – Localização geográfica do Polo Turístico do Seridó do Rio Grande do Norte.



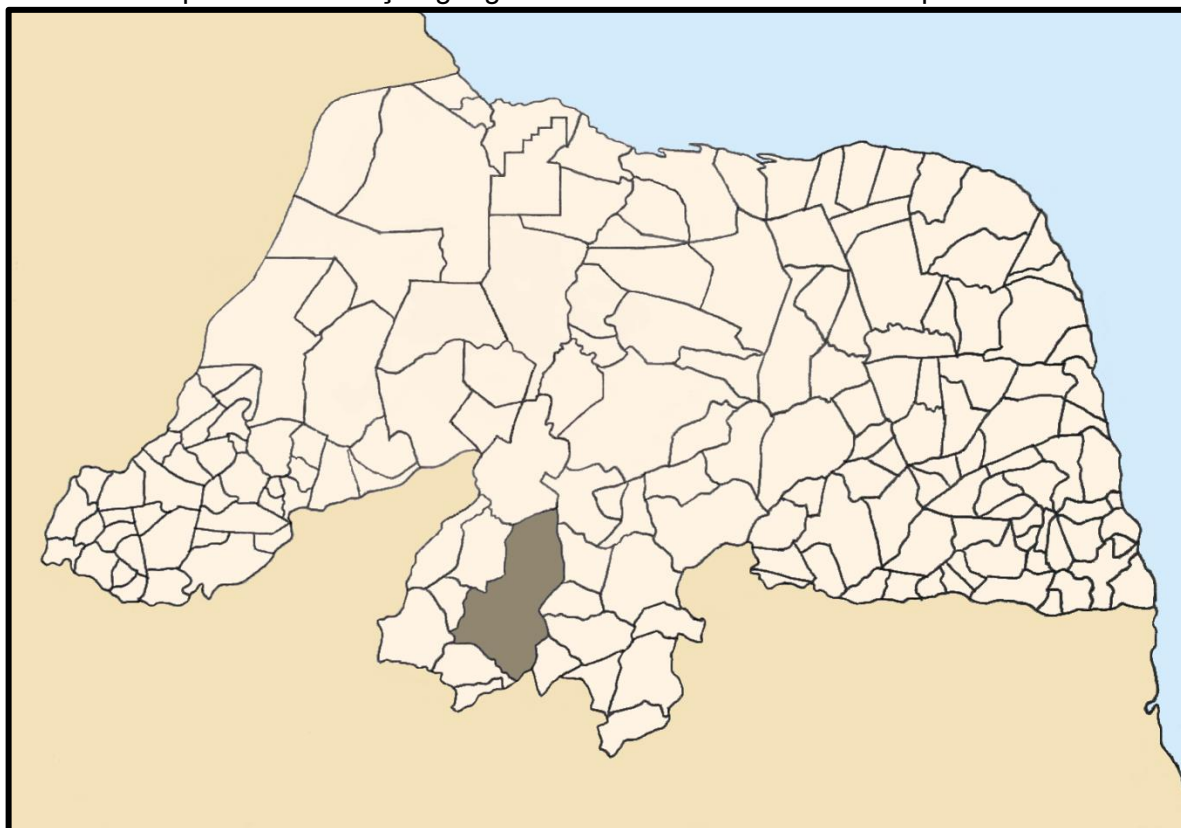
Fonte: ROTEIRO Seridó. Natal: SEBRAE, 2005.

O município se localiza na chamada microrregião do Seridó Ocidental, mesorregião Central Potiguar, no Estado do Rio Grande do Norte, distando cerca de 269km de sua capital, Natal (conforme o Mapa 2).

Dada sua importância econômica e social a cidade de Caicó é considerada um centro regional, cidade-polo. Seu valor na cultura local é pujante, uma vez que os referenciais culturais da cidade estão de tal forma imbricados aos da região que, no plano das representações, esta é simbolicamente reconhecida como detentora dos referenciais mais representativos da cultura seridoense, apesar de admitir-se que, como discutido anteriormente, em termos de identidades não se pode pretender generalizações. Mesmo assim, chama a atenção que na tradição local estes mesmos referenciais culturais da chamada “capital do Seridó” representam simbolicamente uma auto atribuída identidade regional, como se pode notar na música “Foi na prece de um vaqueiro”, que transcrevo em parte: “foi da prece de um vaqueiro que nasceu o Caicó; *Coração do sertão brasileiro, capital do Seridó*”.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Música “Foi da prece de um vaqueiro”, grifos nossos.

Mapa 2 – Localização geográfica da cidade de Caicó no mapa do RN.



Fonte: adaptado pelo autor.

Estas representações de culturas e identidades regionais atribuídas à Caicó partem dos próprios seridoenses, do saber local, e podem ser atestadas em diversas produções de artistas da região, como a música apresentada a pouco. Tais produções evocam uma série de afirmativas e negações que compõem toda uma gramática das marcas culturais do que é ou não é “ser seridoense”. São feições da cultura do povo da região, construídas como forma de representar uma série de identificações e de pertencimentos que se aliam a uma “identidade seridoense”.

Como premissa, deve-se alertar para o fato de que as categorias que condensam a chamada identidade desta região, apesar de terem passado por toda uma formação discursiva ao longo de vários anos – ou séculos – encontram-se em um intenso processo de reconversão, o que implica entender que as práticas discursivas que congregam a arte de “ser seridoense” começam a mudar de feições. Para entender e descrever esta mudanças culturais reservei um momento deste trabalho para discutir o que faz espaço *seridó*, ser o lugar *Seridó*, tentando problematizar os principais símbolos, signos e representações da cultura local.

Como pano de fundo para tal discussão, estabeleci como recorte “micro temático” a festa de Sant’Ana de Caicó enquanto elemento representativo da cultura local. A ideia é que esta dita festa congrega todos os elementos que representam a identidade regional. Na verdade, creio que as festas, principalmente as comemorações em homenagem aos padroeiros de porções territoriais, em essência, se manifestam como especialmente representativas do contexto abordado na presente pesquisa. Em outras palavras, a Festa de Sant’Ana de Caicó é, sem dúvidas, um evento que, simbólica e discursivamente, desponta como representação, de fato, de uma identidade local.

Tanto o é que o reconhecimento oficial da importância desse evento, por parte do Estado, se deu recentemente, quando a dita festa foi elevada ao patamar de “patrimônio cultural imaterial nacional” pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O parecer nº 47/10 referente ao processo nº 01450.004977/2008-26, que solicitou tal reconhecimento, manda que se inscreva a festa no Livro de Registros das Celebrações pelos seguintes motivos:

Por sua relevância nacional na medida em que abarca a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. Por ser esta Celebração um dos momentos fundamentais na construção e afirmação da identidade cultural da população do sertão norte-riograndense. Por ser uma referência cultural de longa continuidade histórica que, todavia, encontra-se em constante processo de reelaboração [sic], sendo uma tradição que se reitera e se atualiza. Por atender às diretrizes da Política Nacional do Patrimônio Cultural Imaterial, priorizando temas da cultura de regiões historicamente pouco atendidas pela ação institucional.<sup>14</sup>

Assim, acredito que a partir da problematização desta importante festa para a população caicoense conseguirei repensar, de forma satisfatória, as relações discursivas entre os diversos agentes sociais que se envolveram na ressignificação simbólica da cultura do povo desta porção territorial, enquanto espaço de vivências cotidianas, de celebrações religiosas, lugar de pertença a uma identidade cultural e, mais recentemente, patrimônio cultural imaterial nacional e produto turístico.

---

<sup>14</sup> BRASIL; Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento do Patrimônio Imaterial; Coordenação Geral de Identificação e Registros; Coordenação de Registro. Parecer nº 47 de 28 out. 2010. *Assunto: processo nº. 01450.004977/2008-26 referente ao registro da Festa de Sant’Ana de Caicó – Rio Grande do Norte. Brasília, DF, 28 out. 2010.*

Estabelecer um recorte temporal para delimitar a temática que aqui apresento mostrou-se problemático. De início, situei como marcos de temporalidade, de curta duração, os anos de 2000 a 2011, por entender que esta década configura-se como o principal momento de transfiguração desta identidade e, ao mesmo tempo, de sistematização da indústria turística na região. Foi neste momento, principalmente no início da década, que se intensificaram as discussões, por parte do poder público, do empresariado e dos intelectuais da região, acerca da problemática da festa enquanto patrimônio cultural, além da possibilidade de introdução da atividade em questão.

Já no ano de 2005 o governo do Estado implantou o chamado Polo Turístico do Seridó, ato que acarretaria o surgimento de toda uma sorte de políticas públicas voltadas para a efetivação do setor nas cidades que congregariam este espaço. É a partir desta década também que os espaços e paisagens das cidades que compoem o polo passaram por um intenso processo de remodelação e um novo ímpeto de modernização com vistas a bem atender as demandas provenientes dos fluxos de visitantes, notoriamente através da construção dos chamados complexos turísticos – estando entre os mais importantes o *Complexo Turístico Ilha de Sant’Ana* de Caicó, que teve sua construção iniciada no ano de 2005, sendo concluída em 2008. Já o processo de reconhecimento da festa enquanto patrimônio cultural imaterial nacional teve início no ano de 2008, com o processo submetido ao IPHAN/RN por órgãos diversos da região, encabeçados pela Diocese de Caicó e pela Paróquia de Sant’Ana, assessorados pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

No entanto, um dos objetivos do presente trabalho é problematizar como a Festa de Sant’Ana vem passando por um intenso processo de ressignificação. Nesse sentido, busquei compreender como as práticas discursivas que compõe a “identidade” seridoense estão mudando de feições e no que este processo está resultando. Sendo assim, tornou-se necessário escapar, em determinados momentos, deste recorte temporal, com vistas a ampliar a compreensão acerca destas categorias ao longo do tempo. Ou seja, fez-se necessário recuar muito mais no tempo para entender o que é o Seridó, o que é o “ser seridoense”, antes de entender no que este processo está resultando. Nesse sentido, procurarei recontar como se deu a construção histórica do espaço e dos referenciais culturais do Seridó

e, mais especificamente, de Caicó. Assim, dialoguei também com uma história cultural dos espaços urbanos.

Com base nas especificidades desta pesquisa, logo no início dos estudos que originariam este trabalho quando ainda cursando as disciplinas do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, percebi que estava com alguns problemas nas mãos. O fato é que este estudo encontra-se inserido, ao menos em parte, em uma área epistemológica que ainda gera grandes discussões, a saber, a chamada história do tempo presente. Os estudos, realizados por historiadores, da história recente e seus métodos, em especial os usos de fontes orais, não são, em absoluto, lugar comum para a disciplina histórica. Na verdade, esta modalidade de discurso ainda é vista, na maioria dos casos, de forma negativa e suspeita por parte dos colegas historiadores. A chamada “visão retrospectiva” foi o primeiro grande instrumento de interdição a influenciar na produção deste trabalho.

Esta “visão retrospectiva”, condição metodológica do *métier* do historiador, se baseia em princípios estabelecidos com o objetivo de assegurar certo distanciamento temporal entre o pesquisador o objeto estudado, o que impõe graves limitações à produção historiográfica. Tais limitações acabam por castrar possibilidades de discussões que poderiam se mostrar muito férteis em detrimento de uma pretensa impessoalidade, e porque não dizer objetividade. Talvez tenha sido em decorrência deste axioma que, de início, a proposta de problematização de uma história ainda em processo de formação tenha sofrido certa resistência. Se sim, o esforço foi em vão, pois desde o início abdiquei desta objetividade. A chamada “impessoalidade científica” foi o segundo instrumento de interdição a influenciar na produção desta dissertação.

Sei que pode parecer suspeito afirmar que esta é uma pesquisa, ou uma “operação historiográfica”, que abdicou da impessoalidade, mas a escolha desta temática foi feita por um historiador que tem um lugar social de fala.<sup>15</sup> Ser guia de turismo e professor do curso de bacharelado em turismo foi justamente o que me fez pensar nas relações possíveis entre a disciplina histórica e a construção simbólica das culturas, memórias e identidades. Esta relação direta entre minhas experiências

---

<sup>15</sup> Cf. CERTEAU, Michel de. A Escrita da história. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Entenda-se “operação historiográfica” na acepção encontrada em Michel de Certeau, levando-se em consideração o lugar social, a prática e escrita histórica, ou seja, as condições de enunciação.

profissionais diversas e minha identidade de historiador foi o que me estimulou a refletir sobre os usos que o saber turístico faz destas construções culturais. Ou seja, o fato de exercer o ofício de docente no curso de turismo e ser historiador me estimulou a observar as produções culturais do Seridó na forma que o setor turístico e que o homem comum faz delas. É por este motivo que escrevo em primeira pessoa, visando reafirmar o caráter pessoal e subjetivo destas discussões.

Acredito que, apesar das influências de uma produção historiográfica cientificista e das tentativas de homogeneização da linguagem nos textos acadêmicos, a tessitura de sentidos sobre a égide do sujeito denominado “cientista” desconsidera o fato de que a produção de significados transcorre através de toda uma formação discursiva, e a linguagem científica dos discursos institucionalizados na verdade não é tão impessoal e objetiva quanto se quer fazer acreditar. Enquanto historiador reconheço e, mais do que isso, evidencio a subjetividade de minhas problematizações, admitindo a heterogeneidade de minhas análises, acima de tudo, através da possibilidade do falseamento destas, pois creio que as fontes históricas não são detentoras da verdade absoluta dos fatos, elas não “dizem” a verdade do “fato histórico”, mas apenas expõem – e isto vai ser influenciado, entre outras questões, pela pessoa que está realizando a interpretação – evidências de como os acontecimentos ocorrem. Não sendo, nesse sentido, reais, mas sim verossimilhantes.

No que tange aos procedimentos, esta pesquisa utiliza o método de pesquisa em fontes documentais de diferentes espécies e em suportes bibliográficos. Nesse sentido, foi realizada com base na coleta de fontes relacionadas com a temática: em arquivos provenientes do Laboratório de Documentação Histórica do Seridó (LABORDOC) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/RN), entre outros arquivos públicos e particulares seridoenses. Para tanto, foi realizada uma análise acerca das visões de uma identidade representativa do seridoense nas imprensas municipais – faladas ou escritas. Desta forma, utilizamos como fonte revistas e jornais, como exemplares diversos da revista “O Seridoense em Revistas”, lançada todos os anos durante a festa de Sant’Ana de Caicó, “Registros: paróquia de Caicó” e “Revista da Diocese de Caicó” entre outros periódicos de circulação local, e revistas aperiódicas; além de jornais de maior circulação, como o “Diário de Natal” e a “Tribuna do Norte”.

Ainda quanto aos procedimentos, o método da pesquisa de campo foi utilizado. Este método procedimental se caracterizou pela observação do objeto de estudos, notoriamente as festas de Sant'Ana dos anos de 2010 e 2011, na forma como ele ocorre “na realidade”. Nesse sentido, as técnicas específicas da observação direta, *in loco*, e o uso de depoimentos orais foram essenciais.

A maior parte das entrevistas foram cedidas pelo IPHAN/RN, instituição a qual sou extremamente grato pela imprescindível contribuição para a conclusão deste trabalho, e foram realizadas com pessoas diretamente envolvidas com a realização da festa, seja como colaboradores, fiéis, participantes de eventos mundanos, peregrinos ou turistas, notoriamente em pesquisa realizada no ano de 2007 para servir de base para o “Inventário das Referências Culturais do Seridó”, que ainda se encontra em processo de análise e editoração pelos técnicos do Instituto.

Para Tanto, a concepção metodológica que dessa dissertação é a adotada pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a chamada “história oral temática”, que se caracteriza pela realização entrevistas mais curtas, buscando construir prioritariamente o envolvimento dos entrevistados nos assuntos em questão. A metodologia envolveu também o preparo prévio de roteiros abertos e de todo um conjunto de atividades anteriores à gravação dos depoimentos – por isso o levantamento de dados e a revisão bibliográfica foram realizados antes mesmo da preparação dos roteiros. Essas entrevistas foram gravadas em formato digital e, posteriormente, transcritas, possibilitando assim futuras consultas e facilitando a pesquisa, abrindo possibilidades para trabalhos futuros na área.<sup>16</sup>

Por fim, o tratamento dado às informações coletadas se deu de forma eminentemente indutiva, ou seja, as discussões resultantes das análises realizadas ocorreram em uma cadeia de raciocínio com conexões ascendentes, partindo de análises e problematizações particulares para, a partir daí, estabelecer as conclusões gerais. Ou seja, como citado anteriormente, as produções culturais individuais da sociedade seridoense, particulares, foram analisadas em um primeiro plano, de uma forma que as teorias escolhidas fossem submetidas a esta realidade, e não o contrário.

---

<sup>16</sup> ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Estabelecidas as delimitações espaciais e temporais que visam viabilizar uma redução na temática estudada, haja vista seu caráter nitidamente monográfico, sob uma perspectiva “micro”, estabelecidas as problematizações, os objetivos e elencados os eixos metodológicos da presente pesquisa, é chegada a hora de entender como se dá a divisão didática das diversas seções e subseções desta dissertação. O trabalho encontra-se organizado em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “História, espaços e representações simbólicas de Caicó: marcas identitárias”, procurei mostrar como se deu a formação geopolítica do espaço do Seridó e, mais especificamente, da cidade de Caicó. A discussão desenvolvida nesta seção tem como mote a reconstrução histórica do *lugar* através de uma análise do chamado “mito do vaqueiro” enquanto representação da cultura local e de uma difícil relação entre o homem seridoense e os espaços e paisagens do semiárido da região. Estabelece-se como ponto de partida a ideia de que esta representação mítica da criação de Caicó se dá através de uma rememoração alegorizada das particularidades do processo de formação do Seridó enquanto espaço geopolítico, a saber: a presença e resistência indígena; à religião e as práticas católicas; a cultura pecuária; e as relações entre homem e meio ambiente. A partir da revisão desta reconstrução histórica de Caicó, procuro problematizar como se deu a construção dos referenciais identitários da cultura seridoense e como estas noções espaciais e identitárias passaram, ao longo dos séculos, por diversas releituras e transformações. Culminando com uma análise que busca reconstruir o culto a Sant’Ana na região e repensar a importância da Festa de Sant’Ana de Caicó enquanto elemento que congrega os principais elementos constitutivos de uma identidade local.

No segundo capítulo, que convencionei chamar “Vivências cotidianas na atual festa de Sant’Ana de Caicó”, propus uma problematização da ideia de uma cultura híbrida na região do Seridó por meio de uma análise da Festa de Sant’Ana de Caicó, dando as bases para uma discussão que visa mostrar, no capítulo seguinte, como este evento passou por uma profunda transformação, tornando-se uma festa que, ao mesmo tempo, reforça uma ordem e uma identidade tradicional e, por outro lado, estabelece uma reinvenção dos valores e culturas desta mesma sociedade tradicional, desordenando e carnavalizando a comemoração. Esta festa, que é tida como um dos elementos mais representativos do povo caicoense, já não pode mais ser considerada apenas uma comemoração da fé e religiosidade, mas sim um



evento detentor de todo um aparato estrutural e discursivo que, ao mesmo tempo em que se remete a uma identidade tradicional local, passa por um intenso processo de ressignificação. De início, a partir de uma pesquisa baseada na análise de memórias retratadas em diversos depoimentos orais que se baseou em uma série de entrevistas realizadas com diversos “atores sociais” envolvidos nos distintos momentos da Festa de Sant’Ana de Caicó e de um intenso processo de observação *in loco*, que ocorreu nas festas realizadas nos anos de 2010 e 2011, procuro realizar uma descrição dos diversos símbolos, signos e rituais que representam a cultura caicoense no formato atual da Festa de Sant’Ana. Percebi que atualmente o evento se divide em dois grandes núcleos, que se distinguem principalmente pela caracterização ritualística de seus espaços: de tradição, ou reforço, e de invenção, ou ressignificação.

No terceiro e último capítulo, intitulado “Discursos de tradição, modernidade e turismo no Seridó e na festa de Sant’Ana de Caicó”, procuro mostrar como a nova Festa de Sant’Ana, a partir da lógica do turismo de eventos, reorganiza o espaço caicoense, utilizando-se de uma série de estratégias que acabam por ressignificar a cultura local, introduzindo novos referenciais culturais e o contato com outras identidades, em uma palavra, o turismo cria novas tradições e ressignifica os costumes seridoenses. Agora, estas novas culturas são moldadas por influências externas, de povos que habitam além de suas fronteiras e visitam a localidade em busca de lazer, prazer ou descanso. Estas novas referências baseiam-se em uma indústria turística, em uma zona de convergência cultural que obriga a convivência com outros referenciais culturais, em estratégias de *marketing*, em fluxos de povos em constante trânsito, enfim, em uma cultura globalizada. Busco, por fim, realizar uma análise acerca das culturas e dos discursos sobre modernização em torno da Festa de Sant’Ana, chamando a atenção para a necessária e urgente importância dessa discussão e questionando: para que(m) serve o turismo, afinal?

## 2 HISTÓRIA, ESPAÇOS E REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DE CAICÓ: MARCAS IDENTITÁRIAS

Chegou o período dos cangaceiros e então um grupo de cangaceiros chegou até aí no pé-da-serra e quis invadir Caicó, mas como invadir? Então o chefe, certa tarde, veio disfarçado espreitando a cidade, entrando por aí pela ilha, por essa lado da ilha. O chefe do bando, ao se aproximar do leito da ilha, o leito do rio é... viu uma senhora de idade, uma senhora de idade como mulher do povo apanhando algumas bages de feijão na lavoura, apanhando aí alguma coisa nesse sentido. E... Então ela viu o cidadão e o cidadão olhou para ela, e quando ele foi entrando no leito do rio... o leito seco! Só areia, ela olhou para ele e disse: 'O senhor volte! O senhor não entrará nesta cidade, o senhor pode voltar'. e ele pelejava para dar um passo adiante para caminhar e não podia... e não podia. E, ela dizia: 'O senhor volte'. Aí ele voltou e contou isso a o seu bando e de lá eles foram embora e até hoje o povo de Sant'Ana que sabe dessa lenda diz que era Sant'Ana. Aquilo ali foi Sant'Ana que tomou a forma de uma senhora idosa e mandou esse cangaceiro ir em bora, esse chefe de bando ir em bora. É tanto que, sempre que aqui em Caicó, de repente, tinha uma ameaça e outra, o povo antigo sempre dizia: 'não vai acontecer não que Sant'Ana não deixa'. Eu já ouvi muitas promessas de Sant'Ana e preces... Mas essa é uma das lendas mais bonitas que eu acho.<sup>1</sup>

Este capítulo procura responder a uma antiga problematização que venho me fazendo já há certo tempo. Observando os relatos transmitidos pela oralidade caicoense acerca de Caicó, me questiono: porque a figura de Sant'Ana é tão importante para as pessoas desta cidade a ponto de estar presente em inumeráveis atos, modos de fazer e saber e construções simbólicas locais?

Entendo que a busca de soluções simples para questões complexas, pela minha experiência baseada no que percebo como a dimensão cultural da análise histórica, mostra-se, na grande maioria das ocasiões, infrutífera. Nesse sentido, a antropologia tem uma importante lição para nos ensinar, não existem respostas simples para problematizações complexas em sociedades com nível de complexidade elevado.

Em toda a região do Seridó norte-rio-grandense pode-se perceber que as festas em homenagem aos santos padroeiros se configuram como importantes momentos de sociabilidade, movimentando todo o conjunto da sociedade. E a Festa

---

<sup>1</sup> ARAÚJO, Antenor Salvino de. *Entrevista concedida a Ana Nery Silva de Oliveira*. Caicó, 20 abr. 2007.

de Sant'Ana de Caicó é um exemplo de como esses acontecimentos podem ganhar as feições de marcos identitários. Observando-se com atenção essa festividade, um observador mais cuidadoso pode perceber que ela tem a capacidade de agregar toda uma sorte de discursos e práticas que formam um panorama cultural muito complexo e que, de certa forma, desenha a identidade cultural da comunidade local. Em outras palavras, as festas de padroeiros na região configuram-se como ocasiões

Para relembrar a história da cidade, reavivar laços de solidariedade fundados na família ampliada, reafirmar valores, e acionar registros específicos da cultura seridoense. A Festa de Sant'ana de Caicó [...] configura-se como a matriz das outras festividades e abre o calendário religioso que se estende até o final do ano.<sup>2</sup>

A presente discussão pretende analisar os significados das categorias simbólicas relativas à festa de Sant'Ana nos padrões culturais locais. Para tanto, creio não ser possível entender o processo de construção de Caicó enquanto um lugar de devoção à Sant'Ana sem que se compreenda o contexto histórico que fez com que a festa em homenagem a dita santa se transformasse em um evento que congrega as características do que Marcel Mauss chamou de "*fato social total*", ou seja:

Existe aí um enorme conjunto de fatos. E *fatos que são muito complexos*. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social [...]. Nesses fenômenos sociais '*totais*', como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam.<sup>3</sup>

Resumindo em termos mais simples, a ideia de uma festa vista enquanto patrimônio imaterial da localidade, assim como o próprio processo transformação desta em um espaço de práticas turísticas, enquanto um "fenômeno turístico", podem ser qualificados como o que Mauss chamou de "fato social total", haja vista

---

<sup>2</sup> CAVINGNAC; MACEDO; BRITO; DANTAS, dez. 2000 – mar. 2011, p. 63.

<sup>3</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 187, grifos nossos.

que suas principais características se configuram como “elementos mediadores que atravessam diversos planos simbolicamente construídos no domínio social”.<sup>4</sup>

Assim, a proposta é analisar o que tornou possível o desenvolvimento desse fenômeno sociocultural (o culto e a festa de Sant’Ana na localidade) a fim de entender, nos capítulos seguintes, a trajetória da construção de Caicó como lugar de práticas turístico-religiosas. Acreditando que isto se manifeste ao longo de todo um contexto histórico, questiono: qual historicidade permitiu a emergência da festa como um “fato social total”?

## 2.1 TEMPOS MÍTICOS: ANTIGAS FORMAS DE SE “CONTAR” CAICÓ

O povo antigo dizia que há muito tempo, em épocas imemoriáveis, existia no Sertão uma lendária tribo indígena que se denominava Caiacó. Povo forte e corajoso que, dizem, se considerava invencível, pois tinham a vantagem de poder contar com o auxílio de seu Deus supremo, *Tupã* (o trovão).

Certa vez o Deus nativo, gerado dentro do seio da terra que lhe era própria, se encontrava encarnado no corpo de um touro indômito que habitava um grande mofumbal de certo rincão. Naquela época não existiam por aquelas terras os currais, sendo, nesse sentido, necessários indivíduos rústicos e de coragem para pastorear o gado vacum. Foi quando, desavisadamente e alheio ao risco que corria, um vaqueiro se aproximou.

Não se sabe ao certo o porquê, mas o ocorrido foi que uma novilha assustada havia se desgarrado do rebanho e, como de costume, estes valentes homens sertanejos nunca deixavam uma de suas criações para traz, ao menos não sem uma boa luta de “pega”.

Ao se aproximar do refúgio da divindade, ouviu o vaqueiro o badalar do chocalho da novilha, sinalizando sua presença. Sem pestanejar, na ânsia de encontrar a cria perdida, o homem adentrou no mofumbal – lugar sombrio, assustador. Esgueirando-se pelos cipós secos, perseguia o rastro do animal. Surpreendido, percebeu que o que rastreava não era a novilha, mas sim a perigosa

---

<sup>4</sup> COUTO, Patrícia de Araújo Brandão. Porto de Trás: etnicidade, turismo e patrimonialização. *Pasos: revista de turismo y patrimonio cultural: tradición y modernidad em turismo*. [S.l.], v.9, n.3, p. 19-30, número especial, 2011. Disponível em: <[www.pasosonline.org](http://www.pasosonline.org)>. Acesso em: 06 out. 2011.

besta possesora pelo espírito indígena. Fera que, enraivecida pela incômoda presença, não tarda em atacá-lo ferozmente.

Percebendo que não tinha recursos para lutar nem fugir, o vaqueiro, como último expediente, prostra-se em genuflexão e apela pelo auxílio de sua santa de devoção, Sant'Ana, prometendo-lhe construir um templo sagrado em sua homenagem se esta o salvasse do iminente perigo.

Ouvindo as preces do devoto, de súbito a santa aparece e atende-lhe o pedido. Eis que o espírito de *Tupã* é expulso do touro, transformando-se em uma serpente gigante que logo se refugiou em um poço próximo dali, que passou a ser conhecido como “Poço de Sant'Ana” – reservatório que, segundo a tradição, nunca mais secou.

Mas, mesmo derrotado, o Deus bravo não se entregou sem que antes lançasse uma terrível maldição sobre a localidade. Disse ele que, caso o poço secasse ou mesmo se o rio transbordasse ao ponto de suas águas atingirem o altar-mor da igreja matriz, retornaria para se vingar, destruindo tudo – o poço, o povo devoto da região, a matriz e tudo que se encontrasse em volta dela, ou seja, a cidade descendente da peleja.

### **2.1.1 O mito do vaqueiro como representação da cultura local**

Certa vez, um historiador bem mais experiente me questionou: “qual o sentido dos mitos de origem no teu discurso”? E ainda acrescentou: “cuidado com eles”! Após muito refletir, encontrei como saída para esta crítica sua reconversão em uma problematização, procurando pensar: qual a importância dos mitos de origem para a construção dos referenciais culturais e o que eles podem “dizer” a respeito da auto atribuição e auto representação das culturas e das identidades do povo de Caicó? Tentando elucidar esta problematização, envidei esforços para encontrar esta chave nas falas do próprio povo caicoense, através da análise de uma série de depoimentos orais.

Questionados sobre a importância de Sant'Ana para a cidade de Caicó, os moradores da cidade apresentaram narrativas sobre o passado distante da cidade, lendas que remontam ao início do processo de formação do seu território e que pareciam querer dizer “algo mais”. Foi assim que o senhor Nilson de Brito relatou:

Nessa época era tudo comum, não tinha esse negócio de divisa de cercado, era tudo uma mata só. Sabe? Mata fechada, então, tinha esse fazendeiro. Aí, na época havia um touro aqui solto dentro do campo. Isso aqui era vage muito abundante e esse touro tornou-se selvagem e não tinha quem pegasse. Ele chegou a matar vários vaqueiros. Então, ele ia andando aqui pelos campos nas proximidades onde hoje está a catedral e esbarrou com o touro. O bicho levantou-se. Aí, ele foi e se lembrou: 'se se livrasse daquele touro, naquele canto edificava uma capela para nossa senhora de Sant'Ana'. Então, o fazendeiro ficou parado a cavalo, e o tourão ficou ali desconfiado e foi embora e entrou na mata. Como fazendeiro lutava com trabalhadores, não é? Logo no outro dia ele juntou os trabalhadores, desmatou o local e construiu uma capela para nossa senhora de Sant'Ana.<sup>5</sup>

Complementando o relato da memória local, em um segundo contato que tive com as transcrições de depoimentos relatados por fontes orais acerca desse passado distante, o senhor José Dias expôs a seguinte fala:

O que eu sei, é que isso aqui chamava riacho da fortuna [proximidades da Matriz de Sant'Ana]. Era um mufumbal muito grande daqui pra igreja, isso tudo era beira de rio e um mufumbal. Então aqui tinha um touro encantado. Chamava encantado porque os vaqueiros botavam nele e eles terminavam correndo com o boi querendo matar os vaqueiros. Ele terminava correndo e nunca ninguém o pegou. Então, veio um vaqueiro pra cá e desencantou isso. Ninguém sabe se ele pegou o touro. Eu digo isso nos meus versículos. Havia um touro encantado assustando fazendeiro. Tinha uns fazendeiros aqui por perto, ninguém sabe aonde. Aí, via esse touro assombrando todo mundo, ninguém podia passar por aqui que ele botava em todo mundo. Porque tem touro que é assim ele toma conta do canto e o cabra não pode nem passar por lá que ele tira pra lascar. Então, veio um vaqueiro atrás de gado aqui, se perdeu no mufumbal e não sabia mais voltar pra casa. Aí, o touro botou nele botou pra matar e ninguém sabe se matou alguém, entendeu? Eu sei que ele se viu tão aperreado que fez um voto à Sant'Ana. Se se vise livre daquele touro imenso, construiria aqui nesse local uma capela em louvor a Sant'Ana.<sup>6</sup>

Sempre achei fascinante a “lógica” das representações mitológicas. Conjecturando sobre esta fascinação pessoal fui seduzido por uma possibilidade, a de um estudo onde pudesse enxergar nos mitos de uma localidade as formalidades das práticas geradoras de significados (formas de “saberes”) e de possibilidades de

---

<sup>5</sup> BRITO, Nilson de. *Entrevista concedida a José Antônio Fernandes de Melo*. Caicó, 20 jul. 2007.

<sup>6</sup> DIAS, José. *Entrevista concedida a José Antonio Fernandes de Melo*. Caicó, 21 jul. 2007.

ações (maneiras de “fazer”) por parte da figura que Michel de Certeau chamou de “homem ordinário”.<sup>7</sup> Creio ser possível admitir a possibilidade de aceitar as representações mitológicas como evidências de atribuições de significados que os homens comuns fazem de sua própria história. Sobre estas questões, a história transmitida geração após geração e que entrou para as crônicas da memória local do povo que habita a cidade de Caicó, na região do Seridó potiguar, legada aos descendentes desta terra como um conto que ficaria conhecido como a “lenda do vaqueiro”,<sup>8</sup> pode ser tomada como exemplo.

Este episódio perpetuado ao longo de mais de três séculos pela tradição oral do povo seridoense cunhou-se como marca pretensamente indelével da memória local, como se a identificação desse povo com essa lenda fosse fruto de um anseio ardente, desejo de que o próprio herói sertanejo tivesse forjado um ferro de boi mítico e ferrado a identidade cultural das pessoas dessa região, para que nunca mais sua forma fosse maculada e para que sua posse nunca fosse contestada. Eu mesmo fui tomado por esse doce desejo, pois, seridoense e caicoense como sou, fui educado nos moldes da “pedagogia de Sant’Ana” e durante toda minha infância acreditei nesse conto. Na verdade, mesmo adulto, ainda sinto esta crença resistindo em minha memória, bradando para ser transmitida à próxima geração, tamanha é a força do mito.

Esta representação mítica se dá através das quatro características mais marcantes do processo de ocupação do espaço seridoense, a saber: a presença e a intensa resistência indígena (representada pela agressividade do Deus *Tupã*); o apego à religião e as práticas católicas (personificado em Sant’Ana); as formas tradicionais de trabalho e a cultura pecuária, principal força motriz do processo de interiorização do espaço sertanejo (através da identificação com o herói vaqueiro); e as seculares relações deste povo com seu meio ambiente, notoriamente no que se refere à importância dada a um fundamental e escasso elemento, a água (representado pelo Poço de Sant’Ana).

Seguindo a linha de Certeau, penso nos mitos como sendo discursos necessariamente fragmentados e articulados sobre práticas heterogêneas de uma

---

<sup>7</sup> CERTEAU, 2011.

<sup>8</sup> O texto que condensa a chamada “lenda do vaqueiro”, contada no presente trabalho, configura-se como uma espécie de coletânea de histórias captadas *in passim*, a partir da tradição oral da região do Seridó norte-rio-grandense.

dada sociedade e que, de forma simbólica, as articula.<sup>9</sup> Entendo o mito como um “discurso relativo ao lugar/não lugar (ou origem) da existência concreta, um relato bricolado com elementos tirados de lugares-comuns, uma história alusiva e fragmentária cujos buracos se encaixam nas práticas sociais que simboliza”.<sup>10</sup> Em outras palavras, os mitos são alegorias, visões metafóricas sobre aspectos “isolados” que condensam características importantes e marcantes de uma sociedade (fragmentos sim, mas não destituídos de uma totalidade, de um contexto, sem os quais não existiriam), ou melhor, do mundo no qual um todo social se articula. São tessituras de sentidos transmitidas classicamente de maneira oral através da utilização de simbologias que comumente fazem uso de imagens e signos objetivando traduzir ideias e concepções sobre determinadas “realidades”. Em sentido mais estrito, os mitos são narrativas que versam sobre a origem de algo, contados e recontados infindáveis vezes, de forma figurada, e que conservam em si representações que indivíduos e, em um segundo momento, grupos sociais fazem sobre diversos aspectos de uma dada realidade, como fenômenos naturais, objetos, lugares, celebrações, utensílios, eventos, saberes, fazeres, etc.

Etimologicamente, o termo tem origem nas sociedades clássicas – do grego, *mythu*, e do latim, *mýthos*, ambos significando narrativa, relato, fábula, discurso.<sup>11</sup> Assim, o mito é um discurso, uma espetacularização narrativa de tradição oral que comumente relata algo ocorrido em um tempo fantástico e imemoriável, composto por seres que encarnam, simbolicamente, forças da natureza ou características da condição humana, ganhando, graças a uma espécie de sacralização do discurso do narrador, status de verdade.<sup>12</sup>

As formas pelas quais as narrativas míticas relatam a origem das coisas são diversas. Primeiramente, pode-se identificar uma noção na qual se reconhece um devir que segue uma rede de conexões descendentes, do divino ao mundano, do ininteligível ao cognoscível, do “supralunar” ao “sub-reptício”. Nesta rede, tudo decorre de relações, muitas vezes sexuais, ocorridas entre forças divinas. Ou seja, o que existe em uma realidade observada (as coisas, os seres, os lugares, etc.) é

---

<sup>9</sup> CERTEAU, 2011, p. 204.

<sup>10</sup> Ibid., p. 168.

<sup>11</sup> HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 2.0a. Rio de Janeiro: Objetiva; 2007. 1 CD-ROM.

<sup>12</sup> CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.



explicado a partir da construção de uma genealogia dos seres divinos. Em segundo lugar, determinadas características desta realidade podem ser explicados através da identificação de conflitos e rivalidades ou amizades e alianças entre essas mesmas divindades. E, como um “reflexo” da existência divina, estes distanciamentos ou aproximações fariam surgir, por sua vez, coisas como conflitos ou alianças no mundo material, dos seres vivos. Por fim, os mitos podem explicar o mundo através da narração de castigos ou recompensas que forças divinas dão àqueles que lhes desobedecem, transgredindo suas leis, ou que lhes são fiéis, obedecendo a suas vontades e seguindo os seus preceitos.<sup>13</sup>

Aí estão as características míticas da lenda do vaqueiro: a) a construção simbólica de uma genealogia do povo de Caicó e do Seridó através da identificação de uma rede de conexões descendentes, que liga diretamente estes homens aos seres divinos; b) a representação discursiva das rivalidades que geraram conflitos de proporções assustadoras no mundo material, entre nações indígenas e colonizadores, como um “reflexo” da inimizade superior das divindades indígenas e católicas e, em decorrência disso, a posterior aliança entre Sant’Ana e seu povo devoto, representada pelo ato de atender as preces do herói vaqueiro;<sup>14</sup> c) a narração do castigo sofrido pelo Deus *Tupã* e a recompensa da santa àqueles que lhe foram fiéis, dando-lhes uma fonte de água inesgotável para que pudessem “difundir o povo de deus na terra”.

Partindo destas discussões iniciais, o texto que se segue configura-se como um exercício de reflexão, procurando pensar e apresentar a história e a caracterização do município de Caicó para melhor situar o leitor acerca das categorias geradoras de significados culturais e de referenciais identitários locais, mostrando, num primeiro momento, como se deu a formação geopolítica do espaço da cidade de Caicó, que no seu início se confunde com o próprio Seridó. A discussão desenvolvida nesta seção tem como mote a reconstrução histórica do *lugar* através de uma análise do chamado “mito do vaqueiro” enquanto representação da cultura local e de uma difícil relação entre o homem seridoense e os espaços e paisagens do semiárido da região. Estabelece-se como premissa a

---

<sup>13</sup> CHAUI, 2003.

<sup>14</sup> A materialização da aliança entre as forças divinas e humanas na lenda do vaqueiro são, por parte da santa, o poço com águas inesgotáveis e, por parte do vaqueiro, a construção da capela.

ideia de que esta representação mítica da criação de Caicó se dá (como veremos) através de uma rememoração alegorizada das particularidades do processo de formação da cidade enquanto espaço geopolítico, a saber: a presença e resistência indígena; à religião e as práticas católicas; o trabalho e a cultura pecuária; e as relações entre homem e meio ambiente.

A partir da revisão desta reconstrução histórica de Caicó, procuro problematizar: como se deu a construção dos referenciais identitários da cultura caicoense e como estas noções espaciais e identitárias passaram, ao longo dos séculos, por diversas releituras e transformações? Culminando com uma análise que busca dialogar acerca do culto à santa, Ana, na cidade e repensar a importância da Festa em homenagem a esta figura atribuída de significados simbólicos reconvertidos pela cultura ordinária de Caicó, enquanto artefato que congrega os principais elementos constitutivos de uma identidade local.

## 2.2 LIVRO DO NASCIMENTO DE CAICÓ: O VAQUEIRO E A SANTA

Como discutido anteriormente, uma noção chave para a presente pesquisa é a possibilidade de identificar nas narrativas míticas evidências dos processos de resignificação das culturas e identidades. Ora, se todo grupo social é detentor de uma gramática própria que rege a formação de seus referenciais identitários, acredito que as lendas locais fazem parte deste tecido cultural, podendo ser tomadas como sinais, evidências de como as coisas acontecem. O mito é convertido, nesse sentido, em fonte histórica passível de análise. Assim, a lenda do vaqueiro, transmitida ao longo de várias gerações na região do Seridó, servirá de pano de fundo para discutir os processos de formação das chamadas culturas locais.

Com base na historiografia regional, é notório que tal lenda remete-se aos elementos fundamentais do processo de ocupação dos espaços da então Capitania do Rio Grande. Dentre os principais, a religião católica e a atividade criatória foram predominantes no período de construção territorial desses espaços e de formação cultural dessas identidades.

A conquista, ocupação e a formação dos primeiros núcleos coloniais no interior da antiga capitania advêm essencialmente em função das atividades pecuaristas. Ocorre que a lógica mercantil do cultivo manufatureiro da cana-de-

açúcar (com vistas a atingir uma demanda crescente de um mercado capitalista ainda em formação) e a atividade criatória do gado, apesar de serem atividades intrinsecamente ligadas no início do período colonial, mostraram-se incompatíveis no que diz respeito a divisão de um mesmo espaço geográfico.

Paulatinamente, e pragmaticamente, foi surgindo no Rio Grande uma divisão espacial que demarcou lugares de produção de artigos específicos para o interior, o sertão, e para o litoral. O local mais propício para o cultivo da cana-de-açúcar, a chamada Zona da Mata [atlântica], contava com uma faixa de terra que não ultrapassava os 60 km, espaço que se fazia da costa em direção ao interior da Capitania. Na medida em que estas terras foram efetivamente ocupadas com vistas a produção em larga escala da cana, a cultura pecuarista foi sendo cada vez mais “empurrada” para o sertão.

A situação de divisão espacial da produção se concretizou definitivamente com o advento da Carta Régia de 1701, que proibiu terminantemente a criação de gado a menos de 10 léguas do litoral.<sup>15</sup> Foi em benefício da lavoura açucareira que se consolidou efetivamente o processo de interiorização do projeto colonizador português, quando os espaços de produção e trabalho foram enfim delimitados. Aliado a isso, a existência de uma quantidade não ignorável de pastagens naturais (como o mororó, o feijão-bravo, o umarí, etc.) juntamente com o clima propício mostraram-se atrativos para a atividade criatória.<sup>16</sup>

A penetração gradual dos homens no território se efetuou inicialmente aproveitando os acidentes geográficos naturais da região. Sempre guiado pela cadência lenta da marcha dos rebanhos, o elemento colonizador português seguiu os caminhos que levavam ao interior ladeando as margens dos cursos de água que banham a caatinga através do sistema hidrográfico composto pelos rios Seridó e Espinharas.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. *A Penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense*. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

<sup>16</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Velhos inventários do Seridó*. Brasília: [s.n.], 1983.

<sup>17</sup> Conforme podem atestar diversas representações culturais das localidades da região. A título de exemplo acerca desta questão, pode-se constatar o fragmento do hino da cidade de Serra Negra do Norte, que diz: “Os rios certos, servindo de estradas / Traziam o boiadeiro, de aguarda em aguarda”. Ou mesmo o hino da própria Caicó, cuja letra diz: “Teus bovinos que em longas manadas, se apascentam por vales e serras / Simbolizam as lides passadas, na conquista penosa das terras”.

Sendo a maioria dos rios temporários, reservatórios de água como poços, olhos d'água e lagoas, com capacidade de resistir mais tempo aos períodos de estiagem, eram de vital importância para os primeiros colonizadores. Na verdade, na grande maioria dos casos, as aglomerações nas quais os colonos se fixavam se faziam próximas a estes reservatórios. Nesses espaços, os colonos iniciavam a ocupação através da introdução da chamada “semente de gado”.

Esta, na sua expressão mais simples, era representada por um touro e três vacas. A esse local, com aguada certa, permitindo a fixação do binômio homem-boi, dava-se, na linguagem usada na época, a denominação de sírio. [...] Quando em um sítio, o seu descobridor introduzia os seus gados, levantando um rancho e uma caiçara, primeiros estágios do uso da terra, tal sítio, já caracterizada a sua finalidade econômica, passava a ter a denominação de fazenda.<sup>18</sup>

Estando o surgimento das primeiras aglomerações urbanas diretamente relacionado a esses lugares, é natural que os centros das atuais cidades do Seridó coincidam, de fato, com os currais destas fazendas primitivas.

Após se instalar efetivamente na terra escolhida, erigindo uma série de benfeitorias na fazenda, e “plantar sua semente de gado”, a posse oficial do lugar era solicitada diretamente ao representante mais próximo da coroa portuguesa na capitania, o Capitão-Mor ou governador, que distribuía gratuitamente a terra com vistas a garantir o esforço povoador. O instrumento de concessão de terras era a *sesmaria*, também chamada de *data de terra*, através da qual, após confirmação régia, o senhor ganhava o direito de explorar o sítio.

Como se pôde notar até o presente momento, a tipificação da cultura local através de uma série de representações voltadas para um passado sertanejo e pecuarista não é desmedida. No Seridó e em Caicó, sob uma construção cultural tradicional, ser sertanejo é ser “vaqueiro”, e esta representação está cunhada nos mais variados elementos da cultura local, como os topônimos da região, que vão nomear os mais variados espaços geográficos – tais como cidades, rios, poços, fazendas, etc. A atividade criatória tem importância tão elevada para essa sociedade que gerou inclusive, como discutido anteriormente, um dos personagens principais do mito criador da cidade de Caicó, o herói da “lenda do vaqueiro”.

---

<sup>18</sup> MEDEIROS FILHO, 1983, p. 10.

Já por volta das décadas de 70 e 80 do século XVII, ainda no ápice dos conflitos bélicos entre nativos e colonizadores, aparecem os primeiros sesmeiros nas terras do então chamado *Sertão do Acauã*, espaço que viriam a se tornar o Seridó, na ribeira do Acauã, estando entre os principais os pertencentes à família dos Albuquerque da Câmara, notoriamente o Coronel Antônio de Albuquerque da Câmara. Na ribeira do rio Seridó, no Sítio Penedo, foi erigida nessa mesma época uma construção fortificada referenciada na bibliografia historiográfica como *Casa-Forte do Cuó*, da qual o mesmo coronel era o comandante de tropas. Foi nos entornos desta fortificação, construída nos anos 80 dos seiscentos, nas proximidades do Poço de Sant'Ana, que surgiu o primeiro núcleo de povoação com características urbanas que daria origem a atual cidade de Caicó.<sup>19</sup>

Segundo o historiador Olavo de Medeiros Filho, em seu livro *Índios do Açu e Seridó*, o nome da cidade de Caicó teria sua derivação proveniente do nome dado ao rio que banhava a região, hoje conhecido como Rio Seridó. Em língua *Tarairiú*, o topônimo *Queiquó* significa Rio Acauã (*quei* = rio; *quó* = acauã).<sup>20</sup> A Casa-Forte do Cuó destinava-se a ocupação e proteção do território da ribeira do *Acauã*, onde seria instalado o futuro arraial do Caicó, e ao abrigo das tropas militares do regimento do Coronel Antônio de Albuquerque da Câmara, que visavam o combate aos indígenas denominados genericamente pelos portugueses como *Tapuia*, de tronco linguístico *Tarairiú*, no período da chamada “guerra dos bárbaros”.

Apesar de atualmente existirem outras aplicações diversas, o termo arraial significa, em sua acepção primordial, um lugar provisório que se destina a fins militares, um acampamento militar, sendo criado em territórios que necessitam ser “domesticados” com vistas a viabilizar seu povoamento por parte de uma força de ocupação – nesse caso, os portugueses. Sendo um espaço destinado a atividades fundamentalmente bélicas, a ausência de habitações de colonizadores “civis” nos primeiros momentos de sua existência era provavelmente uma de suas características principais.

---

<sup>19</sup> MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Índios do Açu e Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984.

<sup>20</sup> *Ibid.*

Mapa 3 – Imagem de satélite evidenciando a posição estratégica da Casa-Forte do Cuó.



Fonte: Google Maps.

Mapa 4 – Croqui representando o centro histórico da cidade de Caicó.



Fonte: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Inventário nacional de referências culturais: ficha de identificação de localidade: Caicó.* Natal: IPHAN, 2007.

As particularidades geográficas do sítio o fizeram um ponto extremamente estratégico para a construção de um posto avançado da presença colonial, centro do arraial que existia de fato, mas que só seria instalado oficialmente em no ano de 1700 pelo Coronel de Cavalaria Manuel de Souza Forte, comandante da Casa-Forte do Cuó nessa época.<sup>21</sup> Do alto do lajedo no qual os alicerces do forte foram edificadas é possível ter uma visão panorâmica da região, que vai até onde a vista alcança, em todas as direções.

Sem nenhum tipo de bloqueio para a vigília do ambiente, os europeus podiam ali se estabelecer com a certeza de que tinham uma vantagem essencial em uma ocupação militar, a de que as tribos nativas inimigas não teriam o benefício do ataque surpresa, pois suas sentinelas só poderiam perder de vista o que se escondia atrás da linha do horizonte. Como mostram os mapas “1” e “2”, logo acima, o local ficava entre dois importantes rios, o *Acauã* (atual rio Seridó), que se distanciava alguns metros, e o *Quipauá* (conhecido atualmente como Barra Nova), a pouco mais de dois quilômetros, o que garantia acesso fácil a um importante suprimento de água. Já em períodos de maior estiagem, o fornecimento de água era mantido pelo Poço de Sant’Ana, formado em tempos chuvosos por um braço do rio *Acauã*. Voltando o olhar para a direção do sol nascente, avistar-se-ia a serra *Samanaú*, atualmente conhecida como São Bernardo.

Foto 1 – Ruínas remanescentes dos alicerces da antiga Casa-Forte do Cuó.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Foto 2 – Visão panorâmica mostrando a Serra de Samanaú do local de edificação da Casa-Forte.



Fonte: acervo pessoal do autor.

<sup>21</sup> Cf. Acta da instalação da povoação do Caicó, 07 jul. 1735. Transcrição literal do documento na íntegra. MEDEIROS FILHO, 1984, p. 149.

Como se pode notar, a geografia privilegiada do ambiente mostrava-se extremamente propícia ao estabelecimento do arraial e a edificação militar em torno da qual nasceu o arruado que originaria Caicó, ou seja, a aglomeração primitiva de construções, núcleo primeiro de formação do espaço que viria a se tornar a cidade.

Pouco tempo depois da edificação do forte, em meados da década de noventa do século XVII – muito provavelmente devido a aproximação do fim da “guerra dos bárbaros” e a iminência da assinatura do tratado de paz entre portugueses e indígenas, quando a função militar do forte e do arraial perdiam importância – foi erigida nas proximidades, no mesmo sítio Penedo, uma capela com invocação “Senhora Sant’Ana”.<sup>22</sup>

É patente a importância desta capela como elemento estruturante do espaço urbano, haja vista que sua edificação se deu em concomitância com o surgimento do arruado, aproximadamente quarenta anos antes de a localidade ser elevada a categoria de povoação e mesmo cinco anos antes da criação oficial do arraial do Caicó, quando ainda cumpria funções mais militares que outras quaisquer.

No ano de 1735, mais precisamente no dia sete de julho, às sete horas da manhã (!),<sup>23</sup> deu-se o grande evento que oficializou a instalação da Povoação do Caicó. Toda a população local concorreu a praça no largo da Capela de Sant’Ana e da Casa da Suplicação, onde a cerimônia foi realizada, com o intuito de acompanhar o rito solene conduzido pelo Coronel Comandante do Regimento de Cavalaria das Ordenanças da Ribeira do Seridó Manuel de Souza Forte – o mesmo que havia fundado o arraial no ano de 1700. O coronel ordenou, conforme a indicação das Ordenações Filippinas, a colocação do pelourinho “para serem aplicados castigos aos criminosos, aos escravos, aos ladrões e aos filhos desobedientes aos paes”<sup>24</sup>. Após os “vivas” às autoridades, o reverendo Messias Jozé Pereira celebrou a santa missa no adro da Capela. A documentação histórica cita que, naquela ocasião, a igreja havia recebido a doação de uma imagem de Sant’Ana, ofertada por um cearense que se chamava Luiz da Fonte Rangel. A representação da santa foi abençoada pelo padre e reverenciada pelos fiéis através do “beijo” da imagem.

---

<sup>22</sup> MEDEIROS FILHO, 1984.

<sup>23</sup> O relato detalhado do documento que mostra a data precisa do ocorrido permite observar uma curiosidade: foi aos 7 dias do sétimo mês (7), às 7 horas da manhã. Coincidência ou não, o 7 (sete) é um número bíblico que representa a divindade do Deus católico.

<sup>24</sup> Cf. Acta da instalação da povoação do Caicó, 07 jul. 1735. Transcrição literal do documento na íntegra. MEDEIROS FILHO, 1984.



Discutirei mais a frente os rituais, símbolos e representações da devoção do povo seridoense à Sant'Ana ao longo dos tempos, mas já posso adiantar que o objeto atribuído de sacralidade citado na documentação foi a mesma imagem que acompanhou a festa ao longo dos séculos e que ainda se encontra na catedral, agora longe dos assédios dos fiéis – política adotada apenas recentemente, dado o reconhecimento de seu valor histórico – e que o beijo na imagem da santa, ou o toque, se for a única possibilidade, é um ato representativo da fé do seridoense na avó de Cristo e perdura até os dias atuais. Por agora, voltemos à história da formação do espaço de Caicó.

No que tange a evolução do processo de urbanização, a Povoação do Caicó era ainda um lugar um tanto quanto precário, misto de urbe e comunidade campesina. Na verdade era muito mais uma localidade semiurbana, pois detinha elementos estruturantes que mesclavam características dos universos citadino e rural. Dispunha, conforme o padrão de evolução das aglomerações urbanas no período colonial, de poucos e primitivos elementos estruturantes do espaço que ainda se encontrava em processo de formação, possuindo basicamente a capela de Sant'Ana, algumas construções públicas, como a citada Casa de Suplicação, a praça central diante destas e algumas poucas casas “de morada”. Ainda não havia nesse período um lugar especificamente reservado para o comércio, como um mercado público, sendo a praça central um provável local destinado para este fim, aonde devia existir uma feira realizada periodicamente.

### 2.3 LIVRO DAS PELEJAS DIVINAS: RELAÇÕES ENTRE COLONIZADORES E INDÍGENAS NO INTERIOR DA CAPITANIA DO RIO GRANDE

No certão de Acauhão, onde habita a nação do Tapuya Caninde, e Jandui confrontadas com a serra trapua a onde *tem povoado com quantidade de gados, e por falta de agoas, os nam tem bem acomodados por ser o tal certão falto dellas, por cuja razão não tem mettido muytos mais, do que tem e tera a fazenda Real muito mayor lucro com que elles suplicantes tem feyto grande dispendio, e actualmente estão fazendo com o dito gentio em que fazem serviço a sua Magestade que Deos goarde, para mays obrigados os terem e conservarem a paz em que estão, e porque de presente tem descoberto a custa de muyto trabalho e do dito dispendio algumas partes e paragens, onde há alguns posos de agoa de que não tem certesa se são duraveis pela sabida falta que dellas há no dito certão*

*por não haverem rios correntes, por secarem logo com os verões como hé notorio.*<sup>25</sup>

Atividade criatória, convívio com a natureza e escassez de água, relações tensas entre portugueses e indígenas, religiosidade. Todas estas questões podem ser identificadas nas representações que o elemento colonizador português nos legou sobre os primeiros momentos da ocupação dos espaços no interior da Capitania do Rio Grande – como pode ser visto na citação imediatamente anterior, que remonta ao ano de 1684.

A primeira discussão que o texto incita diz respeito ao fato de que a representação mítica da criação da cidade de Caicó através do confronto entre as divindades católicas e indígenas não é nada desmedida, como pode atestar a seguinte citação:

Longe de representar apenas uma narrativa de caráter maravilhoso, essa lenda evoca a colonização branca no sertão do Rio Grande, que somente foi possível após a submissão dos grupos indígenas que habitavam esse espaço. Dos elementos apontados pela lenda, destacam-se o vaqueiro, a água e a capela, [...] cuja mestiçagem aponta para uma das possíveis identidades dos moradores de Caicó.<sup>26</sup>

A verdade é que, desde muito cedo, o processo de convivência entre as culturas do ocidente europeu e dos nativos que habitavam os espaços que viriam a se tornar a Capitania do Rio Grande se mostrou muito conflituoso. O fato é que durante os momentos mais complicados desta convivência, agravados pela interiorização e disseminação do gado em terras habitadas pelos nativos, os homens desta região vivenciaram intensos e acalorados combates que dizimaram grandes populações, principalmente da parte dos índios. Tais combates cunharam a expressão “Guerras dos Bárbaros” na historiografia regional, conflitos armados que tiveram seus primeiros registros na Baía em meados dos seiscentos e se estenderam por várias regiões das chamadas capitanias do norte.

---

<sup>25</sup> Cf. Carta de data de Sesmaria concedida a Antonio de Albuquerque da Camara, Luiz de Souza Furna, Lopo de Albuquerque da Camara e Pedro de Albuquerque da Camara, de sobras no Rio Acahuã. Transcrição literal do documento na íntegra. MEDEIROS FILHO, 1984, p. 114, grifos nossos.

<sup>26</sup> MACEDO, Elder Alexandre Medeiros de. *Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte*. Natal: EdUFRN, 2011, p. 132.

Motivos não faltaram para a revolta nativa. Na verdade, a questão não era precisamente a posse da terra, pois tal conceito não parecia fazer parte da cultura dos índios que habitavam a região (sendo que estes grupos assumiam um estilo de vida deveras seminômade, onde a ideia de propriedade privada não se mostrava tão grave, e em nada se aproximava, quanto entre os europeus). Fato é que, por o gado ser criado em locais naturais como margens de rios e outros, onde comumente os nativos costumavam caçar e fazer usos diversos das águas, estes se acharam no direito de abater o gado trazido pelos sesmeiros para consumo próprio, o que provocou uma reação brutal dos mesmos e a uma contrarreação imediata dos “gentios bravos”, como eram chamados os índios que não se submetiam a dominação ocidental.

Nas cartas de solicitação de sesmarias que o tempo permitiu chegar até os historiadores atuais não faltam exemplos das representações que os colonizadores faziam do sertão. As primeiras imagens que nos chegaram são as de um território no mínimo difícil de viver, um lugar extremamente “hostil, inóspito, ermo e ignoto, paradoxalmente recheado de ‘tapuias’ ou de índios Janduí e Canindé”.<sup>27</sup> Assim é que, em carta de solicitação de data de terra e sesmaria, no ano de 1666, de Dona Theodozia Leite de Oliveira entre outras pessoas, relata-se o seguinte:

Elles suplicantes tem suas criações de gados vacum e cavallares e não tem terras suas onde as poder acomodar e de presente tem descoberto no Sertão desta capitania terras devollutas em hum Rio que se chama acauham, que nunca forão povoadas nem aproveitadas por estarem *em poder do gentil bravo* donde elles suplicantes se podem acomodar cõ as criações de seus gados tudo em aumento da fazenda Real e serviço de sua Alteza povoence as terras que estão devolluptas pelo que Pedem a V. Mce. lhes faça mercê em nome de Sua alteza dar lhes de sismaria para elles e seus herdeiros assendentes e descendentes da barra do Rio Acauham.<sup>28</sup>

Com base na documentação, percebe-se mais uma vez que, muito além de uma simples fábula, a “lenda do vaqueiro” configura-se como uma rememoração alegorizada das particularidades históricas da cidade que permite enxergar uma imagem muito forte de questões como a presença e resistência indígena, a religião e

---

<sup>27</sup> MACEDO, 2011.

<sup>28</sup> Cf. Carta de Data e sismaria pello Cap<sup>o</sup>m. Mor Antônio Vaz Gondim a Dona Theodozia Leite de Oliveira e outras pessoas, no rio Acauham. Transcrição literal do documento na íntegra. MEDEIROS FILHO, 1984, p. 108, grifos nossos.

as práticas católicas, a cultura pecuária e as relações entre homem e meio ambiente.

## 2.4 LIVRO DAS RELAÇÕES ENTRE HOMENS E DIVINDADES: A FESTA DE SANT'ANA DE CAICÓ

Um dos principais pilares do catolicismo, do qual decorre toda uma série de ritos sagrados e doutrinários, é, sabidamente, o culto aos santos. O universo hagiográfico, extremamente vasto, garante um panteão de figuras sacras que facilmente se estende por todos os dias do ano. Ou seja, existe um ou mais santos para cada dia do ano, comemorados com louvor. Sendo assim, o mundo dos santos, construído paulatinamente ao longo dos séculos no cristianismo catolicista, é extremamente complexo e multifacetado. Mas não é esse o tema trabalhado nessa dissertação, pois, na presente seção, pretende-se discutir os diversos elementos voltados à santificação de Ana e ao início do culto a esta importante figura da tradição católica, bem como os primórdios da veneração a dita santa na cidade de Caicó/RN. Esta reflexão se mostra importante, uma vez que é em sua honra que anualmente, a séculos, no mês de julho, o povo caicoense festeja.

### 2.4.1 O culto à Sant'Ana ao longo da história

Ao me lançar no esforço de coletar dados sobre o início do culto à Sant'Ana deparei-me com uma grande dificuldade, a falta de publicações e a carência de fontes a esse respeito, notoriamente fontes documentais. Mesmo com todas as facilidades de acesso provenientes da *internet*, custou-me muito esforço e incontáveis madrugadas de pesquisa na *web* para encontrar referências, principalmente com alguma credibilidade, para embasar uma discussão acerca das representações católicas sobre a figura de Ana, ainda não santa, os motivos que levaram a sua santificação e o surgimento do culto em seu louvor. Constatei que as discussões em língua portuguesa são extremamente escassas, para não dizer inópias. Algumas raríssimas publicações podem ser encontradas em línguas estrangeiras, essas também pouco fundamentadas.

Assim é que, na Enciclopédia Católica (*The Catholic Encyclopedia*<sup>29</sup>), o verbete *St. Anne*, texto em inglês, faz menção a escassez de fontes de informação acerca da pessoa de Ana, dizendo que

All our information concerning the names and lives of Sts. Joachim and Anne, the parents of Mary, is derived from apocryphal literature, the Gospel of the Nativity of Mary, the Gospel of Pseudo-Matthew and the Protoevangelium of James. Though the earliest form of the latter, on which directly or indirectly the other two seem to be based, goes back to about A.D. 150, we can hardly accept as beyond doubt its various statements.<sup>30</sup>

É alheia a esta pesquisa se as poucas referências biográficas sobre a santa se deram por uma simples ausência não planejada na literatura católica ou mesmo por omissão proposital por parte da igreja. Fato é que esta lacuna não impediu que o culto a Ana se desenvolvesse exponencialmente ao longo dos séculos e tomasse vulto em grande parte do mundo. O que nos chega é que as pouquíssimas referências à vida da santa nos periódicos de circulação local da cidade de Caicó no recorte temporal estudado, para não dizer a quase total nulidade das exposições a esse respeito, é uma de suas principais características.

Na tradição católica, Ana (em hebraico, Hannah, significando graça, também escrito, em outras culturas, Ann, Anne, Anna) é o nome da mãe da Virgem Maria e avó de Jesus Cristo. E foi justamente por isso que se deu sua santificação. Sabe-se que, no catolicismo, a valorização da maternidade ganhou vulto entre os séculos XI e XII, quando se concretizou oficialmente no discurso teológico da igreja a institucionalização do casamento.

Nesse período, tanto a maternidade quanto o papel da 'boa esposa' passaram a ser exaltados pela Igreja, a qual fez uso da história de vida de Maria, e também de sua mãe Ana, como referências para as mulheres cristãs que deveriam buscar nelas a inspiração de vida. [...]

<sup>29</sup> HOLWECK, Frederick. "St. Anne". In: *The Catholic Encyclopedia*. vol. 1. New York: Robert Appleton Company, 1907. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/01538a.htm>>. Acesso em: 20 out. 2011.

<sup>30</sup> "Todas as nossas informações sobre os nomes e as vidas dos Santos Joaquim e Ana, os pais de Maria, derivam da literatura apócrifa, o Evangelho da Natividade de Maria, o Evangelho do Pseudo-Mateus e o Protoevangelho de Tiago. Embora a forma mais antiga deste último, no qual direta ou indiretamente os outros dois pareçam se basear, remonte a cerca de 150 dC, dificilmente podemos aceitar como fora de dúvida suas diversas declarações" [tradução livre do autor].

Assim, nesse contexto da história do cristianismo, Maria triunfou como mãe e fez triunfar também sua mãe Ana. Essa perspectiva é decorrente do fato de que, para a Igreja, tanto a concepção de Ana, gerando Maria, e depois, de Maria concebendo Jesus, se deram sem o contato carnal, mas por intercessão de Deus e, dessa forma, essas duas mulheres estariam livres da mancha do pecado original.<sup>31</sup>

Essa doutrina, que é conhecida como “imaculada concepção” – tanto no caso de Maria quanto no de sua mãe, Ana – se baseia nos evangelhos apócrifos, nos quais se descreve que Maria, assim como seu filho, Jesus Cristo, estariam livres do pecado original desde a sua concepção. Ou seja, Ana também teria concebido sem uma conjunção carnal.

No apócrifo conhecido como “Protoevangelho de Tiago”, também conhecido como “Evangelho da Infância”, relata-se que em Israel havia um casal rico, mas humilde, temente a deus, generoso e piedoso, seguidor das doutrinas judaicas. Joaquim e Ana eram atormentados por não poder conceber filhos, pois ela era estéril. Por esse motivo, Joaquim era constantemente vítima de humilhações por parte da comunidade, haja vista que não poderia dar continuidade a prole do povo escolhido de Deus na Terra. Certo dia, ao tentar fazer uma oferenda ao senhor, Joaquim foi rechaçado por um dos sacerdotes do templo, que dizia que um homem sem filhos não seria digno de oferecer sacrifícios no templo. Desolado, e prostrado em tristeza profunda, Joaquim se retira do templo e se dirige direto ao deserto, onde passa quarenta dias e quarenta noites jejuando, tentando encontrar respostas e pedindo a Deus para responder à suas preces. Nesse período Ana, que não sabia do paradeiro de seu marido, também lamentava sua desgraça, pois além de estéril, agora também já se considerava viúva. Ela dizia:

Ai de mim! Por que nasci e em que hora fui concebida? Vim ao mundo para ser como terra maldita entre os filhos de Israel. Estes zombaram de mim e me expulsaram do templo do Senhor. Ai de mim! A quem me assemelho eu? Não às aves do céu, pois essas são fecundas em tua presença, Senhor. Ai de mim! A quem me assemelho eu? Não aos animais da terra, pois, até esses irracionais são fecundos perante ti, Senhor. Ai de mim! A quem me assemelho eu? Sequer a estas águas, porque até elas são férteis diante de ti,

---

<sup>31</sup> PETRUSKI, Maura Regina. *Julho chegou... e a festa também: Sant’Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961)*. Paraná. 2008. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2008. p. 76.

Senhor. Ai de mim! A quem me pareço eu? Sequer a esta terra, porque ela também é fecundada, e oportunamente dá seus frutos segundo as estações te bendiz a ti, Senhor.<sup>32</sup>

Nesse momento, um anjo de Deus aparece à Ana e diz: “Ana, Ana, o Senhor escutou tuas preces. Conceberás e darás à luz e de sua prole se falará em todo mundo”<sup>33</sup>. Ana então promete que sua filha será consagrada ao Senhor, dedicando-se aos serviços do templo de Deus. No mesmo momento, Joaquim é informado sobre a bênção que receberam e retorna a sua esposa. Transcorrido o período de gestação e nascida a criança, uma menina, Ana atribui-lhe o nome de Maria, que, aos três anos de idade, é apresentada ao templo, cumprindo a promessa de sua mãe de se dedicar aos serviços do templo.

Para além da história contida nos apócrifos e antes de Sant’Ana passar a servir de modelo de comportamento para as mulheres e para a igreja católica, o culto a santa se popularizou em diversas partes do mundo, tanto no oriente quanto no ocidente. Segundo Petruski<sup>34</sup>, esta popularização da devoção à santa, que remonta à baixa idade média, se deve a duas características particulares desse culto, que seriam a sua espontaneidade e a sua universalidade.

O primeiro, a espontaneidade, é justificada pelo fato de que seu culto iniciou em terras do Oriente e, gradativamente, foi se espalhando por outros lugares num momento em que os meios de transmissão eram ínfimos, sendo realizados basicamente por meio dos próprios devotos, que elevaram e divulgaram seu nome por onde passaram. Ana também não teve seu nome ligado à criação ou a participação em nenhum movimento espiritual, que lhe possibilitasse ficar mais conhecida. [...] Outro ponto que é apresentado para justificar a espontaneidade em relação à devoção a Ela dedicada, diz respeito a não encontrarmos registros que liguem seu nome a nenhum tipo de produção escrita a qual poderia contribuir para que Ela se tornasse mais conhecida. Ana também não foi uma pessoa que fundou obras de caridade, que a colocasse em contato com pessoas de distintos lugares, muito pelo contrário, foi uma mulher da família e do silêncio. [...] O segundo aspecto apontado referente à devoção a Sant’Ana é a universalidade de seu culto, pois não é apenas uma comunidade, uma cidade ou uma nação que a venerava, mas sim, encontramos

---

<sup>32</sup> EVANGELHOS apócrifos. 3. ed. Introdução e Tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (Teologia; 17). p. 26-27.

<sup>33</sup> EVANGELHOS..., 2004, p. 27

<sup>34</sup> PETRUSKI, 2008, p. 77

referência de seu culto em distintos lugares demonstrando que muitos povos lhe dedicavam honras.<sup>35</sup>

Em outras palavras, o culto a Sant'Ana nasceu de forma espontânea, entre os próprios fiéis, sendo oficializada pela Igreja apenas séculos mais tarde, e se concretizou universalmente entre os católicos, pois obteve ampla aceitação entre esses povos cristãos. Na verdade, seu culto continua sendo um dos principais entre os católicos, até a atualidade.

#### **2.4.2 Revisitando o passado da festa em Caicó**

A identidade cultural dos católicos se baseia em diversos pilares, estando entre os principais, notoriamente, a realização de festas em homenagem aos santos de devoção, principalmente os padroeiros de localidades, o reconhecimento de milagres realizados por esses mesmos santos e o pagamento de promessas em agradecimento à graças alcançadas ou que se quer alcançar.

Em Caicó, assim como em outras partes do Brasil, a festa de Sant'Ana cunhou-se como uma das celebrações mais tradicionais do cristianismo católico, sendo amplamente difundida e praticada ao longo de todo período colonial e chegando até os dias atuais. Na verdade, em toda região Nordeste a devoção e as homenagens a Sant'Ana ganhou maior vulto e visibilidade no período que se transcorre após a expulsão dos holandeses do território nacional.

Mas no Seridó é provável que, mesmo antes deste período, de forma privada e em oratórios domésticos – ou seja, o culto doméstico era mais corrente do que o público, coletivo – já existissem devotos da santa, uma vez que já em meados da década de noventa dos seiscentos, muito provavelmente devido a aproximação do fim da “guerra dos bárbaros” e da expulsão dos holandeses, foi erigida no sítio Penedo, primeiro núcleo povoador de Caicó, uma capela com invocação “Senhora Sant'Ana do Cuó”.<sup>36</sup> Assim, com a assinatura do tratado de paz entre os portugueses e os indígenas locais, ficou o caminho aberto para que os católicos se dedicassem com maior afinco as práticas religiosas.

---

<sup>35</sup> PETRUSKI, 2008, p. 77-78.

<sup>36</sup> MEDEIROS FILHO, 1984.



Como dito anteriormente, a importância desta capela como elemento estruturante do espaço urbano de Caicó é notória, uma vez que sua edificação se deu em concomitância com o surgimento do primeiro arruado da localidade. Foi também em decorrência dela que este espaço começou a ganhar maior importância na região. Na década de 30 do século XVIII, após a criação da Freguesia de Nossa Senhora do bom Sucesso de Piancó, na Paraíba, toda a atual região do Seridó foi submetida a sua jurisdição. Já em 1748, cumprindo um decreto régio do ano anterior, o “Visitador Geral dos sertões da parte do Norte” Manoel Machado Freire estabeleceu os limites da nova e independente Freguesia da Gloriosa Senhora de Sant’Ana do Seridó, com sede na Povoação do Caicó.<sup>37</sup>

Naquele mesmo ano foi escolhido um novo local, mais cômodo e acessível para a edificação da nova Igreja Matriz com invocação de Senhora Sant’Ana, haja vista o aumento da quantidade de pessoas na povoação em decorrência do crescimento exponencial da quantidade de fazendas de criar gado nas imediações da cidade e do fato de que a antiga capela se localizava em um local de difícil acesso, em cima de um cerrote. Sobre esta ocasião, o historiador Macedo relata que

Homens, mulheres e crianças aglomeravam-se na pequena Povoação do Caicó, notadamente numa área plana e ladeada por serrotes e cordões de pedra, próxima a um poço d’água no leito do rio Seridó – conhecido, nos dias atuais, como Poço de Sant’Ana. Provavelmente era manhã quando o padre Francisco Alves Maia, perante a multidão presente na planície, abençoou uma cruz, símbolo do martírio de Cristo, para que servisse de marco do local [...] Um lugar cômodo e conveniente para todos, já que a pequenina capela de que dispunha o povoado [...] ficava encravada num alto, em terreno acidentado e lastrado de serrotes de pedra, aonde se chegava após a passagem do leito do rio Seridó.<sup>38</sup>

Mais uma vez a edificação de um templo votivo em homenagem a Sant’Ana define os rumos da cidade. Iniciada a construção da Igreja, todo o posterior desenvolvimento da então povoação do Caicó se deu naquele local, que se tornou o que ficou conhecido como “centro histórico” da cidade.

---

<sup>37</sup> MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó: historicidade e produção do território. *Espacialidades*. [online], v.1, n.0, p. 01- 28, 2008.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 12.

Foto 3 – Igreja de Sant’Ana de Caicó [18--].



Fonte: Acervo do Museu do Seridó.

Na foto acima, apesar de esta distar em pouco mais de meio século da finalização de sua edificação, que ocorreu no paróquiato do Padre Francisco de Brito Guerra na primeira metade dos oitocentos, observa-se que a Igreja ainda conservava as características estruturais que apresentava na época de sua conclusão, apresentando ainda apenas uma de suas torres. Acrescente-se que segunda torre só foi acrescentada em 1955, no bispado de D. José de Adelino Dantas.

É bem provável, se não seguro e certo, que já houvesse celebrações e festividades em homenagem a santa desde a edificação da antiga capela, que, nessa época, já contava com mais de meio século de existência, mas há uma tendência na tradição local em estabelecer a data da fundação da Freguesia da Gloriosa senhora Sant’Ana do Seridó, em 1748, como marco inicial das comemorações da Festa de Sant’Ana de Caicó, tanto o é que a contagem oficial da quantidade de festas que já foram realizadas por parte da Igreja se dá a partir dessa data. Infelizmente faltam fontes para contestar a versão oficial da Igreja, mas é quase certo que desde o remoto ano de 1695 já havia comemorações públicas em homenagem à santa. Sendo assim, creio ser seguro afirmar que a celebração da Festa de Sant’Ana de Caicó é bem mais antiga do que a contagem oficial demonstra.

Por esse mesmo motivo, a falta de fontes, escapa também a este historiador a exata composição cerimonial da festa para homenagem e exaltação da Senhora Sant'Ana nas suas primeiras décadas, no início século XVIII. Mesmo assim, é possível reconstruir, de forma superficial e sem pretensões de exatidão, como ocorreram essas primeiras manifestações do evento festivo a partir de um exercício de reconstituição do contexto histórico da época. Sobre esse aspecto, o Dossiê do IPHAN sobre a Festa de Sant'Ana traz importantes contribuição, afirmando que

Mesmo que ainda hajam lacunas a serem preenchidas nas fontes oficiais, é possível vislumbrar as primeiras manifestações festivas se for considerado o contexto histórico e religioso daquela época. A realização de um tríduo religioso, pelo menos, deve ter acontecido com a presença obrigatória dos poucos moradores do lugar e de seus arredores até uma légua de distância, conforme determinavam as Ordenações do Reino. Pelo cerimonial instituído pela Igreja Católica, os atos litúrgicos possivelmente envolveram repiques de sino, iluminação da capela, missas, récita de orações, tendo como ponto alto a procissão conduzindo o andor com a imagem da Santa. O cortejo provavelmente foi formado pelo sacerdote, seguido pelos agricultores, criadores e vaqueiros instalados na Ribeira do Seridó, acompanhados pelos moradores do Arraial que, compungidos ou alegres, formulavam as suas preces em meio aos cânticos religiosos.<sup>39</sup>

Ou seja, dado ao ainda pequeno número de fieis, mesmo que a esta época a freguesia já começasse a ganhar importância no panorama regional e já ganhasse também um novo fôlego de crescimento, com base no contexto histórico da Igreja católica em terras coloniais no período pode-se afirmar que é bem provável que as primeiras manifestações festivas relativas a figura da santa padroeira da então povoação do Caicó assumissem uma forma bastante simples, seguindo as indicações e ordens mais básicas da liturgia eclesial, semelhante ao que ocorria em outras localidades. Ainda sobre esse aspecto, o Dossiê do IPHAN acrescenta:

Não se sabe ao certo quando os festejos para louvar a Senhora Sant'Ana passaram a ter maiores solenidades no âmbito da Freguesia do Seridó. É bem provável que, após ser fundada a Irmandade de Sant'Ana, em 1754, uma nova composição festiva tenha sido introduzida, já que competia a [sic] ao povo promover a

---

<sup>39</sup> DOSSIÊ IPHAN: festa de Sant'Ana. Natal: IPHAN, [200-]. p. 17.

devoção à excelsa Padroeira e organizar ano-a-ano as suas festividades<sup>40</sup>

Em outras palavra, foi apenas em meados da década de cinquenta dos setecentos, com a criação da Irmandade de Sant'Ana, que a festa começou a ganhar maior visibilidade e a assumir as características de uma festa mais elaborada, de maiores proporções, haja vista o aumento do número de fiéis que passam a concorrer para a Igreja com vistas a participar das celebrações. Nesse sentido, teria sido o próprio povo de Caicó, a partir da Irmandade, auxiliados, claro, pelos sacerdotes da Igreja, que teria dado maior vulto a festa? É provável que sim, uma vez que fazia parte das atribuições da irmandade os aspectos materiais do evento, ficando sob sua tutela os “paramentos litúrgicos, ornamentos, música, foguetório e iluminação interna do Templo”.<sup>41</sup>

No término dos festejos, a realização da procissão pelas ruas do Povoado, em cujo séqüito [sic] hierarquizado destacavam-se os sacerdotes, as autoridades, os ‘irmãos’ das Irmandades de Sant'Ana e do Santíssimo Sacramento [...] e, por fim, os devotos da Santa. À noite, a Matriz ganhava luminárias que anunciavam aos moradores do lugar haver, no dia seguinte, celebrações mais solenes. Desse modo, o rito litúrgico era revestido de pompas para estabelecer a distinção dos atos religiosos semanais e para realçar a grandeza e o poder do sagrado.

Assim, toda essa ritualística diferenciada, revestida de pompas, tinha um motivo muito bem definido, que era criar um ponto de distinção, de diferenciação, servindo para assinalar o momento especial da comemoração em homenagem a excelsa padroeira da localidade dos ritos mais cotidianos, comumente realizados ao longo de todo o ano.

---

<sup>40</sup> DOSSIÊ..., [200-], p. 19.

<sup>41</sup> DOSSIÊ..., [200-], p. 19.

Foto 4 – Procissão de Sant’Ana de 1889.



Fonte: Acervo do Museu do Seridó. Foto de Bruno Bourgard.

Na imagem acima pode-se perceber que, no quarto quartel do século XIX, o evento já era bastante concorrido, podendo-se presumir o número de fiéis já na casa dos milhares. A imagem retrata a Procissão de Sant’Ana, realizada desde o início das comemorações em homenagem a santa sempre ao término dos festejos. Toda a ritualística da festa culminava com a procissão, que reunia os fiéis e provavelmente já era seguida pelo “arreamento” da bandeira. O formato da procissão é o tradicional, pode-se ver que a imagem da santa, que na atualidade ainda se encontra exposta em um altar lateral da Igreja de Sant’Ana, é carregada em andor ornamentado por flores, seguia pelas ruas principais, na frente da catedral. O andor com a imagem da santa é precedido por uma comitiva de sacerdotes e, provavelmente, nas fileiras laterais, autoridades locais. Percebe-se também a presença de coroinhas e meninas que parecem estar travestidas de “anjinhos”. Um pouco mais atrás, vê-se os integrantes da Irmandade de Sant’Ana, travestidos a caráter, logo após o estandarte da irmandade, que é conduzido por um clérigo. A imagem denota uma hierarquização organizada em uma cadeia descendente que parece relegar o grande público de fiéis, devotos de Sant’Ana, homens mais comuns da localidade, a um segundo plano.

Até a atualidade, a veneração à Sant’Ana conserva algumas peculiaridades, pois, mesmo a santa sendo bastante cultuada, como visto, não é comum que haja locais de romaria nos moldes do que ocorre com outros santos católicos, onde

possam ser deixados ex-votos ou outras oferendas em agradecimento a graças alcançadas. Mesmo em Caicó, onde Sant'Ana ocupa lugar de destaque como excelsa padroeira da cidade, homenagens em seu nome ocorrem essencialmente no mês de julho, no período de sua festa. Ao longo do ano ela é mencionada apenas eventualmente na igreja, como parte da liturgia da missa, obrigatória em todas as ocasiões e em todas as paróquias, quando, na "Oração Eucarística III" após o momento da elevação do cálice e da hóstia, quando estes são consagrados e se transmutam simbolicamente no sangue e corpo de Cristo, se exige dos fiéis uma súplica que, entre outras divindades e santos católicos, é voltada para os santos padroeiros das cidades, oração que transcrevo a seguir:

Que ele faça de nós uma oferenda perfeita para alcançarmos a vida eterna com os vossos santos: a virgem Maria, mãe de Deus, os vossos apóstolos e mártires [a nossa excelsa padroeira Sant'Ana] e todos os santos, que não cessam de interceder por nós na vossa presença.

Mesmo assim, estas peculiaridades não impedem que ocorram determinados fenômenos que simbolizam com muita veemência toda a importância que o culto a Sant'Ana e que a figura da própria santa têm para o povo deste local, em termos de sensibilidades. Mesmo não havendo a prática de locais para ex-votos na cidade, os fiéis procuravam formas de agradecer as graças alcançadas por intermédio da santa, e isto se dava, em alguns casos, através dos relatos de milagres. Não são raros, uma vez que se pode encontrar com certa frequência na literatura periódica local, os casos de fiéis que escrevem notas em jornais relatando e agradecendo milagres ocorridos por intermédio de Sant'Ana, como no relato a seguir:

O sr. Luís da Silva e sua esposa d. Antônia Pereira da Silva, agradecem de coração a Nossa Senhora Sant'Ana, uma graça alcançada por seu filhinho menor, que nasceu há poucos dias com uma das pernas aleijada, aleijo esse que os médicos principais de nossa cidade, depois de rigorosíssimos exames, chegaram a afirmar ser incurável. Valeu-lhe Sant'Ana sua madrinha, fazendo ficar completamente perfeita sua perninha. A criança nasceu no dia 8 do corrente, e batizou-se no dia 24, com o nome de [incompreensível] Pereira da Silva, sendo sua madrinha Nossa Senhora Sant'Ana.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> GRAÇA alcançada. *A Folha*. Caicó, v. 1, n. 22, 31 jul. 1954, p. 3.

Este relato, que, obviamente, nunca foi reconhecido oficialmente pela igreja como milagre, evidencia uma importante questão. Retomando a hierarquização que foi demonstrada na Foto 4, da procissão de Sant'Ana do ano de 1889, que parece relegar o grande público de fiéis e devotos de Sant'Ana a um segundo plano, percebe-se no espaço socioeconômico da festa uma luta imemorial. Aí, como diria Michel de Certeau, "escondida sob o manto da língua falada, havia um espaço *utópico* onde se afirmava, em relatos religiosos, um possível por definição milagroso".<sup>43</sup> Os relatos de milagres podem ser considerados, nesse sentido, como astúcias que os usuários da religiosidade católica desenvolvem com intuito de driblar os termos dos contratos sociais, utilizando os sistemas impostos pelas camadas produtoras desses mesmos sistemas de produção de significados, de legitimações dogmáticas, de contratos sociais. Nessa concepção, os chamados "crentes" utilizam estas astúcias e táticas como forma de viabilizar trampolinagens, onde, através de táticas de reconversão cultural, os indivíduos ou grupos sociais subvertem determinadas produções culturais, criando novos usos para estas produções em benefício de si próprios ou de sua comunidade. E isto é feito de forma a utilizar

Um quadro de referência que, também ele, vem de um poder externo (a religião imposta pelos missionários). Reempregam um sistema que, muito longe de lhes ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse reemprego por 'super-ações', excrescências do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olham com suspeita, e com razão. Um uso ('popular') da religião modifica-lhe [sic] o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se veem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida.<sup>44</sup>

Atribuir um milagre à Sant'Ana pela cura "inexplicável" de seu filho doente, filho este que os médicos já teriam desenganado, seria uma forma de criar um novo uso para o sistema cultural imposto pela Igreja católica, modificando o seu funcionamento e a sua pretensão original. É uma forma também de resistir a rígida hierarquização imposta pelas camadas produtoras de sistemas de significados e de

---

<sup>43</sup> CERTEAU, 2011, p. 72.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 74.

legitimações dogmáticas. É, enfim, mais um golpe na longa história dessa luta imemorial entre “poderosos” e “fracos”.

Durante os anos de transição entre os séculos XIX e XX, dada ao aumento da quantidade de informações sobre a temática, o trabalho de historiar este evento tornou-se mais fácil, pois começam a surgir relatos mais detalhados em crônicas de jornais de circulação local, que começam a ganhar maior popularidade. Assim é que, em uma matéria intitulada “crônicas do passado” pode-se encontrar o seguinte relato:

Nesta festa de Sant’Ana, quando todos rezam e se divertem, eu, que já me encontro de cabelos brancos, recordo o passado, as festas de minha meninice. Como são diferentes! Naquele tempo a cidade que terminava onde hoje se encontra o mercado ficava apinhada de gente. Na alvorada chegavam das fazendas as famílias em cavalos gordos e bem tratados. Os arrieiros vinham atrás, tangendo as mulas com as cargas. Era bonito ver-se a entrada da cavalgada na manhã da quinta feira, pois as viagens se faziam de madrugada, para evitar o calor do sol.<sup>45</sup>

Apesar de o autor do texto não relatar “quando foi esse passado”, é possível estabelecer, com certa precisão e sem pretensões de exatidão, uma época para o relato. O mercado público ao qual o cronista se refere no texto, escrito em 1954, é o atual, que teve sua construção finalizada na administração do intendente Cel. Celso Dantas, em 1918.<sup>46</sup> Se no tempo do relato a cidade “terminava onde *hoje* se encontra o mercado”, deve-se aceitar que, nesse sentido, o “tempo da meninice” do nosso autor deve remontar a segunda metade do século XIX.

Era uma prática corrente adentrar a cidade a cavalo no período da festa. A prática ocorria muito mais por necessidade pragmática do que por “tradição”, utilizava-se cavalos e mulas porque os carros ainda não tinham chegado na região do Seridó e chegava-se na alvorada porque as viagens eram feitas de madrugada com o intuito de evitar o calor do sertão. Mesmo assim, com o tempo, esta prática foi ganhando as características de um costume, que se perdeu posteriormente. Esse costume seria ressignificado tempos depois, no século XXI, no formato de uma

---

<sup>45</sup> CRÔNICAS do passado. *A Folha*. Caicó, v. 1, n. 22, 31 jul. 1954, p.01.

<sup>46</sup> MACÊDO, Muirakytan Kennedy de (org.). *Caicó: uma viagem pela memória seridoense*. Natal: SEBRAE, 2003.



“tradição”, com uma pretensa invariabilidade frente ao tempo, frente ao passado, como uma espécie de repetição de práticas imutáveis, fixas.<sup>47</sup>

Com o passar dos anos a festa foi ganhando maiores atrativos e tornando-se cada vez mais concorrida. Paulatinamente, foram introduzidas atrações culturais e sociais diversas, como queima de fogos de artifício, leilões, representações teatrais, circos, competições literárias e sarais poéticos e, inclusive, no início do século XX, exibições de cinema.

Era costume corrente a esta época, durante o período do novenário da festa, as longas caminhadas, que eram conhecidas como “passeatas”. Os relatos dos cronistas nos periódicos locais mostram certo saudosismo frente a estes momentos comuns, vividos no cotidiano das antigas festas, chamando atenção para as roupas das donzelas, com longos vestidos nos quais decotes não existiam, mangas que invariavelmente iam até abaixo dos cotovelos e as largas faixas de fitas enfeitando suas vestimentas, sempre nas cores azul ou “encarnado”. Os chapéus também eram comuns. Eram verdadeiros desfiles de moda.

Comerciantes vindos do Açu, no norte do Estado, traziam cargas de doces diversos, estando entre os principais os pés-de-moleque, os puxa-puxa os que são conhecidos como “alfenins”. Esses eram a “delícia da meninada”, que preferia se entregar aos prazeres da gula e dos doces, não se dando ao luxo de namorar. Não havendo iluminação elétrica, sendo a própria Igreja Matriz iluminada a carbureto, após as novenas, à luz fumarenta dos candeeiros, esses mesmos ambulantes expunham e comercializavam os tão cobiçados alfenins.

Nessa igreja aparentemente haviam lugares reservados a aristocracia da cidade. Segundo relato encontrado no jornal “A Folha” a matriz “apresentava as tribunas aristocráticas que eram arrematadas em leilão”,<sup>48</sup> afirmando-se ainda que as tribunas mais próximas a “capela mor” eram mais caras que as outras, pois ficavam mais próximas do altar. Mais um sinal da rígida hierarquização social da cidade.

---

<sup>47</sup> HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

<sup>48</sup> CRÔNICAS..., 1954, p. 01.

Os fogos de artifício já eram utilizados em abundância, e duravam “muito tempo”. Eram girândolas de dez dúzias de foguetões, cordões de bombas e fogos que eram conhecidos como “Guerra de Canudos”.<sup>49</sup>

Os passeios a cavalo, no finalzinho da tarde, também eram muito frequentes. Era uma verdadeira exibição de cavalos, que galopavam sempre em pareias, levantando a poeira da rua sem calçamento. Sobre esses passeios os cronistas demonstram verdadeira nostalgia, afirmando: “como eu gostava de ver os cavalos passearem de cabeça curva, fustigados pelos cavaleiros que sustentavam as rédeas tesas, com o passo miúdo e ligeiro da marcha elegante”.<sup>50</sup>

A banda de música era outra atração. Em Caicó, em fins do século XIX, a banda recebia o nome de “4 de Maio” e era regida pelo maestro Manoel Fernandes. Esta banda acompanhava, afinada e com música “refinada”, requintada e suave, todos os principais momentos da festa, inclusive após as novenas, para entretenimento dos fiéis. A esses momentos de apresentação da banda de música, normalmente no coreto da Praça da Liberdade ou no próprio pátio da Igreja de Sant’Ana, atribuía-se o nome de “retreta”.

Um costume que se perdeu na atualidade foi o circo, que era considerado uma das principais atrações “externas” da festa. Os circos despertavam verdadeira admiração, com os trapezistas, equilibristas nas cordas bambas equilibrando-se com sombrinhas, o homem forte, apresentando impressionante físico, porte musculoso e agilidade, os acrobatas à cavalo, executando seus “saltos mortais” e galopando em negros cavalos, o palhaço com seus trejeitos desengonçados e sua bocarra de tinta, que arrancava as mais barulhentas gargalhadas dos espectadores, etc. Esta prática deixou de existir provavelmente desde as primeiras décadas do século passado. Na verdade este é apenas um dos costumes que se transformou ao longo dos séculos de existência da Festa de Sant’Ana. Já em 1954 pode-se encontrar protestos de cronistas em periódicos locais reclamando do “novo” formato da festa, como o que se segue:

Hoje tudo evoluiu, se transformou. A cidade cresceu, unindo os dois rios, Seridó e Barra Nova. Em vez dos cavalos nédios e lustrosos, os caminhões poeirentos e roncadores. As passeatas desapareceram. Os

---

<sup>49</sup> Ibid., p. 02.

<sup>50</sup> CRÔNICAS..., 1954, p. 02.

candieiros se apagaram. A matriz foi remodelada. Acabaram-se as tribunas, e todos se nivelaram na igualdade dos lugares, sem privilégio. As retretas vão até tarde. Os desfiles de modas são realizados nos clubes em festivais de caridade. Os cavalos não mais esquiparam. Em seu lugar rolam os automóveis, levantando poeira, barulhentos, ameaçando vidas. A banda de música vem de fora. Não há gosto em Caicó para manter-se uma banda de música, os silvos da requinta do maestro Manoel Fernandes são substituídos pelos solos do clarinete de José Honório, Capiba da gema, de São João do Sabugí. Os meninos não querem saber das gulodices das cocadas nem dos bolos de mandioca. São petulantes e atrevidos, de cigarro a boca, e se aventuram aos namoricos nos bancos da Pracinha ou debaixo dos pés de Figus. Não há mais circo. Há porém carrossel com cavalos e zebras que galopam ao som de alto falantes que berram a noite toda, e aviões e rodas gigantes. Não sei quais as festas melhores: se as de hoje, se as do meu tempo de menino.<sup>51</sup>

Com base na leitura da citação acima percebe-se que, já nessa época, as principais mudanças em termos de execução da festa se mostravam evidentes, sinalizando para intensas transformações que viriam a acontecer ao longo do século XX e culminando no formato atual do evento. O fim do romantismo das longas caminhadas e dos simbólicos passeios a cavalo aos finais de tarde, a chegada de espectros da modernidade como luz elétrica e os automóveis, as diversas reformas da Igreja Matriz e o fim das tribunas destinadas as famílias aristocráticas, não havendo mais distinções tão evidentes entre os fiéis no interior da igreja, o fim das bandas eruditas e sua substituição por bandas marciais, o “fim da inocência das crianças”, o fim dos circos como atrações da festa. Tudo isso demonstra que desde o início do século passado a Festa de Sant’Ana vem passando por intensas ressignificações, seja em termos de atrativos e lazer ou no campo dos rituais simbólicos, como veremos no próximo capítulo.

---

<sup>51</sup> CRÔNICAS... 1954, p. 02.

### 3 VIVÊNCIAS COTIDIANAS NA ATUAL FESTA DE SANT'ANA DE CAICÓ

Eu não saía da catedral sem rezar um pouco no banco e, depois, eu ia até lá falar com Sant'Ana, pra poder sair. Isso diariamente. Agora, só quando eu celebro. Então, há momentos em que o semblante dela apresenta vários aspectos: hoje ela está triste, hoje ela está embaçada, hoje ela está satisfeita, hoje ela está tranquila, hoje ela está alegre. Hoje parece que a gente fala, e pede, e ela diz 'sim'. Outro dia parece que ela diz 'vamos ver', ou ainda 'não é o momento'. E isso não é privilegio meu, varias pessoas me dizem isso. Certa vez eu ia ao México e fui dizer a Sant'Ana que já ia, e ela estava tão taciturna, tão acabrunhada, tão fechada, que eu pensei: 'vixe', o avião vai cair [RISOS]. Mas não, ela devia está com outras cargas de alguma coisa.<sup>1</sup>

Sabe-se que os eventos comemorativos de uma sociedade permitem criar e recriar temporalidades diferenciadas. Alguns deles, como os carnavais, podem promover durações aceleradas, outras, como os ritos religiosos, desaceleram o tempo. Em suma, a transfiguração do tempo, do espaço, das relações sociais e das representações culturais são atributos dos eventos comemorativos em todas as sociedades.<sup>2</sup>

Partindo-se da premissa estabelecida anteriormente e admitindo-se que o espaço da festa de Sant'Ana de Caicó, como a própria identidade seridoense, é um lugar *híbrido*, isto é, um espaço que pode ser considerado um lugar antropológico e, ao mesmo tempo, também pode ser identificado como um não-lugar – “um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico”<sup>3</sup> – percebe-se que o centro histórico da cidade de Caicó, durante a festa de Sant'Ana, divide-se em dois grandes núcleos que se distinguem de variadas formas, mas a principal delas é influenciada e ordenada pela caracterização ritualística do evento.

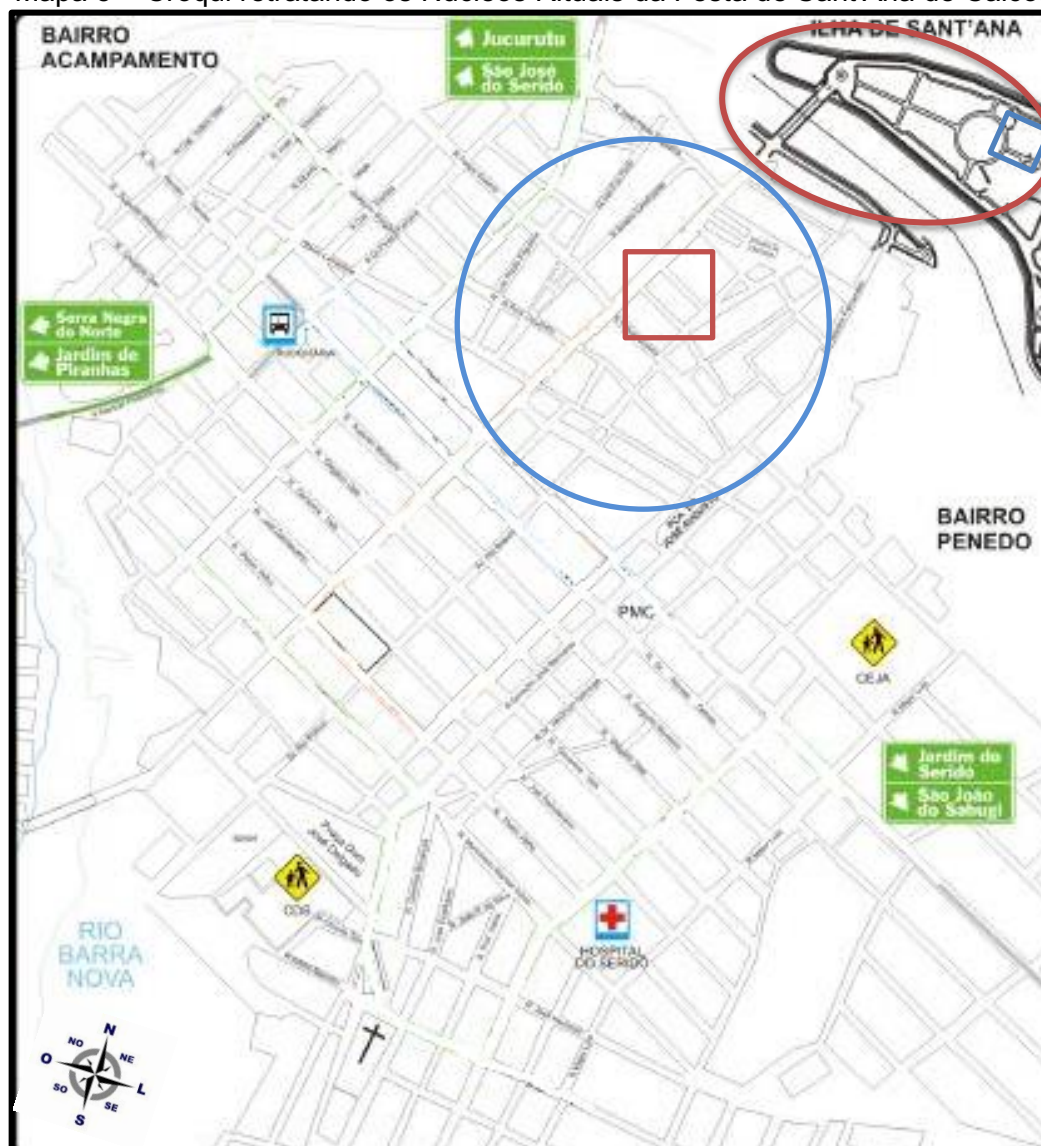
---

<sup>1</sup> ARAÚJO, Antenor Salvino de. *Entrevista concedida à Flávio Rodrigo Freire Ferreira*. Caicó, 25 jul. 2007.

<sup>2</sup> MATTA, Roberto da. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Sala, 1984. p. 73.

<sup>3</sup> AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 4.ed. Campinas: Papirus, 2004. p. 73.

Mapa 5 – Croqui retratando os Núcleos Rituais da Festa de Sant’Ana de Caicó.



Fonte: montagem do autor.

No primeiro espaço, representado pelo círculo azul, está o que convencionei chamar de *Núcleo Ritual do Pavilhão de Sant’Ana*, que corresponde ao centro histórico da cidade, local onde tradicionalmente se realizava toda a festividade em homenagem a santa padroeira de Caicó e que, por isso mesmo, configura-se como um lugar de reforço da ordem cultural e das identidades tradicionais vigentes, onde são realizados os ritos de reforço identitário da sociedade caicoense. Em segundo lugar, no círculo representado pela cor vermelho, podemos visualizar o espaço do *Núcleo Ritual da Ilha de Sant’Ana*, que corresponde ao atual Complexo Turístico Ilha de Sant’Ana, recorte geográfico criado para dar suporte a introdução das práticas e atividades turísticas na cidade de Caicó.

Ressalte-se que se estes espaços diferenciam-se nesses e em outros aspectos, é interessante notar que os mesmos não existem sob forma pura e que eles não são estanques, ou seja, a simples existência de um não inviabiliza a do outro. Perceba-se que dentro do espaço que configura o Núcleo Ritual Pavilhão de Sant'Ana existe uma presença, mesmo que pequena, da resignificação e reinvenção social que é característica do Núcleo Ritual da Ilha de Sant'Ana, representado pelo quadrado vermelho. Da mesma forma, no espaço determinado como de reinvenção festiva, na Ilha, também está contido uma pequena parcela da tradição e dos reforços culturais que remetem ao Núcleo Ritual do Pavilhão de Sant'Ana, representada pelo quadrado azul. São questões que analisarei um pouco mais a frente. Mas quero chamar atenção no presente momento para o fato de que a configuração desses espaços, diferentes, entre outras questões, pela própria disposição física e estilística das construções que os compõem, tradicionalista no Pavilhão e modernista – ou pós-modernista – na Ilha, acarretou a resignificação da própria festa, que agora se divide em dois espaços com rituais diferenciados.

### 3.1 RITUAIS, SÍMBOLOS E REPRESENTAÇÕES DA FESTA ATUAL

A programação religiosa da festa de Sant'Ana se inicia com o encerramento de um complexo ritual que se estende ao longo dos três meses que a antecede, a “Peregrinação Urbana e Rural das Imagens de Sant'Ana”. Ritual que pode ser encarado como uma preparação para a festa, expressão da dinâmica social local que se relaciona aos chamados ritos de passagem. O termo “rito de passagem” se relaciona, por sua vez, a teoria antropológica de Arnold Van Gennep,<sup>4</sup> caracterizando-se como uma relativa e temporária indefinição da situação de um sujeito que antecede ou acompanha sua passagem a uma nova categoria social. O simbolismo desses ritos são uma espécie de dramatização, ou melhor, representação dos valores e das produções culturais da sociedade, que, no caso da peregrinação das imagens de Sant'Ana, é o próprio sujeito que se prepara, que se encontra em transição.

Este rito de passagem é realizado a partir de celebrações diversas, como novenas, terços e missas, sempre culminando com jantares e leilões na zona rural

---

<sup>4</sup> GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 2011. (Antropologia).

do município de Caicó e em seus bairros mais afastados, preparando os corpos e almas dos caicoenses para serem consagrados a sua padroeira. Descrevendo esse importante momento da preparação ritual para a Festa de Sant'Ana, o Sr. Francisco Gregório de Azevedo relata o seguinte:

A imagem primitiva de Sant'Ana, ela só sai da Catedral de Sant'Ana exatamente na procissão de encerramento da Festa de Sant'Ana. Existe outras imagens que fazem a peregrinação urbana e a peregrinação rural, na cidade, a peregrinação das imagens pela cidade ela se compõe da celebração de uma novena em cada casa, em cada residência, pra que isso? *Isso é exatamente pra fazer a preparação espiritual das pessoas pra Festa de Sant'Ana*, essa peregrinação começa no mês de junho, a peregrinação urbana. A peregrinação rural, ela começa um pouco mais cedo, porque são inúmeras propriedades rurais que desejam, no município de Caicó e até em outros municípios do Seridó, que desejam a ida da imagem de Sant'Ana. Na zona rural normalmente é celebrada uma missa e após a missa é feita uma confraternização com realização de leilões e de outras atividades, fazendo, com isso, angariando recursos, porque esses recursos são destinados exatamente a noite, porque no novenário existe uma noite dedicada ao homem do campo, então esses recursos que são arrecadados são exatamente destinados para a noite do homem do campo, que é celebrado durante o novenário de Sant'Ana.<sup>5</sup>

A peregrinação das imagens na zona rural se inicia no mês de abril e vai até julho, com o encontro das santas no centro da cidade. Já na sede do município, a peregrinação tem início no mês de junho, indo também até o encontro das santas. As fontes relatam que havia o intuito de despertar a devoção à santa no homem do campo e dos bairros mais afastados da catedral. Mas é notório que um dos principais motivos, relatados também pelas fontes, é colher ofertas e “dádivas” para a paróquia

Tamanha é a importância dessa peregrinação que relatos de milagres não faltam para dar um ar emblemático e alegórico à visitação das imagens. Assim, a Senhora Amália Maria Costa de Azevedo Dantas relata:

Tenho varias historias de fé que me levaram a ser peregrina de Sant'Ana. Dentre outras, enfatizo a saúde de minha mãe, a Sra. Terezinha Costa, que, aos 69 anos de vida, sofreu um enfarto do miocárdio, ficando gravemente enferma. E com muita fé invocamos

---

<sup>5</sup> AZEVEDO, Francisco Gregório de. *Entrevista concedida à Cristina Galvão Ribas e Maria das Dôres Medeiros*. Caicó, 23 nov. 1999, grifos nossos.

Sant'Ana para reverter aquele quadro clínico, logo nosso pedido foi atendido. Em gratidão, aproveitando as visitas de Sant'Ana à zona rural, levamos até o nosso sítio, celebramos uma missa em ação de graças, seguida de um grande leilão. Essa visita de Sant'Ana a nossa casa se renova a cada ano. [...] Mais uma vez, necessitamos da intervenção de Sant'Ana, quando minha querida mãe, que é diabética, foi acometida de uma grande infecção, a ponto de perder a visão e correndo sério risco de vida. Como Sant'Ana, em momento algum, abandona um filho seu, iluminou a equipe médica da capital no diagnóstico e aplicação da medicação correta e, mais uma vez, nos concedeu a graça de vê-la totalmente curada. Desta feita, a nossa gratidão foi construir uma casa para Sant'Ana, no nosso sítio, para que a mesma não vá só nos visitar, e sim morar lá. No árido rincão do Alto Escuro, está edificada a capela de Sant'Ana, local de encontros e súplicas, agradecimentos e orações.<sup>6</sup>

Após esta peregrinação, sempre na primeira quarta-feira que antecede o dia 26 de Julho (dia de Sant'Ana) ocorre o evento que recebeu o nome de “Caminhada Ilton Pinheiro”. Os chamados peregrinos de Sant'Ana, provenientes são acolhidos pelos caicoenses e conduzidos em comitiva até o centro da cidade, onde os outros devotos – portadores das imagens peregrinas que ao longo dos meses de abril, maio, junho e início de julho haviam visitado as zonas urbana e rural do município – já se concentravam.

Foto 5 – Encontro das Imagens de Sant'Ana.



Fonte: acervo pessoal do autor.

<sup>6</sup> DANTAS, Amália Maria Costa de Azevedo. *Entrevista concedida a Flávio Rodrigo Freire Ferreira*. Caicó, 24 ju. 2007.



Segundo o senhor Cléber César Fechini, um dos organizadores e criadores da caminhada, “durante o percurso é tudo muito bonito: a vegetação, as serras, e uma coisa que marca é a passagem pelas igrejas das cidades e as casas das fazendas que nos recebem”.<sup>7</sup> Essa fascinação pelas características naturais e culturais da região parece ser muito comum entre os integrantes do evento, uma vez que outras fontes também relataram o mesmo vislumbre. Assim, o senhor Pedro George de Brito, conhecido como Pedrinho, outro dos criadores da caminhada, relatou que:

Em termos naturais é importante destacar a diversidade e a exuberância da natureza no Seridó. Por exemplo, me toca muito os contrastes como os cactos com sua dureza aparente, mas com suas flores coloridas, as pedras reluzentes e os seus sombreados, as serras e as planícies, o frio da madrugada e o calor do pingo do meio dia, os silêncios e zunir dos ventos, os pássaros, como os concriz, o casaca de couro, as rolinhas, os galo-de-campina e seus voos rasantes, nos acompanham e nos saúdam com sua beleza e leveza. Em termos de marcos edificadas, posso destacar as casas de fazendas que nos recebem, com seus alpendres enormes que nos acolhem nas dormidas, as igrejas como a de nossa senhora do rosário em acari, a de nossa senhora dos remédios em cruzeta.<sup>8</sup>

Uma questão que chamou a atenção nas entrevistas sobre esse momento da festa, a caminhada dos peregrinos, foi levantada pelo senhor Pedrinho de Brito. Ele relatou que a peregrinação, atualmente, sai da cidade de Acari, mas que nem sempre foi assim, pois, em anos anteriores, o evento já teve sua partida realizada na cidade Currais Novos – que é conhecida como “Portal do Seridó”, por ser a primeira cidade da região, seguindo-se pela BR427, no sentido Capital-Seridó. Mas, por motivos diversos, o ponto de partida foi transferido para Acari. Como o entrevistado ficou reticente sobre o assunto, busquei um motivo nos relatos de outras fontes. Assim, sobre a mudança no local do início da caminhada, o senhor Fechini afirmou que o fato se deu em decorrência de um desentendimento entre os peregrinos e o pároco de Currais Novos, explicando:

---

<sup>7</sup> FECHINE, Cleber César. *Entrevista concedida à Ana Zélia Maria Moreira*. Caicó, 26 jul. 2007.

<sup>8</sup> BRITO, Pedro George de. *Entrevista concedida a Ana Zélia Maria Moreira*. Caicó, 29 jul. 2007.

No início, o percurso da caminhada era Currais Novos, Acari, Cruzeta e São José do Seridó, até chegar a Caicó. Hoje este percurso sai de Acari e vem até Caicó. Esta diminuição se deve a uma querela que houve mais ou menos em 2005 com um pároco de Currais Novos, pois ocorreu uma indisposição com relação a bênção inicial. Daí, nos anos seguintes, a caminhada começou de Acari.<sup>9</sup>

Assim, no formato atual, a peregrinação parte da cidade de Acari à noite. Os participantes se encontram na Igreja de Nossa Senhora do Rosário com o intuito de receber uma bênção do padre – a mesma que teria gerado a “querela” entre estes e o pároco de Currais Novos. No dia seguinte por volta das cinco horas da manhã, inicia-se a peregrinação rumo a Caicó e a Festa de Sant’Ana.

No percurso, de três em três horas, nós temos uma pausa para ingerir líquidos e, no intervalo de seis em seis horas, temos outra pausa para nos alimentarmos com frutas. Em termos de marcos cerimoniais é de extrema importância o *Hino do Peregrino* [...]. Nós também temos uma vestimenta padronizada, são camisetas e bonés com imagem de Sant’Ana e identificação da Peregrinação à Sant’Ana.<sup>10</sup>

O Hino do Peregrino, lembrado pelo senhor Brito, é um cântico elaborado pelo Padre Gleiber Dantas de Melo que visa servir – juntamente com o terço e outras orações e cânticos – como principal base para cadenciar e animar a marcha dos peregrinos. A letra da música, por si só, pode ser tomada como uma referência da importância que a santa tem para o povo devoto da região. Da mesma forma, mostra como a cidade de Caicó é exaltada como uma espécie de “capital” do Seridó – no hino, Caicó estaria para o Seridó assim como Jerusalém estaria para Israel, como se vê na transcrição a seguir:

Caicó, sê radiante. O teu sol já despontou! / Novos raios te iluminam, mês de julho já chegou! / Multidões a ti acorrem, filhos teus em caravana, / Tuas filhas vêm de longe: peregrinos de Sant’Ana! / *Espetáculo de fé, no sertão do Seridó! / Chega tarde e parte cedo, quem visita o nosso pó. / Peregrino de Sant’Ana, sê bem vindo a Caicó. / Jesus Cristo, há dois mil anos, peregrina, nós o vemos. / Com seus pais ao santuário, como hoje nós fazemos. / Catedral é novo templo, nossa alma é Belém. / Seridó é Terra Santa, Caicó, Jerusalém. / Quando chega a despedida, se apertam corações. / Nos olhares a saudade, na lembrança emoções. / Peregrino, a catedral*

<sup>9</sup> FECHINE, 2007.

<sup>10</sup> BRITO, P., 2007, grifo nosso.

por ti sempre vai rezar. / A Sant'Ana tu prometas: 'para o ano hei de voltar!'<sup>11</sup>

Toda a peregrinação é acompanhada por diversas emissoras de rádio de toda a região, vários *sites* de *internet* e, principalmente, por populares e devotos dos diversos municípios que integram o percurso, que louvam, saúdam aplaudem a passagem dos peregrinos. No percurso, encontra-se com frequência pessoas usando faixas com escritos que reverenciam as imagens da santa. Bandas de música também acompanham a caminhada.

A devoção a Senhora Sant'Ana faz com que nós, seus devotos, caminhemos pelas estradas do Seridó até chegar a Caicó. É uma caminhada movida pela fé. Ela sai da cidade de Acari/RN, pela RN 118, passa por Cruzeta/RN, São José do Seridó/RN e chega a Caicó/RN. Ainda em Acari no momento da saída há uma solenidade em que os peregrinos vão à Igreja, pela manhã cedo, com a presença do prefeito, da banda de música e de muitos devotos. Neste momento há a celebração de uma missa na Igreja Matriz de Nossa Senhora D'água, bem como a bênção dos terços, das imagens e dos participantes da peregrinação. Em seguida, começa a caminhada rumo a Caicó. Os peregrinos são acompanhados por batedores da Polícia Rodoviária e, ao longo do percurso sempre paramos para descansarmos e fazermos as refeições. Na caminhada nós rezamos o terço, cantamos o Hino de Sant'Ana, damos vivas à Sant'Ana e, ao longo do trajeto sempre somos aclamados pelas populações das zonas rurais e urbanas que sempre esperam a passagem dos Peregrinos de Sant'Ana. As emissoras de rádio do Seridó fazem a cobertura de todo o percurso. Ainda vale lembrar que existe paradas em algumas comunidades rurais [...] onde os peregrinos recebem acolhida durante a noite. Na passagem pelas cidades [...] nós, os peregrinos, somos recepcionados pelos poderes públicos municipais, pelos párocos e pela população em geral. Para completar a peregrinação que sai na segunda-feira antes da abertura da Festa de Sant'Ana e chega em Caicó na quarta-feira, há a recepção no Estádio de futebol 'O Marizão' pelo Prefeito de Caicó. Este encontro é marcado pela devoção e fé. Nós chegamos cantando o Hino de Sant'Ana e, em seguida, vamos para o encontro das imagens peregrinas que ocorre no centro da cidade de Caicó, nas imediações da Avenida Seridó com o cruzamento da Avenida Coronel Martiniano. Em seguida, acontece a celebração de uma missa para os Peregrinos de Sant'Ana, terminando aí a peregrinação das imagens de Sant'Ana pelas zonas rurais e urbana. [...] Na caminhada acontece de tudo. Nós até contamos piada, pois é uma forma de alegrar e motivar os peregrinos. Brincamos até com as dores nos pés, cantamos muito.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> MELO, Gleiber Dantas de. *Hino do peregrino de Sant'Ana de Caicó*. Caicó: [s.n.], [199-], grifos nossos.

<sup>12</sup> FECHINE, 2007.

O senhor Fechini relata ainda que a marcha dos peregrinos de Sant'Ana é “uma das mais recentes tradições” da festa, tendo sua primeira execução no ano de 1999. A marcha seria, assim como a própria peregrinação das imagens de Sant'Ana, uma tradição inventada, na acepção de Eric Hobsbawm e Terence Ranger. Ou seja

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.<sup>13</sup>

Assim, essas novas tradições, inventadas, são reações a novas situações impostas pelo cotidiano moderno, que assumem formas ou buscam representar situações anteriores, históricas – como em épocas nas quais os fiéis realmente vinham, de cidades ou sítios vizinhos, para a festa a pé ou a cavalo, substituídos “na forma atual” por bicicletas, de maneira bastante artificial. Na medida em que a dita peregrinação, seja das imagens ou dos próprios peregrinos de Sant'Ana, faz referências a um passado histórico, tentando estabelecer-se como um elo de ligação a esse passado, procura inserir-se como um contraste entre as transformações da modernidade através de uma tentativa de estruturação de uma vida social remetida a uma “tradição” imutável, mesmo que, sabemos, inventada com o propósito socializar, inculcar ideias, sistemas de valores e padrões culturais e de comportamento.

Destacam-se como principais organizadores as pessoas de Ilton Pacheco, que deu nome a caminhada, Ana Cláudia, Tais Farias e Mirna Medeiros. Esse pequeno grupo teria idealizado a peregrinação de Sant'Ana e começado a divulgar a proposta entre outros caicoenses “ausentes”. Todos esses sendo caicoenses e/ou devotos de Sant'Ana que há algum tempo se encontravam distantes de sua terra natal, Caicó, residindo na capital do Estado, a cidade de Natal. Inicialmente, teriam começado a se mobilizar através da organização de um pequeno grupo que sairia de carro até Currais Novos, de onde iniciariam a caminhada de fato.

---

<sup>13</sup> HOBBSAWM; RANGER, 1984, p. 9.

Outro marco da peregrinação é a declaração de fieis sobre os votos alcançados e as promessas que são pagas ao longo do percurso. Neste ano de 2007 uma mãe, com filho nos braços, caminhou de São José à Caicó por devoção a senhora Sant'Ana.<sup>14</sup>

Com o tempo, a caminhada se tornou tão popular e a procura foi tão alta que a organização sentiu a necessidade de restringir o número máximo de participantes, por motivos de segurança.<sup>15</sup> Em média, na peregrinação há a participação de 40 pessoas e para auxiliar os peregrinos no percurso, são utilizados carros de apoio para eventualidades com os peregrinos.

Nós cuidamos da estruturação desta peregrinação, por exemplo, uns buscam patrocínio de camisetas, de água mineral, ajuda financeira para custos com remédios e outros arrecadam elementos. Além disso, cada participante contribui com uma taxa.<sup>16</sup>

Seguindo-se ao encontro das imagens peregrinas, na Catedral de Sant'Ana, é celebrada a Santa Missa em ação de graças por todas as famílias que realizaram em seus lares os encontros de oração em preparação para o evento que se aproximava.

Mas somente no dia posterior, quinta-feira, é que se dá a abertura oficial da Festa de Sant'Ana, com passeata solene e acompanhada por banda marcial que segue um itinerário pré-estabelecido, saindo da Avenida Seridó, passando pela Rua Renato Dantas, Avenida Celso Dantas, Avenida Coronel Martiniano e, por fim, retornando a Igreja via Avenida Seridó. A solenidade culmina com o hasteamento da bandeira que retrata a imagem da santa e as rotineiras palavras de abertura do pároco, atualmente o Monsenhor Edson Medeiros de Araújo.

Inserem-se nessa cerimônia, na forma atual, depoimentos de diversos personagens, como visitantes, turistas e os próprios peregrinos de Sant'Ana, que contam com riqueza de detalhes as provações enfrentadas e as graças alcançadas.

Após a abertura da festa é realizado o jantar de Sant'Ana, que foi criado em meados da década de oitenta do século passado, onde os caicoenses das classes média e alta e os visitantes se reúnem para degustar as “comidas típicas” da região. A participação no jantar é condicionada a aquisição de uma entrada, que é vendida

---

<sup>14</sup> BRITO, 2007.

<sup>15</sup> FECHINE, 2007.

<sup>16</sup> Ibid.

a preços elevados, não acessíveis a grande parte da população, o que faz com que o grande público fique excluído do evento, sendo o banquete composto, em sua maioria, por pessoa de maior poder aquisitivo.

Foto 6 – Hasteamento da Bandeira de Sant’Ana.



Fonte: acervo pessoal do autor.

A partir do terceiro dia da festa inicia-se ciclo de novenas e bênçãos do Santíssimo Sacramento, começando sempre numa sexta-feira e cessa no último sábado do mês de julho, um dia antes do encerramento oficial da festa. A peculiaridade está no fato de que cada dia de novena recebe um tema diferenciado e exótico, como “ide, pois, fazei discípulos em todas as nações; portanto, também na Amazônia” (?!).

As novenas em homenagem a Sant’Ana são preparadas com muita antecedência, desde o início do mês de março, quando são distribuídas as tarefas para as comissões que cuidam dos vários segmentos da festa. Cada equipe fica encarregada de cuidar de um momento diferente da celebração, que se divide em: acolhida (cânticos de introdução à celebração e de boas vindas a comunidade); introdução (cânticos de invocação à Santíssima Trindade); oração preparatória (invocações iniciais e convite ao corpo da Igreja para participar da fé em “Nosso Senhor Jesus Cristo”); invocações (cânticos como a Pai Nosso e Ave-Maria); ladainha (invocações à Nossa Senhora); ofertório (cânticos e oferendas ao Santíssimo Sacramento); incensação (purificação dos altares e dos instrumentos do

rito da novena); palavra e pregação (momento de escutar e refletir acerca das palavras de “Nosso Senhor Jesus Cristo”); exposição do Santíssimo Sacramento (adoração ao Santíssimo Sacramento); comunhão (comunhão dos fiéis com Cristo); avisos (eventuais avisos sobre aspectos diversos da festa); Hino de Sant’Ana (momento em que o caicoense reforça seu amor e sua fé em Sant’Ana).

Como o nome sugere, durante os nove dias de realização as novenas atraem os fiéis. O público participante é sempre excedente da capacidade da catedral. Por esse motivo, passou-se a montar toda uma estrutura externa, com telões, por onde as imagens da celebração no interior da igreja são transmitidas, e cadeiras, que mesmo abundantes são muito disputadas. Algumas pessoas costumam chegar horas antes da novena para não correrem o risco de ficar em pé e outras trazem seus próprios assentos. Mesmo assim, há os que assistem as novenas em pé ou mesmo, não raras as vezes, de joelhos, pagando penitências por graças alcançadas.

Desde a década de 70 do século passado, sempre no dia 26 de julho, dia de Sant’Ana, é declamado o “Ofício de Sant’Ana e São Joaquim”. Segundo o Monsenhor Antenor Salvino de Araújo, um de seus autores, o ofício tem uma intenção nitidamente poética, não devendo, nesse sentido, ser considerado uma simples oração, mas sim um “poema sacro”. Na época de sua composição o Monsenhor Antenor era integrante do Clube de Trovadores de Caicó, “então a ideia e a inspiração para a composição do ofício veio nesse meio poético, na juventude”.<sup>17</sup> Os compositores são o próprio Pe. Antenor, Hilda Araújo, sua irmã, e os poetas José Lucas de Barros e Lara Diniz. Como se pode observar na passagem logo abaixo, retirada do Ofício, o poema é uma antifona, ou seja, é declamado em estrofes intercaladas, de forma antifônica, proferido alternadamente e em couro, onde o celebrante declama uma estrofe (as passagens que estão grifadas em itálico) e os fiéis respondem, em couro, com outra.

---

<sup>17</sup> ARAÚJO, Antenor Salvino de. *Entrevista cedida a Sebastião Genicarlos dos Santos*. Caicó, 25 jul. 2007.

*Deus vos salve, Ana / Mãe do Seridó / Singular e imenso / Bem de Caicó! / Ó Sant'Ana, Mestra / Cheia de pureza / Vosso ensinamento / Nos dá mais grandeza / Como professora / Segura e fiel / Com a Escritura / Nos levais ao céu / Quando aqui rezaram / Os nossos avós / Nunca se esqueceram / De rogar por nós / Vós sois venerada / Em todo o sertão / E nunca saístes / Do meu coração / Pela nossa festa / Peçamos a Deus / Sant'Ana intercede / pelos filhos seus.<sup>18</sup>*

No fragmento acima, pequena parte do Ofício de Sant'Ana e São Joaquim, o poema busca enaltecer as virtudes do casal de avós de Jesus, tomando-os como exemplos a serem seguidos pelos fiéis. Ela é a mestra, professora do povo. Ana é também considerada a “mãe” do Seridó, e um “bem” de Caicó, assim, pede-se proteção e bênçãos aos devotos de todo o Seridó.

Após as celebrações, os fiéis se encontram no *Pavilhão de Sant'Ana*, na *Praça da Matriz*, e na *Praça da Liberdade* para se confraternizarem e assistirem shows ao vivo de bandas típicas da região e dos cantores da terra.

É interessante notar como não só os lugares, mas também os nomes dos lugares, bem como suas funcionalidades, são ressignificados nesse contexto. O Pavilhão de Sant'Ana, por exemplo, só existe em época de Festa de Sant'Ana, antes disso o espaço que ele costuma ocupar, em caráter provisório, diga-se de passagem, é consagrado à outra entidade, à outra imagem peregrina, a venerável imagem de Nossa Senhora de Fátima, sobre o imponente Arco do Triunfo. E a própria praça onde se encontram esses dois monumentos, relegados a um segundo plano durante a dita festa, também passa por uma transformação, de Praça Monsenhor Walfredo Gurgel passa à Praça da Matriz, e aí sim surge o Pavilhão, desta feita destinado as práticas e mediações simbólicas tão comuns nos lugares destinados a um reforço de uma identidade local.

Sobre este lugar, a Praça da Matriz, as sensibilidades refletidas nos discursos que fazem referências a uma identidade local são notórias. Assim, o senhor Gléiber Dantas de Melo lembra que ela é

O coração da cidade, desperta um sentimento sagrado de saudade, veneração, pertença a terra. Assim é um grande *enraizador*, sendo neste local onde estão alguns dos casarões, que foram bastante mutilados devido a falsa ideia de modernização. E com a demolição

<sup>18</sup> ARAÚJO, Antenor Salvino de; ARAÚJO, Hilda; BARROS, José Lucas de; DINIZ, Iara. *Ofício de Sant'Ana e São Joaquim*. Caicó: [s.n.], [197-], grifos nossos.



e reforma, uma parte da nossa história de Caicó foi apagada. Pois na história, às vezes o que marca, é um lugar, um acontecimento, é um registro material de fatos.<sup>19</sup>

Esta citação leva a uma interessante observação: a negação, ou resistência, de uma cultura “moderna” pelo entrevistado, atitude que se repetiu em depoimentos de diversas outras fontes. Esta atitude permite visualizar uma nova conjuntura histórica notada na cidade de Caicó e na região do Seridó norte-rio-grandense, que vem sendo construída principalmente nas últimas décadas. Percebe-se que as mudanças econômicas e sociais acarretadas pelos esforços de introdução da modernidade no interior do Estado potiguar, para além de simplesmente modificar a infraestrutura básica das cidades envolvidas em esforços de diversificação econômica e de criar todo um aparato de conforto (maquinarias do conforto), possibilitaram também alterações e adaptações espaciais diversas, muitas vezes de grande magnitude, que, de forma evidente, modificaram as produções culturais e as sensibilidades dos homens comuns que habitam naqueles espaços.

Foto 7 – Arco de Nossa Senhora de Fátima.



Fonte: acervo pessoal do autor.

---

<sup>19</sup> MELO, Gléiber Dantas de. *Entrevista concedida a Gracineide Pereira dos Santos*. Caicó, 24 jul. 2007.

Acerca deste assunto, François Béguin<sup>20</sup> afirma que não se deve procurar nessas realidades estudadas “um grande discurso sobre a espacialidade”, mas sim tentar “ver como nelas novos saberes, novos aparelhos e novos atores definem um novo regime para o ambiente do pobre a partir dos componentes mais materiais deste ambiente”.<sup>21</sup> Em outras palavras, a introdução das atividades modernas, por definição, notoriamente não se manifesta apenas na economia local, mas também na representação que os homens comuns, os homens ordinários, fazem de sua própria cultura e sociedade, profundamente influenciada por seus espaços e suas paisagens, sejam eles tradicionais ou modernos. Nesse sentido, o que realmente interessaria seria problematizar as categorias sensíveis e as representações culturais das tradições seridoenses influenciadas pela introdução sistemática da modernização de seus espaços.

Como forma de resistir a estas modificações, iniciou-se um esforço pela manutenção dos “costumes” locais a partir de um movimento de valorização da Feirinha de Sant’Ana. Esta feira, realizada no chamado Pavilhão de Sant’Ana, é tida como um dos principais instrumentos de defesa dos marcos identitários locais, como se pode observar no depoimento abaixo. Ao ser questionado sobre os principais marcos cenográficos e rituais do lugar, o depoente representou o ambiente da Praça da Matriz como uma espécie de lugar de salvaguarda e de preservação da cultura local, afirmando que lá

Acontecem celebrações religiosas. A Feirinha de Sant’Ana, com a venda de comidas típicas, sendo *importante para não deixar morrer a cultura* desses pratos e bebidas da região. Assim como, *ascendem as práticas de fazer e seus modos passados de geração para geração*. Esta feira é um momento de reencontro, alegria e celebração da vida. Os *participantes vêm a procura de amizades, de raízes* e do sentido da própria existência. As pessoas estão na praça participando da feirinha para *celebrar a liturgia da sociabilidade*.<sup>22</sup>

Perceba-se a força destas palavras como discurso de reforço de uma identidade local. Tal é a importância do lugar, que serve “para não deixar morrer a cultura” passada ao longo de inumeráveis gerações, referências culturais que fazem

---

<sup>20</sup> BEGUIN, François. *As Maquinarias inglesas do conforto*. Espaço e debate, São Paulo, n. 34, p. 39-54, 1991.

<sup>21</sup> BEGUIN, 1991, p. 39.

<sup>22</sup> MELO, 2007, grifos nossos.

as “raízes” da identidade local e que dão “sentido a própria existência”. Mas esta mesma feira, que serve como importante marco identitário de Caicó, passa na atualidade por importantes transformações e ressignificações. Nesse sentido, creio que a Feirinha deva ser enquadrada na categoria de “costume” local, não de “tradição”, pois configura-se como uma categoria que, nas sociedades tradicionais,

Tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história.<sup>23</sup>

Sendo, nesse sentido diferente de “tradição”. O costume das sociedades tradicionais implicitamente demonstra uma espécie de combinação entre um formal comprometimento com o passado e uma flexibilidade frente às transformações provenientes da modernidade, enquanto que a tradição tem como principal característica uma pretensa invariabilidade ao longo do tempo, frente ao passado, mesmo que nas “tradições inventadas”, impondo repetições e práticas imutáveis, fixas.<sup>24</sup> Esta visão também é corroborada por outros entrevistados, assim é que a Sr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Diniz de Lucena relata que

A Praça da Matriz é o *ponto chave do reencontro para amigos e familiares*. E devido, as celebrações das novenas, a chegada da procissão e as missas a festa de Sant’Ana é *cheia de afetividade*. A *feirinha é um marco tradicional*, tendo-se a participação intensa da população, e por isso é tomada de um clima aconchegante de reencontro e *reviver das lembranças do passado*. Desse modo, é um dos acontecimentos mais importantes da festa, no que diz respeito, a *parte profana*. A feirinha antigamente era um leilão que ocorria ao lado do Mercado Público da cidade, mas como foi tomando proporções maiores, acompanhando a própria festa, houve a necessidade de trazer a festa para um espaço maior, foi feita uma experiência e como deu certo foi colocada na Praça da Matriz.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> HOBBSBAWM; RANGER, 1984, p. 10.

<sup>24</sup> Ibid.

<sup>25</sup> LUCENA, Maria do Socorro Diniz de. *Entrevista concedida a Gracineide Pereira dos Santos*. Caicó, 23 jul. 2007, grifos nossos.

Como se pode perceber no discurso da depoente, o local destinado ao Pavilhão de Sant'Ana, assim como as festas religiosas, são sempre pretexto para confraternizações diversas, para encontros e reencontros entre familiares, entre os que ficaram e seus “filhos ausentes”, categoria atribuída aos caicoenses que vivem em cidades distantes, que, todos os anos retornam a cidade, muito mais por um sentimento de pertença do que por religiosidade propriamente dita.

Os “espaços de sociabilidades” da festa religiosa, que a depoente chama de “profanos”, configuram-se também como lugares onde se pode reafirmar uma identidade local, mostrando para os visitantes como é ser de Caicó, do Seridó, como é sentir-se caicoense, mesmo que esses espaços enfrentem na atualidade tantas transformações.

O chamado Pavilhão de Sant'Ana é um complexo temporário formado por bares, palcos, parques de diversões e todos os tipos de comércio que se possa imaginar em uma festa religiosa, um local de descontração, mas que não foge aos olhos atentos e coercitivos da igreja e da sociedade. Nesse sentido, todo “largo de Sant'Ana”, ou seja, todo o “Centro Histórico” da cidade, ganha as funcionalidades típicas dos lugares de práticas e experiências de reforço cultural. Esta transformação temporária, isto é, com data fixa de início e término, ocorre porque “os locais consagrados aos cultos e às reuniões políticas ou religiosas são apenas por momentos, em geral em datas fixas, objeto de tal consagração”.<sup>26</sup>

Se ao longo de todo ano os ritos católicos são realizados no interior da catedral, durante a Festa estas cerimônias são transferidos para seu adro, tomando uma parte do espaço reservado ao Pavilhão de Sant'Ana, com o objetivo de melhor atender as necessidades de uma população praticamente duplicada pela presença dos turistas, dos peregrinos e dos “filhos ausentes de Caicó”.

Após as novenas, entram em cena os músicos da terra e as atrações mais regionais, além de festivais gastronômicos e inúmeras atrações voltadas nitidamente para um público externo.

---

<sup>26</sup> AUGÉ, 2004. p. 57.

Foto 8 – Fiéis Aglomerados no Adro da Catedral.



Fonte: acervo pessoal do autor

Distanciando-se um pouco do Pavilhão, mas ainda no centro histórico da cidade, nas imediações da Catedral, está a *Casa de Cultura de Caicó*, como que a reivindicar uma parcela de atenção para a “identidade seridoense”. Nessa imponente casa, em estilo assobradado, pode-se encontrar durante a Festa outros tipos de atrações que remontam a esta identidade debatida anteriormente. São exposições artísticas e museológicas, além de lançamentos de livros, comumente com o tema “Seridó”.

Enquanto o espaço do Pavilhão de Sant’Ana é um local de descontração e de celebração, mesmo que moderada e ordenada, de ordem, o espaço da Casa de Cultura é um lugar de contemplação de uma cultura e de uma identidade local. Esta identidade é expressa em produções culturais e artísticas de uma intelectualidade local, como livros lançados pelos acadêmicos e poetas da região ou objetos artísticos, como os quadro do mestre Custódio ou os bonecos gigantes do carnavalesco Magão, ou mesmo em indumentárias de vaqueiros, etc

Foto 9 – Casa de Cultura Popular (Sobrado Pe. Guerra).



Fonte: acervo pessoal do autor.

Toda esta ritualística é finalizada com a procissão de Sant’Ana, que reuni milhares de espectadores e fiéis, seguida pelo “arreamento” da bandeira e pela bênção final. Antes da procissão, são feitos diversos preparativos, estando entre os principais a ornamentação dos andores que servem para conduzir as imagens de Sant’Ana e São Joaquim, momento que teve início em meados da década de setenta.

Inicialmente, prepara-se a igreja para a celebração da primeira missa, às sete da manhã. Depois dessa missa, a igreja é fechada para a equipe ornamentá-la para a missa solene [de encerramento], que ocorre às dez da manhã. Logo depois, a igreja torna a ser parcialmente fechada para a ornamentação dos andores. Depois disso, começamos os preparativos da procissão. Esses preparativos, na verdade começam bem antes da festa, com a escolha das músicas e das orações que vamos entoar durante a procissão [...] existem relatos de graças alcançadas (promessas), seja durante as missas ou durante a procissão. Dizem também que as flores que ornamentam as imagens e o andor são milagrosas.<sup>27</sup>

A santa é precedida por uma comitiva de clérigos e irmandades religiosas, organizada conforme uma cadeia hierárquica que estabelece as posições de seus componentes conforme os cargos canônicos que ocupam, vindo o Arcebispo a

<sup>27</sup> ARAÚJO, José Tadeu. *Entrevista concedida a Cyro de Almeida*. Caicó, 27 jul. 2007.

frente e os demais, em uma linha descendente, atrás, em uma rígida hierarquização social.

. A Procissão percorre as principais ruas e avenidas da cidade de Caicó, constituindo-se enquanto percurso religioso. O Itinerário da Procissão, retratado no mapa 5, tem sua partida na Av. Seridó, em frente a Catedral de Sant'Ana, seguindo esta rota até a Rua Pedro Velho, indo pela Av. Celso Dantas e Av. Cel. Martiniano, retornando através da Av. Seridó até chegar, por fim, a Catedral de Sant'Ana.

O percurso da Procissão constitui-se como um roteiro que se circunscreve ao centro da cidade, passando pelos principais marcos arquitetônicos que remontam a história e a cultura local: a própria Catedral de Sant'Ana e sua a Praça da Matriz, a Praça da Liberdade, o Mercado Público, o cruzamento da Avenida Seridó com a Avenida Coronel Martiniano, o Grupo Escolar Senador Guerra, o Centro Administrativo, bem como o centro comercial de Caicó, dentre outros.

Foto 10 – Andores de Sant'Ana e São Joaquim (Procissão 2011).



Fonte: acervo pessoal do autor.

A imagem é conduzida em um andor ornamentado com flores, que é carregado em dados momentos por autoridades e em outros por pessoas comuns, figuras anônimas que, a duras penas, conseguiram cruzar a massa disforme e compacta, quase intransponível, de corpos.

Mapa 6 – Croqui retratando o circuito da Procissão de Sant’Ana.



Fonte: Montagem do autor.



A procissão é cadenciada com cânticos e orações transmitidas por carros de som, pelas rádios e pela *internet*, “ao vivo” para todo mundo. Ouve-se também palavras de ordem dos párocos, não são poucos os momentos em que os cânticos de celebração e penitência são subitamente interrompidos por falas como “por favor, retirem seus automóveis das ruas para a passagem da procissão”, ou “abram caminho para a gloriosa imagem da Senhora Sant’Ana do Seridó”.

Foto 11 – Procissão de Sant’Ana do ano de 2011.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Como se pode observar na imagem acima, que retrata apenas uma parcela minoritária de toda uma população de fiéis e que acompanham a procissão, o evento é extremamente concorrido. Os devotos fazem de tudo para carregar o andor, na impossibilidade, tenta-se ao menos tocá-lo, mas a grande maioria das pessoas não consegue sequer se aproximar dele. A esmagadora maioria dos presentes comparece a procissão vestindo indumentárias brancas, simbolizando a pás e a devoção pela avó de Jesus Cristo. Alguns, mais contemplativos, aparecem de pés descalços, como sinal de agradecimento a graças alcançadas.

As narrativas referentes à Procissão de Sant’Ana remontam as sensibilidades do povo local, retratando a devoção e a fé do caicoense, como pode-se observar no relato do Senhor Joaquim Aurélio de Araújo, que afirma:

Sou um devoto de Sant'Ana. Desde 1950 que participo da procissão da padroeira carregando o andor. *Se eu não carregar o andor no domingo, eu acredito que nesse dia adoço e morro.* A procissão de Sant'Ana é tão poderosa que convoca os caicoenses ausentes, todo o país, o homem do campo e da cidade. É uma verdadeira multidão de gente vestindo branco, dando vivas a Sant'Ana. [...] Chegando àquela hora, final de tarde, as pessoas se dirigem para a Catedral com a obrigação de render obediência a nossa Padroeira Sant'Ana. Eu sou um dos que, caso não pegue no andor de Sant'Ana, não vivi a festa, eu só a vivo quando faço esse ritual.<sup>28</sup>

Ainda neste sentido, o Senhor Julião Antão de Medeiros, conhecido como Quinzinho, narrou que quando era menino, durante a II Guerra Mundial, chegou a acreditar que “o mundo ia se acabar com guerra, então eu me vali de Nossa Senhora Sant'Ana e a guerra acabou-se, desde esse período eu acompanho a procissão de branco e quando virei rapaz passei a ir segurando o andor”.<sup>29</sup> Perceba-se que percorrer o trajeto da procissão “carregando” o andor da padroeira se constitui como um dos mais importantes momentos deste evento. Na verdade, a fé e a devoção à santa emanam nos gestos dos fiéis, que vêm acompanhar Sant'Ana em uma peregrinação pelas ruas e avenidas de Caicó. Inumeráveis são os pagadores de promessas que podem ser vistos na procissão, que, como dito anteriormente, vêm com objetivo de agradecer as “graças alcançadas” por intercessão da avó de Jesus.

Por fim, como ultimo ritual, depois que a santa retorna para o interior da igreja – de onde só voltará a sair no próximo ano – os fiéis tentam a todo custo levar consigo ao menos uma das rosas que ornamentam o andor, o que se diz é que a sorte fica garantida até a próxima festa de Sant'Ana.

Registre-se que os ritos católicos, como a missa, a novena e a feirinha, assim como os eventos tradicionais da sociedade caicoense, como o leilão e o baile, ganham características de eventos turísticos, contando agora com apresentações teatrais, discursos politizados, queimas de fogos de artifício, etc. Esses eventos turísticos servem para reforçar a ordem social vigente e também uma ideia de identidade assumida por parte da própria população. Nesse sentido, a Festa de Sant'Ana é composta por “ritos de reforço identitário”.

---

<sup>28</sup> ARAÚJO, Joaquim Aurélio de. *Entrevista concedida a Olívia Morais de Medeiros Neta*. Caicó, 24 jul. 2007, grifos nossos.

<sup>29</sup> MEDEIROS, Julião Antão de. *Entrevista concedida a Olívia Morais de Medeiros Neta*. Caicó, 24 jul. 2007, grifos nossos.

#### 4 DISCURSOS DE TRADIÇÃO, MODERNIDADE E TURISMO NO SERIDÓ E NA FESTA DE SANT'ANA DE CAICÓ

Admitindo a existência de panoramas de ressignificações dos referenciais culturais da região, interessou-me na presente dissertação analisar os processo de ressignificação da cultura, das identidades e dos espaços no Seridó, delimitando o estudo ao recorte espacial estabelecido como centro do recém-criado *Polo Turístico do Seridó*, a cidade de Caicó. Para tanto, creio que se faz necessária uma explicação acerca das representações simbólicas de cultura e natureza no Seridó.

Como pode ser observado no Mapa 3, na página seguinte, a região do Seridó encontra-se inserida no centro do interior do estado potiguar, tendo como bioma a caatinga, que se estende por toda sua extensão territorial. Seu clima é o semiárido, que se caracteriza pela combinação de escassez e instabilidade das chuvas, com ocorrência de precipitações irregulares, tendo como precipitação pluviométrica anual em torno de 700 mm.

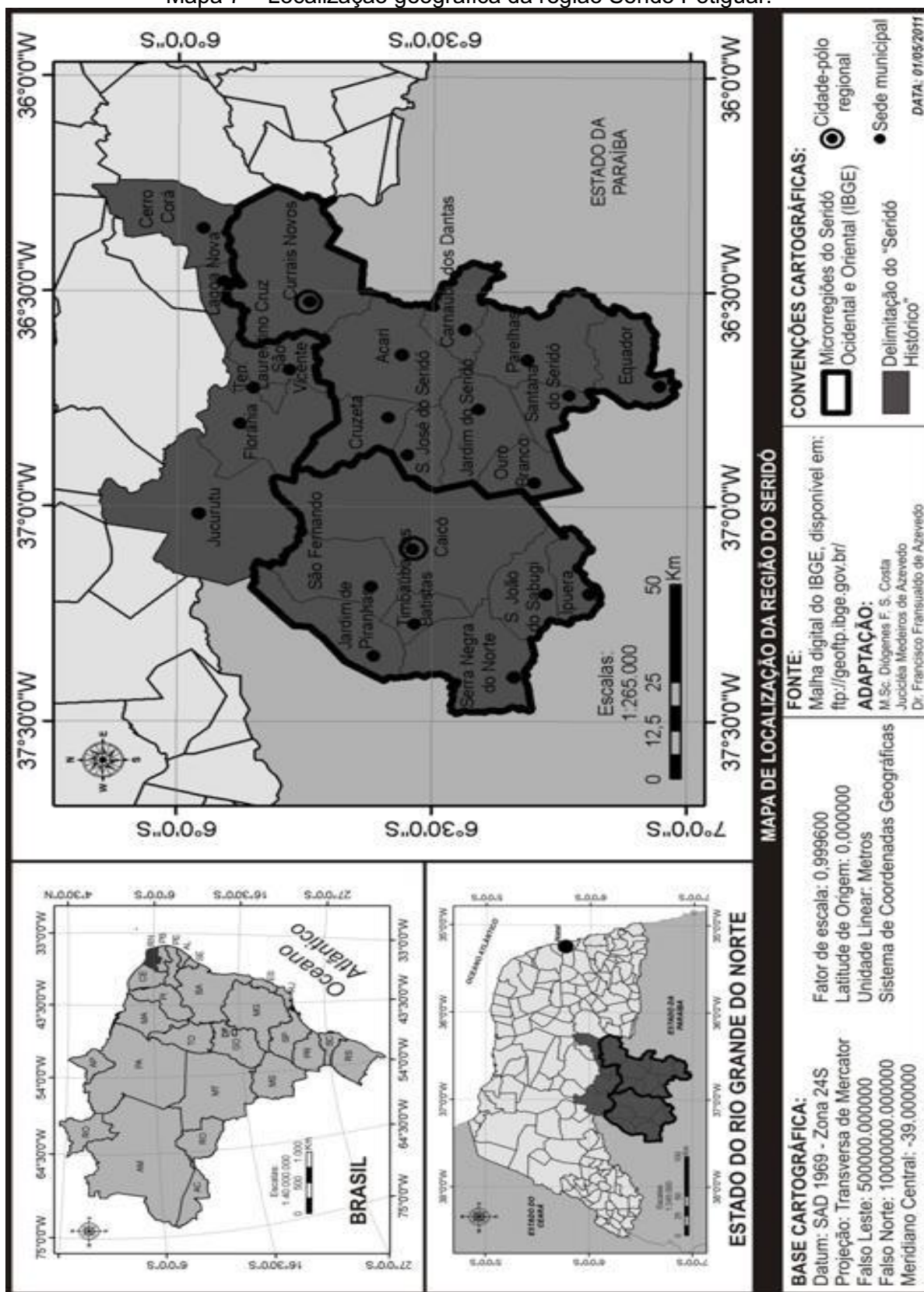
Enfatize-se a existência de basicamente duas estações anuais, sendo normalmente uma estação quente e seca, com altíssimas temperaturas e baixa umidade, e outra quente e úmida, um período chuvoso que vai aproximadamente de fevereiro a maio. Esta segunda é comumente chamada de inverno pelo povo da região.

Sua formação vegetal é composta pela caatinga subdesértica do Seridó, que é considerada a mais seca de todo o Estado, contando com uma cobertura de arbustos e árvores baixas, ralas e de xerofitismo acentuado, onde podem ser encontradas plantas características como pereiro, faveleiro, mofumbo, facheiro, xique-xique, jurema e diversos outras espécies de plantas espinhosas.

Grande parte da região encontra-se em uma área extremamente suscetível a desertificação. Este processo é influenciado por inúmeros fatores, estando entre os principais a ação antrópica.

É notório, como veremos, que a representação da cultura e da identidade do povo seridoense faz referências a aspectos votados em grande medida para a natureza da região. Todo este aparato de representações simbólicas da cultura local acaba por criar uma “sertanejidade” arraigada, vendida como principal característica do povo. “Sertanejidade” transformada agora em “seridoensidade”.

Mapa 7 – Localização geográfica da região Seridó Potiguar.



Fonte: AZEVEDO, Juciléa Medeiros de. *Culinária do Seridó: um elemento da identidade territorial*. Natal. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

Tal discurso segue uma lógica bastante pragmática, a da produção de sentidos, criando conotações de representações construídas a partir dos mais variados aspectos, como espaços, paisagens, etc. Nesse sentido, a produção de sentidos nas representações da cultura local é estabelecida em função da natureza. Em outras palavras, a essência do “ser” seridoense só poderia ser apreendida através de uma série de representações, expressas tanto pelo poder do discurso quanto pelas imagens que condensam as identidades atribuídas a essa cultura local.

As representações imagéticas e discursivas da cultura local remetem-nos também as relações do homem seridoense com a própria caatinga, com a paisagem semiárida e com a “sertanegidade”. Nesse sentido, as imagens que remontam ao processo de colonização do interior do Estado por meio da pecuária são muito comuns, e encontramos diversas passagens de representações de um sem número de fatores que se relacionam a uma cultura luso-brasileira eminentemente pecuarista. Os espaços são habitados pelos vaqueiros e pelo sertanejo típico, pelos fazendeiros, pelos currais. A paisagem é a caatinga, os rios e riachos (em época de seca ou de inverno), mas também lugares habitados pelos homens predecessores, os povos indígenas pré-históricos, povos que já detinham a essência da “identidade seridoense” mesmo antes de esta existir, os “proto-seridoenses” – invocando uma licença poética para a criação deste neologismo em nada desmedido.

O Seridó abriga a caatinga, bioma único no mundo, exclusivamente brasileiro. A caatinga é um tipo de formação vegetal com características bem definidas: árvores baixas e arbustos que, em geral, perdem as folhas na estação das secas. Ao caírem as primeiras chuvas no início do ano, a caatinga perde seu aspecto rude e torna-se rapidamente verde e florida. Na caatinga seridoense, estão importantes sítios arqueológicos, sinais inequívocos de uma cultura ancestral, [...] os indígenas chamavam ‘itacoatiara’ as pedras com letreiros, desenhos, riscos e figuras geométricas encontradas nas rochas e cavernas do sertão.<sup>1</sup>

As artes são o bordado, a música marcial e o repente, a arquitetura colonial, a missa e as imagens sacras. As pessoas são representadas por figuras híbridas, que são, ao mesmo tempo, homens comuns, homens ordinários exercendo a vida por meio de uma série de estratégias de navegação social, e artistas – são as bordadeiras, os cantadores os padres e até mesmo os vaqueiros, que transitam com

---

<sup>1</sup> ROTEIRO SERIDÓ. Natal: SEBRAE, 2005, p. 18, grifos nossos.

desenvoltura e rapidez por meio da caatinga como se esta nem estivesse lá, “quebrando jurema nos peitos”, exercendo uma das mais importantes artes, a vaquejada.

A cultura está bem presente no dia-a-dia dos seridoenses. Na arquitetura de suas igrejas e sobrados e nas casas antigas das fazendas; em seus museus, que guardam relíquias referentes aos ciclos econômicos vividos pela região: da pecuária, da mineração e do algodão; na rica coleção de obras sacras, que podem ser encontradas nas igrejas e nas residências. A musicalidade é outro traço cultural inconfundível do seridoense. A região é um celeiro de bandas de música. A arte de bordar nesta região do Rio Grande do Norte é sinônimo da imaginação e da pureza criativa das mulheres que vivem no mundo rural. [...] O bordado e a renda são o espelho da alma de quem os executa, buscando inspiração na natureza de contrastes, agreste ou suave, tons garridos e leves do sertão.<sup>2</sup>

A gastronomia é formada, de um lado, por comidas rudes, pesadas e gordurosas, com pouco requinte e com técnicas de preparo complicadas, que exigem uma sabedoria, por muitas vezes herdada, do cozinheiro: como a buchada de bode, o chouriço, o arroz de leite, a carne-de-sol, os queijos de manteiga ou coalho, a fritada com cabeça de carneiro, a cachaça e tantas outras que levaria um livro inteiro para relatar. Por outro lado, também faz-se referência a biscoitinhos e docinhos leves, de preparo razoavelmente fácil e ingredientes comuns, frutos de uma tradicional influência portuguesa

Sua culinária sempre foi pujante e marcante, criando fama em todo o país. Da tradicional carne-de-sol aos famosos queijos de coalho e manteiga, passando pelos bolos e biscoitos artesanais, a gastronomia seridoense deixa qualquer um de água na boca. A influência do povoamento pelos portugueses não poderia deixar de consolidar e perpetuar, na região, costumes tradicionais relacionados à cozinha e culinária que se expressam, na sua maior plenitude, na produção artesanal de bolos, biscoitos e licores típicos. O cafezinho da tarde, acompanhado de biscoitinhos e outras guloseimas, e uma tradição arraigada na região. Os nomes são os mais variados, como tarequinhos, sequilhos de goma de mandioca e raiva, biscoitinhos de preparo simples à base de açúcar, amido de mandioca, margarina, ovos e leite de coco. As boleiras (aquelas que fazem bolos e, por extensão, biscoitos) detêm o segredo do que denominam localmente de ‘iscas’, através de receitas que vêm sendo passadas de geração a geração.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> ROTEIRO SERIDÓ, 2005, p. 19.

<sup>3</sup> ROTEIRO SERIDÓ, 2005, p.19.

Note-se a reincidência de um importante caráter em todos os relatos anteriores, um caráter liminar, híbrido, que aparece recorrentemente. Ora, existe uma característica bastante peculiar na “identidade seridoense”, evidenciada na constante reincidência de imagens que remontam a uma noção identitária híbrida. A ideia de hibridação cultural é amplamente discutida por diversos teóricos, estando entre os principais Néstor Garcia Canclini. A discussão de Canclini mostra que os processos de hibridação cultural nos servem de evidências da complexidade das sociedades, pois mostram que alguns conceitos, tidos por muitos anos como prontos e acabados, na verdade carecem de maior reflexão – como o conceito de identidade, por exemplo, que, repensado a partir dos processos de hibridação, traz a tona a necessidade de uma resignificação das sociedades estudadas de uma forma a levar em consideração suas auto representações.

Entende-se por hibridação os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.<sup>4</sup> Este fenômeno se configura através de um constante movimento de trânsito, no qual as culturas são constantemente resignificadas por influência de outras formas, estruturas ou práticas. Nesse sentido, uma determinada prática, por exemplo, que poderíamos considerar mais heterogênea, ou híbrida, passaria a outra mais homogênea e, mais uma vez através de influências exteriores, estranhas a ela, ou mesmo espontaneamente, passaria a outra “relativamente mais heterogênea”, sem que em nenhum momento uma destas formas fosse “pura” ou “plenamente homogênea”. Seja de formas culturais, simbólicas ou econômicas, partindo de setores hegemônicos ou populares, todo este processo se baseia em diversas estratégias de “reconversão”.<sup>5</sup>

A ideia de reconversão é utilizada por diversos autores (como Stuart Hall<sup>6</sup>, Michel de Certeau<sup>7</sup> e o próprio Néstor Garcia Canclini), com maior ou menor profundidade, e serve para explicar as táticas através das quais os indivíduos ou

---

<sup>4</sup> CANCLINE, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008. (Ensaio Latino-Americanos, 1). p. XIX.

<sup>5</sup> CANCLINE, 2008.

<sup>6</sup> HALL, 2006.

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

grupos sociais subvertem outras produções culturais, convertendo-as em algo novo, em benefício de si próprios ou de sua comunidade.

O espaço, por exemplo, como categoria de interpretação do real construída pelos grupos sociais, é um dos elementos que são altamente representativos das identidades que compõem a sociedade que o criou. E a transformação desses espaços pode ser tomada, por sua vez, como uma evidência da ressignificação – ou da tentativa de uma ressignificação – da própria identidade dos grupos que vivem e sobrevivem naquele lugar. Nesse sentido, as transformações nos espaços mais tradicionais da sociedade caicoense podem ser interpretadas como mudanças sintomáticas, ou evidências de que a identidade seridoense pode estar se ressignificando, se transformando.

Por outro lado, pode ocorrer que este hibridismo identitário sempre estivesse presente, em menor grau do que na atualidade, ou mesmo latente. Nesse sentido pode ser que a nova lógica de uma sociedade em processo de globalização apenas tenha exacerbado estas características, pondo-as em evidência.

Como forma de discutir estas problematizações, as festas de padroeiros mostram-se como acontecimentos bastante representativos do contexto abordado na presente pesquisa. Pode-se tomar como exemplo a própria Festa de Sant'Ana de Caicó, época em que todo o Seridó converge para a cidade. Esta festa é tida como a mais representativa do povo seridoense, noção que aparece no texto de Cavingnac (et al) citado anteriormente na presente seção, que transcrevo parcialmente a seguir:

A importância histórica, cultural e social atribuída à Festa de Sant'Ana corresponde à cristalização dos registros memoriais e das práticas de sociabilidade: ao revivificar os laços centrados na família cristã, os seridoenses elegem elementos representativos da 'sua' tradição [...]. Assim, a festa de Sant'Ana de Caicó se projeta como a expressão por excelência da cultura e da identidade do Seridó.<sup>8</sup>

Partindo-se da observação de que ela, a dita festa, já não é apenas uma comemoração da fé e religiosidade dos caicoenses, mas sim um evento detentor de todo um aparato estrutural e discursivo que se remete as identidades locais, o leitor perceberá que o discurso de reforço da identidade do seridoense por parte do setor de atividades do turismo gira sempre em torno de certo hibridismo. Nesse sentido,

---

<sup>8</sup> CAVINGNAC; MACÊDO; BRITO; DANTAS, dez. 2000 – mar. 2011. p. 68. [grifos nossos].



defendo a ideia de que “a identidade” seridoense configura-se como híbrida: a natureza é formada por uma vegetação que, em certas épocas, é acinzentada e, em outras, é esverdeada, viçosa. Os seridoenses teriam uma dupla descendência: de um lado os indígenas, que os deixaram como herança a prova de sua descendência de uma civilização “antiquíssima”, por meio dos vestígios de sua existência, as pinturas rupestres; de outro, uma legado histórico/sanguíneo/cultural que remonta a chegada e colonização dos espaços pelos portugueses cristãos. Os homens, por sua vez, são figuras híbridas que ao mesmo tempo expressam a rusticidade do sertanejo e a sensibilidade dos artesãos, dos músicos, das bordadeiras. A culinária gira também na soleira entre comidas tradicionais e rudes, e requintadas e leves receitas legadas por uma influência europeia.

É como se as representações da cultura seridoense emergissem com certa periodicidade, tal qual ocorre com os ciclos das secas, que não apenas transformam drasticamente e dramaticamente a paisagem do Seridó, como também os homens que lá habitam.

Percebe-se pelos relatos que estas imagens da cultura do Seridó têm uma função que serve para reforçar a identidade cultural local, representada por diversas táticas que se caracterizam pela criação de uma espécie de marca representativa da região. Marca que converte “sertanejidade” em “seridoensidade”. Na presente pesquisa atribuí o termo “seridoensidade”, ou “seridoismo”, ao conjunto de representações da cultura do povo do Seridó. Ou seja, as representações simbólicas que traduzem o que possa ser identificado como seridoense, como o bordado, a hospitalidade, a religiosidade, a festa de Sant’Ana de Caicó, etc. O termo é, nesse sentido, um neologismo em nada desmedido, uma vez que tais produções culturais configuram-se como representações conotadas de uma realidade que é inapreensível, mas que traduzem emblemas e sinais, símbolos da identidade cultural local. Assim, o que chamo de “seridoensidade” não deve ser entendido como uma pretensa “essência” do Seridó, mas sim como uma representação, uma manifestação do universo dos símbolos e signos que revelam as representações condensadas do “ser seridoense”, atribuindo significados ao povo da região.

#### 4.1 A FESTA NO NÚCLEO RITUAL DA ILHA DE SANT'ANA: NOVAS FORMAS DE VIVER E/OU USUFRUIR DO EVENTO

A atual Festa de Sant'Ana de Caicó, assim como a própria construção imaginária da identidade do seridoense, mostra-se como um rito que se caracteriza justamente pela indefinição de seus aspectos e que, ao contrário do que a moral das sociedades puritanas intuem, impõe a convivência de um evento que é, ao mesmo tempo, de ordem e de desordem, evidenciando seu caráter híbrido.

Se por um lado a dita festa conserva características tradicionalistas e regionalistas com o objetivo de defender uma identidade e uma ordem social vigentes, mostrando aproximações com os chamados ritos de reforço das festas da ordem, por outro, distanciando-se um pouco do Núcleo Ritual do Pavilhão de Sant'Ana, no Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana, a dinâmica espacial aponta, em parte, para um processo de reinvenção e ressignificação da estrutura da festa.

Esta invenção se dá em primeiro lugar pela própria disposição física do evento. Como pode-se observar na imagem logo abaixo a Ilha de Sant'Ana fica bem próxima da Catedral, mas o visitante tem a impressão que foi transportado para outra cidade, primeiramente devido a magnitude da construção, que segue os padrões arquitetônicos mais modernos, depois pelos confortos que a Ilha oferece em termos de infraestrutura e serviços.

No ano de 2005 o governo do Estado implantou o chamado Polo Turístico do Seridó, ato que traria na sua esteira toda uma sorte de políticas públicas que tem por objetivo a efetivação do setor turístico nas cidades que congregariam este espaço. A partir desta data também os espaços e as paisagens das cidades que compoariam o polo começaram a passar por um intenso processo de remodelação aliado a um novo ímpeto de modernização que visava bem atender as demandas provenientes dos fluxos de visitantes. Em Caicó, este ímpeto de modernização culminou na construção do chamado "Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana de Caicó".

Mapa 8 – Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana de Caicó.



Fonte: Disponível em: <[www.carnavalemcaico.com.br](http://www.carnavalemcaico.com.br)>. Acesso em: 06 jan. 2012. Adaptado pelo autor.

A história da Ilha é bem mais antiga. Na verdade, ao que se sabe aquele local nem sempre foi uma ilha. Segundo Ronaldo Batista de Sales, conhecido popularmente como Magão, a ilha teve origem no remoto ano de 1775, período no qual teria ocorrido um dos maiores invernos da região. Esse inverno teria acarretado uma grande enchente que fez com que o Rio Seridó criasse um novo braço naquele local, formando uma espécie de ilha fluvial sazonal, que até a atualidade se forma apenas periodicamente, em estações mais chuvosas.

Com o tempo a população local começou a chamar aquele espaço de “Ilha de Sant’Ana” porque as terras nas quais o acidente geográfico natural teria ocorrido estavam localizadas na propriedade da Santa.<sup>9</sup>

Segundo o professor aposentado Adauto Guerra Filho a ilha teria passado a fazer parte do “patrimônio de Sant’Ana” no paróquio do Padre Francisco de Brito Guerra, no início do século XIX. Adalto afirma que, naquele tempo, para um padre

<sup>9</sup> SALES, Ronaldo Batista de. *Entrevista concedida a Ana Nery Silva de Oliveira*. Caicó, 09 maio 2007.

assumir uma paróquia era necessário que ele se submetesse a um concurso, era o chamado “vigário colado”. O Padre Guerra – que era da Fazenda Jatobá em Campo Grande, então pertencente a Assú, no norte do Estado do Rio Grande do Norte – se submeteu ao concurso de vigário colado da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Ana do Seridó e, tendo sido aprovado “com brilhantismo”, veio morar em Caicó. Chegando na cidade ele teria se lançado na empreitada de “cuidar da formação do patrimônio de Sant’Ana”,<sup>10</sup> pois já haviam algumas doações em nome da santa. Uma dessas doações foi adquirida pelo padre em terras onde hoje está localizada a Ilha de Sant’Ana.

Aparentemente, com o passar dos anos, as “propriedades da santa” acabaram por se confundir com as do próprio padre, pois o senhor Adalto Guerra, que é descendente direto do Pe. Guerra (!), afirma que

Antes de morrer ele fez um inventário e dividiu o testamento entre todos os irmãos, e a Ilha de Sant’Ana ficou para *um dos filhos dele*, Jacinto Francisco Sales, que é o meu bisavô, é estranho dizer que eu sou descendente de um Padre, por que, ele apesar de sacerdote, não respeitou o celibato e teve um romance com uma mulher chamada Joana da Rocha, nascendo um filho que ele deu o nome de Manoel da Rocha, depois arranhou outro romance com uma mulher que chamava-se Maria José da Hora que era minha bisavó conhecida por Mocinha e nasceram seis filhos e ele reconheceu a paternidade de todos eles e depois elaborou um documento e embaixo colocou ‘tive sete filhos, fragilidade da carne’.<sup>11</sup>

Esta história, contada com certo embaraço pelo prof. Adalto Guerra, evidencia que, por “fragilidade da carne”, as terras que inicialmente pertenciam a paróquia de Sant’Ana acabaram sendo transmitidas para os descendentes do Pe. Guerra e foram sendo divididas entre os descendentes destes e vendidas a outras pessoas até a desapropriação das terras e aquisição do terreno por parte do Governo do Estado, já no início do atual século.

As terras que ele comprou depois do Rio Seridó, que hoje é a Ilha de Sant’Ana, ficou para Francisco, com a morte de Francisco no final do século XIX, vovô fixou residência na Ilha e passou toda a sua vida trabalhando de agricultor e pescador. Por morte de pessoas da

---

<sup>10</sup> GUERRA FILHO, Adalto. *Entrevista concedida a Ana Nery Silva de Oliveira*. Caicó, 09 maio 2007.

<sup>11</sup> GUERRA FILHO, 2007.

família, vovô comprou as partes de terra que hoje é a Ilha. Em 1922, vovô morreu e como nenhum dos irmãos de papai tinha vocação agrícola, papai vendeu a um cidadão de São João do Sabugi, da família Dantas, e ficou com ele até mais ou menos uns vinte anos atrás e os descendentes dele venderam a uma pessoa de Currais Novos.<sup>12</sup>

Um desses proprietários que receberam a “posse” de uma das partes da terra de Sant’Ana foi o senhor Magão. O entrevistado afirma que seu quinhão da propriedade

Veio de uma herança. Seu terreno pertencia ao senhor Belisto. Depois de sua morte, foi vendida. Eu fiquei com um pedacinho dela. Belisto era um primo do meu pai, ele era descendente de Padre Brito Guerra. Quando ele morreu a família vendeu, eu e parte da família compramos um pedaço da terra, a posse no caso, porque não tinha um documento, ficava registrado a posse na Igreja de Sant’Ana. Então, a gente recebia só o direito de posse.<sup>13</sup>

Magão é uma importante figura da cidade. Carnavalesco, foi o criador do chamado “Ala Ursa do Poço de Sant’Ana”, o bloco de carnaval mais popular da cidade, e teve uma importante participação na história da Ilha de Sant’Ana. A fala do depoente dá conta de uma memória que revela mais uma manifestação das práticas devocionais da população local. Ele afirma que

No ano de 1940 Inácio Caritó estivera paralítico e fez uma promessa a São Sebastião que se ficasse curado, ou seja, saísse da cadeira de rodas, construía uma capela para o santo. Como ficou curado, arrecadou dinheiro com a comunidade e em 1940 ele iniciou a construção dessa Capela. Em 1964, a capela caiu e os estudantes se juntaram e a reconstruíram. Em 1989 eu juntei algumas pessoas que a sociedade tinha jogado no mato, a maioria drogados, homossexuais, os sapatão, eu comecei com quatro pessoas e terminei com cento e quarenta e quatro. Nós fizemos a réplica da primeira capela, só que a outra era menor e nós aumentamos mais dois metros. Mas era do mesmo jeito da antiga.<sup>14</sup>

Os trabalhos de reconstrução da capela, que ficaria conhecida na localidade como “Capelinha do Serrote da Cruz”, sob invocação oficial de São Sebastião, foram

---

<sup>12</sup> Ibid.

<sup>13</sup> SALES, 2007.

<sup>14</sup> Ibid.

iniciados em 1989 e concluídos um ano depois, na manhã do dia 20 de janeiro de 1990, quando foi inaugurada com muito júbilo.

A construção do Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana foi iniciada no ano de 2005, iniciando um ciclo que culminaria com a concretização de um lugar que configura-se como uma das maiores transformações sofridas pelo evento. Este complexo é resultado de um projeto do Governo do Estado que visa incrementar o turismo regional, sendo concluído em 2008. Mas, mesmo antes da inauguração, já no ano de 2007, o espaço vinha sendo utilizado para realização de eventos diversos, como a própria Festa de Sant'Ana, conforme notícia abaixo do Governo do Estado do RN.

O Governo do Estado entregou à população de Caicó, no dia 23 de julho, o Complexo Turístico da Ilha de Sant'Ana. Foram investidos R\$ 18 milhões na construção do espaço que já vinha sendo utilizado pelos caicoenses para eventos como a Festa de Sant'Ana, padroeira do município, que atrai turistas e conterrâneos durante todo este mês de julho. O complexo foi construído para incrementar o turismo de eventos na região. O espaço consiste num parque temático, parque infantil, palco para os shows com praça de alimentação, boxes para artesanato, anfiteatro e um ginásio dotado de quadra poliesportiva com dimensões oficiais e arquibancada com capacidade para 3.000 pessoas. O complexo deve atrair também pousadas que vão atender aos visitantes durante todo o ano, principalmente nos grandes eventos e festejos do calendário turístico de Caicó.<sup>15</sup>

A ilha, que fica no centro histórico, cultural, comercial e religioso da cidade, já ocupava um posto de destaque na memória coletiva dos caicoenses, pois o seu espaço é detentor de dois lugares da memória local. Como discutido anteriormente, é nas imediações desta ilha que se localiza o Poço de Sant'Ana, palco do mito criador da cidade, e também é nela que foi edificada a Capelinha do Serrote da Cruz, ou Capelinha de São Sebastião. Ademais, é na ilha por onde passa o Rio Seridó, antigamente conhecido como Acauã ou Cuó, que daria o nome a urbe. Ambos os lugares são marcos de reforço de uma identidade local e, também, são considerados pontos turísticos locais.

---

<sup>15</sup> RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Governo do Estado. Assessoria de Comunicação. *Ações do governo*: Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana. Natal: [2008]. Disponível em: <<http://www.rn.gov.br/acoes-do-governo/complexo-turistico-da-ilha-de-santana/12/>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

A área total do local compreende um espaço que chega a mais de cento e quarenta e sete mil metros quadrados, contando com toda uma infraestrutura de suporte que visa provocar um incremento no Roteiro Seridó, criado, por sua vez, para estimular o desenvolvimento do turismo no Polo Turístico do Seridó. Alguns dos equipamentos da Ilha receberam nomes de pessoas com reconhecidos serviços prestados à cultura seridoense, como o Mons. Antenor Salvino de Araújo, pároco da Catedral de Sant'Ana por cerca de meio século.

Em diversos sentidos, a construção da Ilha foi benéfica para a festa de Sant'Ana, como pode atestar o Dossiê do IPHAN sobre o evento, conforme citação que transcrevo a seguir.

A construção da Ilha, de fato, 'desafogou' a Festa de Sant'Ana, abrigando três estruturas que até então funcionavam nas adjacências da Catedral: os parques de diversões, os shows promovidos pela prefeitura e governo do estado e a Feira de Artesanato.<sup>16</sup>

A Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó, mais conhecida como FAMUSE, configura-se como uma feira de amostra do trabalho de artesãos provenientes de diversas regiões do Estado e de todo o Nordeste brasileiro, principalmente da região do Seridó norte-rio-grandense. A feira é um projeto que tem como principais parceiros o Governo do Estado, através das secretarias de Cultura e de Turismo, a Prefeitura Municipal de Caicó e o Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE), sob a coordenação do Comitê Regional das Associações e Cooperativas de Artesanato do Seridó. O foco principal é a divulgação dos produtos da terra, à exposição da vocação artesanal da região e mostra das condições emblemáticas do espírito artesão da região do Seridó norte-rio-grandense.

Os produtos são os mais diversos, evidenciando as "marcas identitárias" da região. São a carne-de-sol e os queijos de manteiga e coalho caicoenses, com tradicionais técnicas de preparo que remontam ao início do período colonial, os produtos de cerâmica, de couro e o bordado seridoense, com toda sua riqueza de detalhes e sua "finesa" nos acabamentos, os docinhos e as guloseimas, tentações gastronômicas, as apresentações de músicos locais, o forró pé-de-serra, as

---

<sup>16</sup> DOSSIÊ..., [200-], p. 95.

bandinhas de música, os saraus poéticos, etc. Tudo com vistas a reforçar a identidade e a cultura tradicional local.

Foto 12 – Casa Seridoense. Abertura da FAMUSE.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Na imagem acima, observa-se a tentativa de reforço de uma cultura e uma identidade seridoense tradicionalista a partir da exibição de um trio de forrozeiros tocando “pé-de-serra” ao lado de uma casa de taipa, a qual foi atribuída o título de “casa seridoense”. A casa foi construída no interior do espaço reservado para a realização da FAMUSE no ano de 2011 e demolida logo após o encerramento da festa. No interior do ambiente eram servidos cafezinhos aos visitantes, acompanhados de comidas típicas da região, como queijo e carne-de-sol, tapioca com manteiga de garrafa, biscoitos e, também, cachaça. Tinha o claro objetivo de reforçar a imagem do seridoense como sertanejo tradicional, como vaqueiro, de tipificar as referências culturais locais em uma sertanegidade arraigada. Os objetivos foram cumpridos, uma vez que a casa foi um dos locais mais frequentados do evento. Motivos não faltaram para tanto, pois tudo nela era convidativo, até o cheiro do local convidava a entrar e se acomodar. Ao passar nas imediações, sentindo o cheiro do café coado na hora, nenhum visitante ou morador local poderia resistir a sua atração, sendo automaticamente impelidos a adentrar e deleitar-se com a imersão na cultura local.



No anfiteatro da ilha, nos primeiros dias da festa, é realizado o espetáculo teatral intitulado “Terra de Sant’Ana”, também conhecido como “Auto de Sant’Ana”. O espetáculo teve início no ano de 2006, ocorrendo até 2010, sempre durante o mês de julho. Curiosamente, a ideia da realização do evento partiu da então primeira dama da cidade de Currais Novos, Ângela Lins, e através do pedido de recursos financeiros que o prefeito da mesma cidade, José Lins, teria feito ao governo do Estado. Digo “curiosamente” porque as duas cidades, Caicó e Currais Novos, tem uma já antiga rivalidade, havendo hostilidades e discussões constantes entre seus moradores, cada uma querendo ter “mais importância” do que a outra para a região do Seridó. Assim, o evento não é realizado unicamente em Caicó, mas sim em diversas cidades da região, que tem Sant’Ana como padroeira. No ano de 2007, por exemplo, nos dias 26, 27 e 28 de julho o espetáculo aconteceu em Caicó, em Currais Novos foi realizado nos dias 13, 14 e 15 do mesmo mês, e em Sant’Ana do Mato, nos dias 21 e 22.

O Auto retrata a história de Sant’Ana, do sertanejo seridoense e da região do Seridó. Em Caicó, acrescenta-se uma representação do mito criador da cidade, a chamada “lenda do vaqueiro”.

A preparação do espetáculo fica a cargo da artista Diana Pinheiro Fontes, que é a responsável pela criação, roteiro e direção geral do espetáculo e participa desde sua concepção. Para tanto, é necessário começar os preparativos para a apresentação três meses antes da efetivação do evento, que vai desde oficinas de montagem, passando pela montagem do figurino, criação de cenários, formação de equipes e culminando com a apresentação. A artista afirma que o evento

Tem um sentido lúdico, porque trabalhamos com a imaginação, com a experiência e vivências das pessoas, como os sentimentos. Trata-se da valorização do ser humano, da sociedade. O papel social de um espetáculo é fundamental, *fortalecimento da identidade*.<sup>17</sup>

Admitindo que o evento tem como uma de suas principais funções o “fortalecimento da identidade” local, a senhora Diana Fontes afirma ainda que costuma utilizar elementos da natureza e outros que remetem o espectador aos principais referenciais culturais da localidade. O objetivo me parece bastante claro,

---

<sup>17</sup> FONTES, Diana Pinheiro. *Entrevista concedida a Rosenilson da Silva Santos*. Caicó, 27 jul. 2007.

tais recursos servem para causar uma maior identificação dos espectadores com a ideia de seridoensidade. Assim, para compor os cenários, por exemplo, usam-se cactos (xique-xique, cardeiro, coroas-de-frade, etc.) e plantas secas. Para os figurinos, recorre-se a roupas bordadas. A maquiagem é feita de argila, dada a quantidade de cerâmicas que pontilham todo o território regional, e os tecidos são feitos de algodão, outro dos símbolos do Seridó.<sup>18</sup>

Foto 13 – Auto de Sant’Ana do ano de 2010.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Na foto pode-se perceber que a figura central, representando Sant’Ana, está ladeada por figuras que representam as forças da natureza: o fogo, a terra, o ar e, fora de quadro, a água. Logo abaixo, prostrados em genuflexão, em uma atitude de submissão, estão os homens seridoenses, representados por vaqueiros, por sertanejos. Percebe-se aí uma já conhecida luta entre categorias que remontam, mais uma vez, a identidade tradicional da região, representada pela força das águas e das intempéries da natureza, às quais o sertanejo seridoense teve que se submeter ao longo dos séculos, e de suas entidades metafísicas.

---

<sup>18</sup> FONTES, 2007.

Mas é óbvio que, ao contrário do que as camadas produtoras de sistemas culturais de significados na cidade querem aparentar, nem todo seridoense é um vaqueiro. Essa identidade cultural que se pretende homogênea, tradicional, e naturalizada e imutável frente as mudanças provocadas pela modernidade, passa na atualidade por um intenso processo de ressignificação. Esse processo vem se intensificando nos últimos anos, principalmente no ambiente do Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana.

Nesse local, durante a festa, a própria população caicoense assume uma postura que aponta para uma mudança no padrão comportamental dos grupos sociais que participam da festa, um padrão que nos remete a um processo ritual de carnavalização, na acepção de Roberto da Matta.<sup>19</sup> Nesse sentido, pode-se perceber a ascensão de uma nova Festa de Sant'Ana que promove a obrigatoriedade fenômenos culturais no mínimo peculiares.

Um dos argumentos que corroboram esta reflexão diz respeito às formas que o homem comum encontrou para vivenciar a festa no Núcleo Ritual da Ilha de Sant'Ana, divergindo do padrão recatado e ostentador da festa tradicional. Por exemplo, os grupos de amigos que todos os anos durante o carnaval, que é uma festa eminentemente das massas, formam os blocos carnavalescos, agora na Festa de Sant'Ana, também se reúnem e confeccionam as camisetas que servem para identifica-los enquanto grupo social homogêneo, ou diferente dos outros.

Esses blocos carnavalescos se comportam exatamente como se estivessem em pleno carnaval. Eles estabelecem pontos de encontro fixos, normalmente sediados em prédios ou residências alugadas, onde podem exagerar a vontade na bebida e se ver livres da ordem coercitiva da sociedade. Na festa, eles também demarcam espaços no entorno do palco principal da Ilha, onde podem estacionar seus caixotes de cerveja, em torno dos quais fica estabelecida uma espécie de bolha territorial exclusiva do bloco.

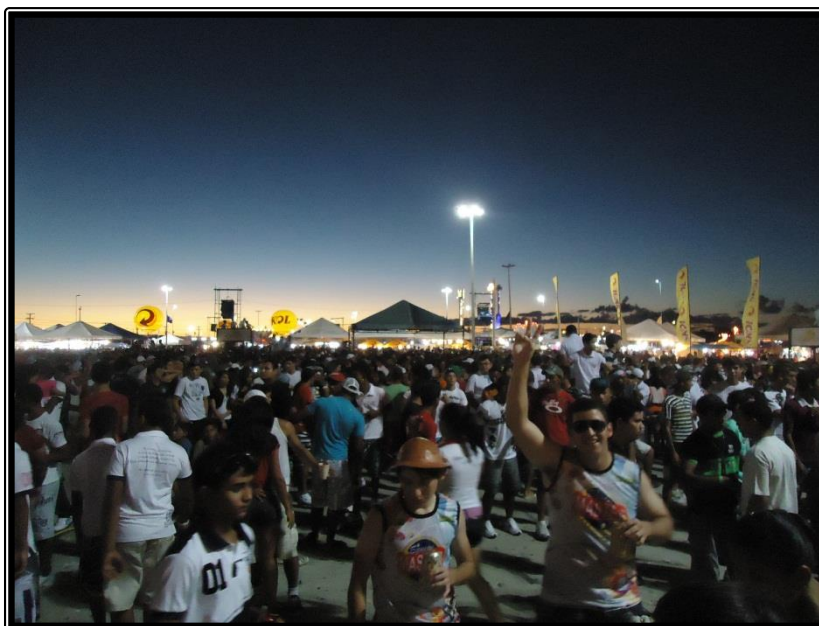
Entre eles, o maior bloco de rua de Caicó, o Ala Ursa do Posso de Sant'Ana – também chamado pelo povo de “Bloco do Lixo”, em referência tanto aos materiais utilizados para confecção das fantasias e bonecos gigantes, que são, em sua maior parte, reciclados, quanto a proximidade que este tem com as camadas mais

---

<sup>19</sup> MATTA, Roberto da. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*, abr. 2000, v.6, n.1. p. 13.

populares da sociedade seridoense –, que um dia da festa, fazendo seu “carnaval” de rua com itinerário nas principais avenidas da cidade, ao som de marchinhas, frevos e músicas carnavalescas das mais diversas. É uma verdadeira carnavalização.

Foto 14 – Feirinha na Ilha de Sant’Ana.



Fonte: acervo pessoal do autor.

As bandas que tocam no palco da Ilha já não remetem mais a uma identidade local, já não tocam mais apenas o forró pé-de-serra. São, em sua maioria, atrações nacionais que, muitas vezes, tocam estilos musicais que se relacionam com outras identidades de outros recortes geográficos, assim nos anos no final do século XX, o evento teve como atrações principais atrações que tocavam estilos variados, como o “brega”, a “MPB”, o “frevo” e o “axé”, os chamados “forró universitário” e “sertanejo universitário” e, inclusive, o pop e o rock internacionais.

Outra mudança, esta de maior ressignificação ainda, e mesmo de “ataque”, frente à ordem cultural estabelecida e a chamada identidade seridoense, veio no ano de 2009. Era noite de 25 de julho quando um aglomerado de pessoas vestindo predominantemente o preto e com um visual “estranho” para os padrões culturais locais, como camisas de *rock* e coturnos, se fez presente em frete ao anfiteatro da

Ilha. Essas pessoas estavam ali para participar do evento de “rock” intitulado *Scream For Me Caicó*.<sup>20</sup>

No seu primeiro ano, o evento, que reuniu vários fãs de *rock* de toda a região e de outras localidades do RN, teve um público de aproximadamente 600 espectadores. Nas palavras de seu criador, o jovem Allan Stephan Araújo Rodrigues Silva, “foi planejado como uma forma alternativa de entretenimento cultural onde a música é abordada como veículo para o laser e envolvimento total com turistas e populares”.<sup>21</sup>

Foto 15 – Espectadores do *Scream For Me Caicó*.



Fonte: acervo pessoal do autor.

O primeiro *Scream For Me Caicó*, que se configurou como um tributo a uma banda inglesa de *heavy metal* muito conceituada entre os “metaleiros”, chamada *Iron Maiden*, teve um grande sucesso, tendo como atrações a participação as bandas BHR (Caicó/RN) e Rhenoda (Natal/RN), ambas tocando músicas de estilos *heavy metal* e/ou *hard rock*.

<sup>20</sup> Pode ser traduzido para o português como “grite para mim Caicó”.

<sup>21</sup> SILVA, Allan Stephan Araújo Rodrigues. *Entrevista concedida a Clériston Rafaell Wanderley de Medeiros*. Caicó, 05 set. 2011.

Nos anos seguintes o evento se firmou como “atração alternativa” para a Festa de Sant’Ana, contando com a participação de diversas outras bandas de *rock* do cenário estadual e homenageando as bandas internacionais *Bon Jovi* (EUA), em 2010, e *Metallica* (EUA) e *Scorpions* (Alemanha), no ano de 2011.

O idealizador do evento é bastante consciente acerca da importância transformadora que a festa de *rock* tem frente à cultura local, como elemento ressignificante de culturas e identidades locais, afirmando que:

Além de proporcionar algo ‘novo’ em termos culturais para a cidade, o evento surge para fornecer uma alternativa de entretenimento não só para o público amante do *rock*, mas também aos curiosos que, na grande maioria das vezes, também acabam interagindo e, por consequência, somando interesses no mesmo, além de repensar a cultura regional por meio de um evento anual que proporcionará para a região do Seridó uma nova atração em seu calendário turístico.<sup>22</sup>

A noção de que o evento é uma espécie de ato cultural de reação simbólica às identidades impostas pelos agentes produtores da “cultura oficial local” corrobora a ideia na qual essas referências culturais da região do Seridó estariam sofrendo, na atualidade, um intenso processo de ressignificação resultante de uma cultura cada vez mais globalizada. É possível enxergar na Festa de Sant’Ana da Ilha, através do *Scream For Me Caicó*, um repertório com o qual os “roqueiros”, que também são usuários da Festa de Sant’Ana, desenvolvem operações próprias. Em outras palavras, os usos do produto cultural “Festa de Sant’Ana” pelo homem comum encontrou formas distintas das pensadas originalmente pelos seus produtores iniciais.

Esta festa de *rock* pode ser considerada como uma astúcia que os usuários da festa, originalmente de reforço de uma ordem social e de uma identidade local – católica, sertaneja, com um padrão comportamental predefinido e hierarquizado – desenvolvem com intuito de driblar os termos dos contratos sociais seridoenses, utilizando os padrões culturais impostos pelos agentes produtoras de sistemas significados em benefício próprio. Assim, nas palavra de Michel de Certeau,

Diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente

---

<sup>22</sup> SILVA, 2011.

diverso, qualificada como 'consumo', que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas 'piratarías', sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?), mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos.<sup>23</sup>

O que Certeau chama de consumo pode ser caracterizado como os diversos usos que as camadas "populares", não produtoras de sistemas de significados, fazem das culturas criadas e distribuídas pelas "elites" produtoras de significados, de padrões culturais de forma a manipular e ressignificar esses produtos simbólicos. Nesse sentido, aquilo que se chama de 'vulgarização' ou 'degradação' de uma cultura seria então um aspecto, caricaturado e parcial, da revanche que as táticas utilizadoras tomam do poder dominador da produção.<sup>24</sup>

Em um segundo momento, creio que com o espaço de eventos do Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana e as estratégias de *marketing* da administração pública da cidade de Caicó, estratégias tão comuns nos grandes eventos turísticos, criou-se uma festa que, distanciando-se de sua proposta e formato originais, se assemelha as "festas de desordem". A dita festa, agora no Núcleo Ritual da Ilha de Sant'Ana, estaria carnavalizada. Segundo Roberto da Matta as festas de desordem são capazes de inverter a realidade, e a principal expressão desses eventos é o carnaval:

O carnaval é basicamente uma inversão do mundo. Uma catástrofe. Só que é uma reviravolta positiva, esperada, planejada e, por tudo isso, vista como desejada e necessária em nosso mundo social. Nele, conforme sabemos, trocamos a noite pelo dia; ou o que é ainda mais inverossímil: fazemos uma noite em pleno dia; substituindo os movimentos coletivos que desfilam num conjunto ritmado, com uma coletividade indestrutível e corporificada na música e no canto.<sup>25</sup>

Nesse sentido, as práticas que comumente eram desenvolvidas durante a Festa de Sant'Ana passam também por um profundo processo de reinvenção. Se o padrão comportamental do Núcleo Ritual do Pavilhão de Sant'Ana é o da manutenção de uma identidade e de uma ordem social por uma série de estratégias, o padrão do Núcleo Ritual da Ilha de Sant'Ana é o da ressignificação da cultura das

---

<sup>23</sup> CERTEAU, 2011, p. 88-89.

<sup>24</sup> CERTEAU, 2011, p. 90.

<sup>25</sup> MATTA, 1984. p. 74.

identidades locais, e até mesmo da construção de novas identidades e ordens sociais, onde tudo fica deslocado de sua realidade cotidiana. Onde também abre-se a possibilidade para que certas coisas ocorram e que outras sejam evitadas.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TURISMO E PROCESSOS DE HIBRIDAÇÃO CULTURAL

Esta pesquisa expressou uma profunda inquietação. Preocupou-me a atual conjuntura das discussões no círculo dos estudos do fenômeno da produção, por parte do saber local, dos referências e representações simbólicas da cultura, identidade e história da Festa de Sant’Ana de Caicó na região do Seridó norte-rio-grandense.

Ao longo da primeira década do presente século, percebeu-se que a região vivenciou um momento importante, no qual seu estatuto cultural passou por todo um processo de sistematização com vistas a viabilizar a consolidação de práticas turísticas em seu espaço. Percebo que a criação de “atrativos” turísticos muitas vezes parte de ideias estabelecidas *a priori*, de noções de identidade que muitas vezes são estabelecidas por parte do poder público sem que se leve em consideração as diversas representações que o “saber local” faz de sua própria sociedade, de sua cultura, de sua natureza.

Como bem afirmou o antropólogo Clifford Geertz, “o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu”.<sup>1</sup> Nesse sentido, creio ser sensato o pressuposto de que todas as representações sobre esta “teia” de mediações simbólicas da cultura local devam ser levada em consideração para escolha e posterior uso de qualquer produto cultural. Entendi, mais uma vez inspirado em Geertz, que a criação de um roteiro turístico predominantemente cultural deveria ser precedida por uma intensa investigação de caráter histórico e etnográfico dos diversos significados e usos do saber local em seu habitat natural, no “universo cotidiano em que seres humanos olham, nomeiam, escutam e fazem”.<sup>2</sup>

Partindo desta problemática, percebi a possibilidade de ingressar em um novo campo de estudos, tendo como uma das propostas mais importantes do presente texto o uso das culturas e ressignificação das “identidades” na região do Seridó norte-rio-grandense através de um estudo acerca das dimensões simbólicas, artes de fazer e representações na Festa de Sant’Ana de Caicó. Visando viabilizar a

---

<sup>1</sup> GEERTZ, 2008, p. 15.

<sup>2</sup> GEERTZ, Clifford *O Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 79.

construção discursiva desta temática, a discussão desenvolvida nesta dissertação configurou-se como um esforço de problematização das representações dos referenciais culturais, da história, dos espaços e das paisagens vividas cotidianamente pelo homem seridoense, notoriamente na Festa de Sant'Ana de Caicó.

Escolhi este recorte micro temático por entender que o produto das relações entre ser humano e natureza configura-se como uma das principais molas propulsoras da construção das culturas e das identidades dos povos. Assim, se fez necessário enxergar espaço, paisagem, natureza e cultura como documentos profundamente inter-relacionados, no sentido que podem ser lidos e interpretados a luz tanto da antropologia quanto da história, de forma diacrônica ou sincrônica.

Enfatizo que pensar a sociedade como sendo composta de inumeráveis “construções culturais, sustentadas de modo eficaz tanto pelo mútuo consentimento quanto por causas materiais inevitáveis”<sup>3</sup> através de representações coletivas implica observar que o padrão destas construções culturais está relacionado às funções simbólicas e expressivas da cultura. Ou seja, as formas como uma sociedade se enxerga e se auto representa, assim como as formas pelas quais elementos externos a representam, são culturalmente construídas.

Ao longo do estudos, pôde-se perceber que visitar o Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana de Caicó, durante o período da atual festa em homenagem a padroeira da cidade, é se inserir em um espaço extremamente múltiplo, complexo e heterogêneo. Vivenciar a Festa de Sant'Ana de Caicó, como se pode perceber nas discussões desenvolvidas no capítulo anterior, é se entregar a todo um universo de estímulos, sejam eles sonoros, visuais, olfativos ou táteis, que partem de inumeráveis referenciais e que permitem vislumbrar um cenário cultural extremamente diversificado que aponta para uma constante luta entre duas categorias, a tradição e a modernidade. Esta luta, ao invés de criar padrões culturais fixos e identidades unificadas, imutáveis, acaba por gerar um fenômeno particular, onde as categorias em luta acabam por se fundir. E essa fusão de tradição e modernidade aponta, por sua vez, para o surgimento de novos padrões culturais, hibridismos culturais e identitários, apesar de o discurso de venda do destino por

---

<sup>3</sup> BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

parte dos poderes públicos estadual e municipal, assim como das agências de viagens, buscar constantemente transmitir representações conotadas estandes para os consumidores finais da festa, os visitantes, os “filhos ausentes” e os fiéis.

A inserção da festa no calendário turístico de eventos do Estado e a transferência dos eventos “profanos” para o Complexo Turístico Ilha de Sant’Ana provocou muitas transformações na Festa de Sant’Ana de Caicó. E nesse processo, novos atores e novas referências culturais entraram em cena. Entre estes, as agências de fomento ao turismo. Assim é que a primeira edição do guia “Roteiro Seridó”, que cumpre a função de suporte à comercialização e divulgação de produtos turísticos e de apoio ao setor na região, teve o objetivo de desempenhar o papel de ponte de ligação entre operadoras e agentes de viagens, “enquanto participantes da promoção e comercialização de roteiros para turistas potenciais de todo mundo”,<sup>4</sup> com o Polo Turístico do Seridó.

Nesse documento, afirma-se que o reconhecimento da vocação turística do Seridó levou o SEBRAE/RN a inserir a região no Programa SEBRA de Turismo – que visa o desenvolvimento de territórios com reconhecida vocação para atuação no setor. Em decorrência disso, foi assinado um convênio com diversas instituições, tais como a Secretaria de Turismo do Estado, para a execução do chamado “Plano de Turismo Sustentável – Roteiro Seridó”.

O projeto envolve parceiros como a Escola de Turismo e Hotelaria Barreira Roxa, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC/RN), o Serviço Social do Comércio (SESC/RN), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR/RN), o Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (IDEMA/RN), o Ministério do Turismo, órgãos ambientais, universidades, instituições financeiras, organizações não governamentais e prefeituras municipais da região. Ou seja, os agentes envolvidos são os mais diversos, cada um lutando pelo reconhecimento de uma “identidade regional” unificada, plenamente identificada, coerente. E essa “identidade regional” é transmitida de forma a “conjurar” toda e qualquer forma de cultura liminar, de identidades híbridas, objetivando abafar qualquer nuance, qualquer tonalidade divergente da identidade seridoense “reconhecida” como tal pelo poder público. Mas, percebe-se que, invocando as

---

<sup>4</sup> ROTEIRO..., 2005, p. 02.

palavras de Stuart Hall, tal identidade é uma “fantasia”.<sup>5</sup> Prova disso pode ser encontrada numa observação: na medida em que, na festa de Sant’Ana de Caicó, os usos dos diversos sistemas de atribuição de significados e as representações culturais se multiplicam, se intensificam, os agentes produtores de sistemas de significação são confrontadas por toda uma “multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”.<sup>6</sup> É o caso das identidades de “foliões” e de “roqueiros”, que agora reivindicam sua parcela de participação na Festa de Sant’Ana e evidenciam que a identidade seridoense, ao menos em parte significativa da população, já não está mais presa aos mesmos referenciais culturais, tradicionalistas.

Em outras palavras, se, para o poder público, é interessante a reprodução de ideias de representações conotadas “estanques” de uma identidade regional, em Caicó, estas identidades e referenciais culturais estariam em constante processo de ressignificação, de hibridação.

Quantos lugares e identidades existem nos núcleos rituais da Festa de Sant’Ana? Quantos “Seridós” são enunciados na Festa de Sant’Ana de Caicó? Um Seridó cujas referências principais são fundamentadas em uma história secular, nas construções em estilo colonial, na memória e nas crenças da comunidade, nas comidas típicas, nos rituais e nas bênçãos de Sant’Ana, em todos os referenciais que constroem, por diversos expedientes, a cultura tradicional do *ser seridoense*, da *seridoensidade*. Um outro Seridó, o dos desvios e dos excessos, do viés, das inversões e das comemorações carnavalescas e das demais festas de inversão, que põem de “ponta-cabeça” uma realidade e uma ordem social construídas historicamente, transformando-as, contraditoriamente, em algo que em nada lembram o original, o “tradicional”, a bem da verdade utilizado no discurso da representação tipificada da seridoensidade.

A nova Festa de Sant’Ana reorganiza o espaço caicoense, utilizando-se de uma série de estratégias que transfiguram a cultura local, introduzindo novas referências identitárias, desta feita moldadas por influências externas. Estas novas referências baseiam-se em um mercado turístico inter-regional e, em alguns

---

<sup>5</sup> HALL, 2006, p. 13.

<sup>6</sup> Ibid.

momentos, internacional, em estratégias de *marketing* e venda do destino, em fluxos de pessoas, enfim, em uma cultura global.

Nesse momento me ocorre um conceito, a noção de que as culturas se definem, ao menos em parte, justamente nos fluxos humanos, nas trocas culturais, realizados sempre na fronteira, nas chamadas “zonas de contato”, como defendem Barth,<sup>7</sup> Cancline<sup>8</sup> e outros pesquisadores na linha das ciências sociais. Mas quero chamar atenção para a existência de alguns ambientes onde, em tese, a fronteira não existe. Esses ambientes são justamente estes lugares ditos turísticos, como a cidade de Caicó, entre outras, com um fluxo turístico ainda em processo de consolidação. Neles não existem efetivamente zonas de contato, conceito condicionado à fronteira, mas sim fluxos de convergência cultural. Dentro desta lógica e através do uso de seus espaços, que passam a atuar como algo que poderíamos chamar, talvez, de “zonas de convergência”, a cidade de Caicó passa a ser “mundializada”. Sua cultura e identidade se resignificam, se transfiguram. Nessa mesma nova lógica, o Seridó passa a ser “mundializado”. Não porque sua identidade deixou de existir, mas porque se transfigurou, foi resignificada. Traduzindo para outros termos, os referenciais que compõem a seridoensidade se transformam com vistas a adaptarem-se a este processo de mundialização.

Com a transformação das identidades e dos referenciais culturais percebe-se fenômenos bastante peculiares, que levam a algumas reflexões, servindo muito mais como uma problematização, uma inquietação e a indicação de possíveis temáticas de estudos, do que como uma conclusão da problemática proposta nesta dissertação.

Em primeiro lugar, a própria noção de espaço também se transfigura, provocando mudanças importantes nos lugares. Notamos que, se as forças motrizes do turismo seridoense dividem os espaços do centro histórico de Caicó durante os dias da Festa de Sant’Ana entre os núcleos rituais do Pavilhão e da Ilha, do reforço da “ordem” e dos desvios, dos vieses, das “inversões”, esta transformação não impede que estes espaços se misturem em dados momentos.

Percebe-se que, no Mapa 6, no espaço do Pavilhão existe um quadrado na cor vermelha, representando uma modesta – mas constante – existência de uma

---

<sup>7</sup> BARTH, 2000.

<sup>8</sup> CANCLINE, 2008.

atividade de desvios, ou inversões, desta dita seridoensidade. Esta mancha nos remete a chamada “Feirinha de Sant’Ana” da praça Senador Dinarte Mariz, que é realizada paralelamente e concomitantemente a Feirinha do Pavilhão. Neste evento, que ocorre sempre no dia 26 de julho, dia de Sant’Ana, os devotos e turistas, contraditoriamente ao espaço no qual se encontram, entregam-se temporariamente às práticas profanas comuns nas festas de inversão.

Por outro lado, no espaço reservado para a Festa de Sant’Ana invertida, carnavalizada – o núcleo da Ilha –, também podemos perceber a existência de uma atividade de reforço da seridoensidade, em azul. Este espaço é a representação de outra “tradição inventada” da Festa, a Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó (FAMUSE) – local aparentemente escolhido estrategicamente, num espaço onde ocorre um fluxo bastante intenso de pessoas que, de qualquer forma, estariam ali para as comemorações. Esta feira é o momento no qual a seridoensidade é aflorada e exibida perante os visitantes como forma de divulgação dos produtos da terra, ou seja, é um reforço da cultura tradicional local, do ser seridoense. A análise evidencia, uma vez mais, um hibridismo “espaço-cultural”.

E se a “noção” de espaço se transmuta, transmutando também os próprios espaços, é interessante notar que, nesse contexto, a noção de território segue o mesmo padrão. Nesse sentido, as fronteiras do próprio Seridó – recorte imagético-discursivo – se expandem. Isto é, o núcleo central da cultura seridoense, que antes se encontrava preso ao espaço geográfico do Seridó, perde sua centralidade, passando agora a ser, ao mesmo tempo, produtor e produto de uma representação identitária conotada formada sobre a égide de uma cultura que, ao mesmo tempo, globalizada e globalizante. O que nos leva a uma outra reflexão.

Uma vez que as fronteiras do Seridó se expandem, ganhando visibilidade e influências globais, a cultura do Seridó passa a sofrer um constante e incessante processo de ressignificação, movimento irreversível. Ou seja, ocorre uma ressignificação da cultura e da identidade local. Contraditoriamente, a representação conotada do ser seridoense, da seridoensidade, por parte das políticas públicas de divulgação do destino, para o discurso turístico, dificilmente mudará, buscará constantemente uma continuidade com um passado histórico tradicional. Isso se dá porque a peculiaridade cultural do Seridó é justamente o principal produto de venda do destino turístico em questão. E sem toda esta sorte de referências culturais

tradicionais que foram abordadas ao longo da presente pesquisa a atividade turística dificilmente persistiria na região.

Em uma palavra, a atividade turística na região do Seridó, que chamei de “globalizada e globalizante”, cria um movimento ambíguo e irreversível, no qual ao mesmo tempo em que se transfiguram as culturas, as identidades e os lugares, se atribui, pelas pressões do turismo, uma representação imagética estanque à estas mesmas categorias, cristalizando-as nos discursos de venda e no uso da cultura local. Enfim, sem que haja maiores reflexões por parte dos visitantes da região acerca das culturas e identidades locais, aos olhos do mundo, também ocorre uma cristalização desta dita seridoensidade, que na verdade, em nível local, estaria em constante processo de ressignificação.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. *Patrimônio e memória*. v. 7, n. 1, jun. 2011, p. 134-150. Disponível em: <[http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v7.n1/artigos/festasparaquetequero-v7n1.pdf](http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v7.n1/artigos/festasparaquetequero-v7n1.pdf)>. Acesso em: 25 ago. 2011.
- ALVES, Maria Lúcia Bastos. Religiosidade, turismo e cultura na região do Seridó-RN. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13, 2007, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2007.
- ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Campinas. 2001. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001.
- AZEVEDO, Jucicléa Medeiros de. *Culinária do Seridó: um elemento da identidade territorial*. Natal. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 4.ed. Campinas: Papirus, 2004.
- BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BEGUIN, François. As Maquinarias inglesas do conforto. *Espaço e debate*, São Paulo, n. 34, p. 39-54, 1991.
- BRASIL; Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento do Patrimônio Imaterial; Coordenação Geral de Identificação e Registros; Coordenação de Registro. *Parecer nº 47 de 28 out. 2010. Assunto: processo nº. 01450.004977/2008-26 referente ao registro da Festa de Sant'Ana de Caicó – Rio Grande do Norte*. Brasília, DF, 28 out. 2010.
- BRASIL; Presidência da República. Decreto nº 3.551 de 4 ago. 2000. *Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o programa nacional do patrimônio imaterial e dá outras providências*. Brasília, DF, 4 ago. 2000.
- CANCLINE, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008. (Ensaio Latino-Americanos, 1).
- CAVINGNAC, Julie A.; MACEDO, MACÊDO, Muirakytan Kennedy de; BRITO, Paula Sônia de; DANTAS, Maria Isabel. O Inventário da cultura do Seridó (RN): ou como dar conta do patrimônio imaterial de uma região. In: *Memória em Rede*, Pelotas, v.2,



n.4, p. 48-84, dez. 2000 – mar. 2011. Disponível em:  
<[www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede](http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede)>. Acesso em: 12 dez. 2010.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COUTO, Patrícia de Araújo Brandão. Porto de Trás: etnicidade, turismo e patrimonialização. *Pasos: revista de turismo y patrimonio cultural: tradición y modernidad em turismo*. [S.l.], v.9, n.3, p. 19-30, número especial, 2011. Disponível em: <[www.pasosonline.org](http://www.pasosonline.org)>. Acesso em: 06 out. 2011.

DOSSIÊ IPHAN: festa de Sant'Ana. Natal: IPHAN, [200-].

EVANGELHOS apócrifos. 3. ed. Introdução e Tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (Teologia; 17). p. 26-27.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Versão 5.0. [S.l.]: Positivo, 2004. 1 CD-ROM.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 11.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 2011. (Antropologia).

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GRAÇA alcançada. *A Folha*. Caicó, v. 1, n. 22, 31 jul. 1954, p. 3.

CRÔNICAS do passado. *A Folha*. Caicó, v. 1, n. 22, 31 jul. 1954, p.01.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

HOBBSAWN, Eric J. *A Era do capital: 1848-1875*. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLWECK, Frederick. "St. Anne". In: *The Catholic Encyclopedia*. vol. 1. New York: Robert Appleton Company, 1907. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/01538a.htm>>. Acesso em: 20 out. 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 2.0a. Rio de Janeiro: Objetiva; 2007. 1 CD-ROM.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Caicó: Inventário nacional de referências culturais: ficha de identificação de localidade*. Natal: IPHAN, 2007.

LAMARTINE, Oswaldo. *Sertões do Seridó*. Brasília: Senado Federal, 1980.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó: historicidade e produção do território. *Espacialidades*. 2008, v. 1, n.0.

MACEDO, Elder Alexandre Medeiros de. *Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte*. Natal: EdUFRN, 2011.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. *A Penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense*. Natal: Sebo Vermelho, 2005

MATTA, Roberto da. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*, abr. 2000, v.6, n.1. p. 13.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Índios do Açu e Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1984.

\_\_\_\_\_. *Velhos inventários do Seridó*. Brasília: [s.n.], 1983.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. *Seridó*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1954.

PETRUSKI, Maura Regina. *Julho chegou... e a festa também: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961)*. Paraná. 2008. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2008.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinada: Brasil (1890-1930)*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Governo do Estado. Assessoria de Comunicação. *Complexo Turístico Ilha de Sant'Ana: ações do governo*. [online]: [2008]. Disponível em: <<http://www.rn.gov.br/acoes-do-governo/complexo-turistico-da-ilha-de-santana/12/>>. Acesso em: 27 jan. 2012.

RIO GRANDE DO NORTE (Estado). Secretaria de Planejamento e Finanças. *Plano de desenvolvimento sustentável da região do Seridó norte-rio-grandense*. v. 1. Caicó, 2000. Diagnóstico.

ROTEIRO Seridó. Natal: SEBRAE, 2005.

SOUZA, Jessé. A Sociologia dual de Roberto da Matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. vol. 16. n. 45, fev. 2001.

**FONTES ORAIS**

ARAÚJO, Antenor Salvino de. *Entrevista concedida a Ana Nery Silva de Oliveira*. Caicó, 20 abr. 2007.

ARAÚJO, Antenor Salvino de. *Entrevista concedida à Flávio Rodrigo Freire Ferreira*. Caicó, 25 jul. 2007.

ARAÚJO, Antenor Salvino de. *Entrevista consedida a Sebastião Genicarlos dos Santos*. Caicó, 25 jul. 2007.

ARAÚJO, Joaquim Aurélio de. *Entrevista concedida a Olivia Moraes de Medeiros Neta*. Caicó, 24 jul. 2007.

ARAÚJO, José Tadeu. *Entrevista concedida a Cyro de Almeida*. Caicó, 27 jul. 2007.

AZEVEDO, Francisco Gregório de. *Entrevista concedida à Cristina Galvão Ribas e Maria das Dôres Medeiros*. Caicó, 23 nov. 1999.

BRITO, Nilson de. *Entrevista concedida a José Antônio Fernandes de Melo*. Caicó, 20 jul. 2007.

BRITO, Pedro George de. *Entrevista concedida a Ana Zélia Maria Moreira*. Caicó, 29 jul. 2007.

DANTAS, Amália Maria Costa de Azevedo. *Entrevista concedida a Flávio Rodrigo Freire Ferreira*. Caicó, 24 jul. 2007.

DIAS, José. *Entrevista concedida a José Antonio Fernandes de Melo*. Caicó, 21 jul. 2007.

FECHINE, Cleber César. *Entrevista concedida à Ana Zélia Maria Moreira*. Caicó, 26 jul. 2007.

FONTES, Diana Pinheiro. *Entrevista concedida a Rosenilson da Silva Santos*. Caicó, 27 jul. 2007.

GUERRA FILHO, Adalto. *Entrevista concedida a Ana Nery Silva de Oliveira*. Caicó, 09 maio 2007.

LUCENA, Maria do Socorro Diniz de. *Entrevista concedida a Gracineide Pereira dos Santos*. Caicó, 23 jul. 2007.

MEDEIROS, Julião Antão de. *Entrevista concedida a Olívia Moraes de Medeiros Neta*. Caicó, 24 jul. 2007.

MELO, Gléiber Dantas de. *Entrevista concedida a Gracineide Pereira dos Santos*. Caicó, 24 jul. 2007.

SALES, Ronaldo Batista de. *Entrevista concedida a Ana Nery Silva de Oliveira*. Caicó, 09 maio 2007.

SILVA, Allan Stephan Araújo Rodrigues. *Entrevista concedida a Cléryston Rafaell Wanderley de Medeiros*. Caicó, 05 set. 2011.